

Os Aruaques

Uma contribuição ao estudo do problema da difusão cultural

Max Schmidt

Índice

Notas preliminares metodológicas.....	2
Capítulo 1. Exposição sumária geral das culturas aruaques.....	4
Capítulo 2. Motivos da expansão das culturas aruaques.....	12
Capítulo 3. Meios de expansão das culturas aruaques.....	19
Capítulo 4. O caráter da expansão das culturas aruaques.....	37
Capítulo 5. Posição da cultura aruaque perante as demais culturas da América.....	41
Capítulo 6. Influência da maneira de expansão das culturas aruaques sobre a evolução cultural dos bens de cultura.....	47
Conclusão.....	53

Notas Preliminares Metodológicas

Múltiplos são os problemas da Antropologia, bem como são múltiplos os métodos que tentam, passo a passo, ao aproximar da solução desses problemas. Desde o florescimento dessa nova ciência, durante os últimos decênios, seus problemas e resultados foram incluídos no âmbito de outras ciências análogas que, como ela, buscam, como alvo elevado, a compreensão geral e ampla dos vários aspectos e formas da humanidade e sua evolução, seja como um fim em si, seja como meio para incrementar a solução dos problemas culturais do homem, em bases científicas. A etnologia não mais entra em consideração somente na sua qualidade de disciplina independente; ela é também ciência auxiliar dos estudos históricos, da psicologia, dos estudos de religião, da jurisprudência e, sobretudo, da sociologia, com seu ramo principal, a economia nacional. Surgem-lhe assim exigências novas, principalmente do ponto de vista sistemático. Para ela, esses rumos científicos, que a ela já se adiantaram muito, quanto ao método e à elaboração sistemática, não entram mais em consideração unicamente como meios suplementares para estimular novas indagações ou para o estabelecimento de novos métodos. Ela não deve mais traçar seus próprios rumos, abrir seus caminhos, na parte de solo inculto que lhe cabe, seguindo apenas o exemplo dessas ciências vizinhas; de seu lado ela deve contribuir para anexar a rede de caminhos que, todos os lados, conduz à elevada meta comum, ao seu campo de ação, dentro do qual ela deve desenvolver na maior perfeição possível. Somente por caminhos assim regulados, sistematizados, a etnologia pode progredir. A não ser assim, ela se desviará por atalhos e perderá o contato com a incontida marcha para o futuro das ciências, perdendo também a posição que lhe compete entre elas, por sua importância.

Já no ano de 1912, Weule deu à etnologia o postulado de observar mais atenciosamente do que até então, em suas pesquisas, a marcha e a evolução das camadas raciais e etnológicas em cada parte do globo. Para ele é tarefa da etnologia "pesquisar e desvendar autonomamente, guiada pelos usos e costumes, pelos utensílios da vida quotidiana, dos povos, os processos de aculturação e formação de povos nas diversas regiões da superfície terrestre"¹.

Justamente durante a realização do presente trabalho acerca da difusão das culturas aruaques pela América do Sul tornou-se-me bem claro o quanto esse postulado da etnologia é agora foi negligenciado nos estudos americanistas. Faltam até agora por completo trabalhos preliminares sistemáticos para a solução do problema sociológico da forma pela qual se processa a difusão das culturas sul-americanas² e, no entanto conta-se frequentemente, nos trabalhos etnológico, — podíamos dizer, infelizmente — com essa difusão. Se por isso os resultados de meu trabalho, baseado essencialmente em fatores sociológicos, em muitos pontos não concordam com opiniões anteriores, essa discordância é devida principalmente ao método empregado; por essa razão devo aqui entrar em detalhes, para justificar-me, dos pontos de vista metodológicos generalizados.

De modo mais unilateral e, — bem se pode dizê-lo — mais sem critério, do ponto de vista sociológico, a distribuição das culturas sul-americanas foi ultimamente considerada pela teoria do "círculo de cultura" que recentemente, nos debates em torno de questões metodológicas, tem "levantado muita poeira". Gräbner³ e sobretudo P.W. Schmidt⁴ trouxeram de fora essa teoria e

¹ . Karl Weule: Etnologia e História Primitiva no 20º Século. (1902, p. 3 e 20).

² . A maneira pela qual a cultura européia em uma determinada região de índios sul-americanos, acha-se tratada no 10º capítulo de meus "Estudos sobre Índios no Brasil Central. Aventuras e Resultados Etnológicos de uma viagem nos anos de 1900-1" Berlim, 1905.

³ . Gräbner, Dr. F.: A "Cultura do Arco" Melanesia e seus Afins. Em *Anthropos*. V. IV (1909) fac. 3, 4, 5, 6. O mesmo: Método de Etnologia. Heidelberg, 1911.

⁴ . P.W. Schmidt: Círculos e Camadas Culturais na América do Sul. Em *Revista de Etnologia*. Ano 45. (1913) fasc. VI. p. 1014 e segs.

introduziram nos estudos americanistas; por sua estreita relação com nosso tema especial nos ocuparemos ainda minuciosamente com ela no decorrer de nosso trabalho. Não é este o lugar adequado para tratar isoladamente de cada uma das controvérsias sobre se a semelhança existente entre certos fenômenos culturais em regiões afastadas uma das outras deve ser atribuída a formações autônomas ou a expansão da cultura, a relações étnicas. Indico, como orientação, a límpida visão e o julgamento desse ponto debatido, na obra de Arthur Haberland⁵. Um julgamento decisivo da questão naturalmente só é possível após trabalho mais metucioso e amplo com material possivelmente extenso, colhido de fatos comprovados, e que se ocupe especialmente da maneira de formação de tais fenômenos culturais bem como da expansão das culturas locais (da América do Sul?). Somente após longos trabalhos preliminares nesse sentido se poderá determinar se nos casos, tomados isoladamente, em que haja concordância, se trata de formação autônoma ou de fenômeno introduzido.

Na confusa e variada mistura de unidades culturais sulamericanas, que tão evidentemente se reflete na algaravia de línguas, a diferença entre certos elementos de cultura em zonas próximas uma à outra é tão notável como a semelhança entre tais elementos em zonas afastadas uma da outra. Também essa ocorrência somente encontrará explicações em trabalhos sistemáticos acerca da formação e expansão das culturas sul-americanas, ou seja de alguns bens culturais.

O que acima ficou dito indica, em linhas gerais, a orientação do presente trabalho vem como a finalidade das conclusões alcançadas. Baseado em fatos, na sua maioria verificados por pesquisas minhas, o mesmo pretendo dar, por método indutivo, uma contribuição à solução de um dos mais importantes problemas que as ciências afins nos dão para solucionar, como urgente postulada da etnologia, e ao qual somos impelidos também por nossa própria ciência. Para executar satisfatoriamente essa tarefa, para estabelecer verdadeiramente os fundamentos do contínuo desenvolvimento desse problema quanto à América do sul, devem naturalmente ser aproveitados com a possível perfeição, os resultados obtidos por meios dedutivos por parte de outras ciências. Estes darão forma ao trabalho, ao passo que seu conteúdo deve basear-se unicamente em fatos verificados por observação.

Como o alcance do presente trabalho, em virtude dos problemas fundamentais nele tratados, ultrapassa os limites dos estudos americanistas, devo, para melhor compreensão geral dos fatos especiais abordados, dar, no primeiro capítulo, uma exposição sumária das culturas aruaques, antes da parte essencial propriamente dita, da obra. Nos três capítulos seguintes está contida a parte principal, sendo tratados em primeiro lugar os motivos da expansão das culturas aruaques, em seguida os meios com os quais ela se verifica, e finalmente, a essência e as conseqüências dessa expansão. No quinto capítulo segue-se um debate sobre a posição dos aruaques perante as outras culturas da América, e o sexto capítulo trata da influência do modo de expansão das culturas aruaques nas transformações dos bens culturais tomados isoladamente. O capítulo final constitui uma exposição resumida dos resultados da presente pesquisa, com vistas para o alcance que o princípio de difusão estabelecida para as culturas aruaques tem para ulteriores estudos etnológicos.

⁵ . A. Haberland: Paralelos pré-históricos. Tese da Univ. Viena. Braunschweig 1912. Igualmente: M. Haberland: Crítica da Teoria das Camadas e Círculos Culturais. Em: Comunic. Petermann. 1911 — 1º Fasc. 3, p. 113 e segs. Ig. K. Weule 1. p. 6 e 26.

Capítulo 1

Exposição sumária das culturas Aruaques

Para compreender corretamente a posição das culturas aruaques na América do Sul, devemos ter presente que se trata aqui do resultado de uma determinada evolução histórica que abrange lon

[Falta uma página, provavelmente com as chamadas da nota⁶ e da nota⁷]

"As línguas aruaques do noroeste do Brasil e das Regiões Adjacentes" foram publicadas por Koch-Grünberg em um tratado à parte⁸.

De grande importância são além disso, para o estudo das culturas aruaques, as viagens de Nordenskiöld, de tão bom êxito. Devemos às viagens de Nordenskiöld as minuciosas descrições dos Chanés, pertencentes ao grupo aruaque, com seus importantes esclarecimentos acerca das ligações daqueles com os Chiriguanos e com as outras tribos vizinhas⁹, sendo também Nordenskiöld que pela primeira vez, mediante escavações, nos proporcionou uma visão da antiga cultura aruaque. Juntamente com os relatórios de antigos autores, os resultados de suas pesquisas arqueológicas nos dão um bom quadro do nível cultural remoto dos antigos Mojo e Bauré¹⁰, cujos descendentes, nas missões já há muito decadentes, daquela região, somente podem ser considerados ainda como os pobres restos desses centros de cultura aruaque. Novos dados sobre os Parecis foram apresentados por Roquete-Pinto ao Congresso Americanista de Londres, em 1912, sob o título: "Os índios Nhambiquaras do Brasil Central. Resultados etnográficos da Expedição Rondon".

Minha viagem de estudos etnográficos no ano de 1910, às cabeceiras dos rios Cabaçal, Juruena e Guaporé, na Serra dos Parecis, me levaram na região limítrofe dos Parecis, já conhecidos de antigos relatórios, do ano de 1723, cuja língua, como já Von den Steinen¹¹ averiguara, pertencia ao grupo aruaque, com o típico prefixo prenominal "nu". Com o auxílio de dois índios Parecis alcancei, através de um aldeamento indígena junto ao Cabaçal, de nome Zagurigatzé, os índios ainda não conhecidos na cabeceira do Jauru e Juruena. Também,

⁶ . No Arquivo de Antropologia. Nova série vol. 3, fasc. 1, p. 47/9. Comparar também o trabalho anterior de Ehrenreich: A divisão e distribuição das tribos étnicas do Brasil, segundo o atual estado de nossos conhecimentos. Com. de Petermann 1891 fasc. 4 e 5, p. 3, 15, 16 – com mapa.

⁷ . Koch-Grünberg: Dois anos entre os índios. Viagem no norte do Brasil 1903/5. vol. 1 e 2. Berlim 1909. Índice dos fasc. isolados das observações dessa viagem, vide: vol. 1 Prefácio, p. 2. Da última viagem de Koch-Grünberg no ano 1911/13, até agora só existem comunicações provisórias, das quais porém já agora se pode ver que do trabalho definitivo podemos esperar um enriquecimento das noções das culturas aruaques. Comp. Koch-Grünberg "Terminação de minha viagem ao norte do Brasil, Orinoco, etc." na rev. de Et. ano 45 1913 fasc. III p. 448 e segs. bem como no jornal da Soc. Al. de Antropologia Etn. e Hist. Prim. ano XLIII 1912, p. 97 e segs. O mesmo: Minha viagem pelo norte do Brasil ao Orinoco 1911/13, rev. de Soc. de Geogr. de Berlim 1913. p. 1 segs.

⁸ . Nas Comunicações da Soc. Antr. Viena, vol. 41 (3ª Sér. 11) Viena 1911.

⁹ . E. Nordenskiöld: Vida Indígena. El Gran Chaco (América do Sul) Leipzig 1912. Original sueco: Estocolmo.

¹⁰ . O mesmo: Urnas funerárias e "mounds" na planície boliviana. Arq. de Basel. 3, fasc. 5, p. 205 segs. Leip. e Berlim 1913. Idem: Pesq. Arq. na Plan. Boliviana. Rev. Etn. ano 42, 1910. fasc. 5, p. 806 ss. Idem: Índios e Brancos. Estocolmo.

¹¹ . Karl. von den Steinen: Entre Povos Primitivos do Brasil Central. Descr. de viagem e resultados da segunda expedição ao Xingu, 1887/8 Berlim 1894. p. 427 ss.

geograficamente, esta era até agora terra incógnita. Aqui, nesse rincão do mundo, tanto tempo inatingido pela cultura européia, eu teria oportunidade de, até certo ponto, tomar parte, durante o convívio com os índios, na expansão da cultura pareci, isto é, de uma parte da cultura aruaque. Na publicação dos resultados dessa viagem¹² estudei, no primeiro capítulo, os dados históricos acerca dos Parecis e os povos vizinhos que nos foram transmitidos, juntamente com minhas próprias observações. Já ali frisei que essa maneira da expansão da cultura aruaque não é única, podendo ser averiguada também em outras regiões. Apesar de já então estar convicto da importância do assunto; no qual apenas tinha tocado, me decidi adiar um estudo mais acurado do mesmo para ocasião ulterior, por não ter se enquadrado na minha atividade uma elaboração mais extensa desse tema¹³.

Antes de passar à descrição da distribuição geográfica das tribos aruaques, devemos estar às claras sobre o que significa o nome aruaque no sentido aqui considerado. Ehrenreich diz, em lugar de sua etnografia da América do Sul acima citada: "Com nomes como Caraíbas, Aruaques, Tupis, Gês, reunimos tribos do mesmo grupo lingüístico, cujo parentesco mútuo somente é determinado pela análise científica. É possível admitir-se sua descendência de um hipotético povo primitivo, do mesmo modo como se o faz com as chamadas tribos indo-germânicas do velho Mundo¹⁴."

Veremos mais tarde que a segunda das duas proposições acima confrontada com o resultado da presente pesquisa não se revela ser exata. Para nós só é de importância que a idéia "Aruaque" (Arowaken) tal como é empregada no presente trabalho e como também o é, de modo predominante, nos estudos americanistas atuais, é uma noção artificial, criada pelos americanistas, sob a qual são reunidos um certo número de tribos cujas línguas têm afinidade mútua, do continente sul-americano. Não havia dúvida que entre povos com línguas da mesma família existem ou existiram certas ligações culturais diretas ou indiretas, ou certas relações, pelo menos em algum período anterior. Não devemos, no entanto, sem provas concretas, nos casos individuais, tomar como certo que também os limites dessas ligações ou relações culturais sejam os mesmos da afinidade lingüística. De fato poderemos citar casos, nas páginas seguintes, em que tal não se dá. Assim só podemos concordar com a afirmação de Ehrenreich, de que, baseado nas línguas, se possa estabelecer uma orientação satisfatória na confusão das inúmeras pequenas tribos da América do Sul¹⁵, se pretender-mos conseguir uma orientação provisória. Para um esclarecimento verdadeiro básico, sólido, das condições de afinidade das tribos será preciso empregar também outros métodos além da comparação entre as línguas. Mas, para a presente exposição sumária geral das culturas aruaques é o bastante adotar provisoriamente o predominante princípio de divisão, baseado unicamente nas línguas, e empregar o nome coletivo aruaque nesse sentido. Falamos da maioria, das "culturas aruaques", que podem estar entreligadas historicamente, por épocas, mas pelo menos atualmente, não estão ligadas geograficamente, por territórios.

Como verdadeiro fundador do nome coletivo lingüístico "Aruaques" deve ser considerado K. von den Steinen. Os resultados conseguidos com suas duas expedições ao Xingu se tornaram, para a classificação dos muitos povos da América do sul, como para muitas outras coisas na

¹² . M. Schmidt: Os Parecí-Kabisí. Res. Etnol. da Expedição às cabeceiras do Jauru e Juruena. 1910. Bassler-Archiv. vol. 4 fasc. 4/5. Leipzig e Berlim 1914. Para orientação comp. meu curto relatório no ano de 1912, fasc. 1 da Rev. p. Etn.: M. Schmidt Viagens em Mato Grosso no ano de 1910. p. 131/7.

¹³ . M. Schmidt, Os parecí-Kabisí, l.c.p. 174 ss.

¹⁴ . l.c.p. 43.

¹⁵ . Ehrenreich: A Etnologia da América do Sul ao Começo do Século XX p. 42.

etnologia sul-americana, decisivas e orientadas¹⁶. Já P. Gilij¹⁷ pressupôs a afinidade entre várias tribos que hoje reunimos sob o nome coletivo Aruaque e, graças a Lucien Adam¹⁸ foi possibilitado, pelo estudo do material lingüístico coletado por Crevaux, confrontar as mesmas com os Caraibas, e concluir ter-se tratado dos Maipurés. Visto que a afinidade lingüística na maioria dessas línguas, que podem ser consideradas cognatas, já é caracterizada externamente pelo prefixo pronominal "nu", K. von den Steinen propôs para elas a denominação de "tribos "nu"¹⁹. Essas tribos formam com os aruaques da costa noroeste da América do Sul uma família de povos caracterizada por um traço idiomático comum, e por isso K. von den Steinen reúne esses dois grupos de tribos com a denominação Nu-Aruaque²⁰. Na segunda obra relativa ao Xinguele empregou de um modo generalizado a designação "Nu-Aruaque" para as novas tribos Nu por ele descobertas²¹, sendo por isso a denominação usada em geral pela moderna etnologia²² tendo-se somente, em ocasião recente, eliminado de novo o "nu" antes essa denominação²³ reunindo sob o nome "Línguas Aruaques" os idiomas de todas as tribos pertencentes à mencionada grande família de povos — inclusive as tribos "Nu" -. Nesta última acepção deve-se também entender o nome Aruaque, ao falarmos no presente trabalho da expansão das culturas aruaques.

A mais perfeita visão das extensas regiões da América do Sul sobre as quais se acham distribuídas as tribos aruaques e com elas os portadores da cultura aruaque, nos é dada pelos mapas de K. von den Steinen e de Ehrenreich^{24, 25}. Como complemento deve-se usar também o mapa etnográfico de Koch-Grünberg²⁶, para a região no alto Rio Negro e Japurá²⁷.

O mapa anexo, que inclui também as pesquisas mais recentes, da distribuição das culturas aruaques, mostra que o acervo principal das tribos aruaques tem atualmente sua localização nos afluentes superiores do Amazonas. Mas nós a encontramos também em grande número no Orinoco e nas Guianas. Em épocas antigas as Antilhas foram habitadas por Aruaques. Também

¹⁶ . K.v.d. Steinen: Pelo Brasil Central. Expedição para a Exploração do Xingu, no ano de 1884. Leipzig 1886. O mesmo: l.c. acima.

¹⁷ . Gilij. Filippo Salvatore: Ensaio da História Americana, ou seja história natural, civil e sagrada dos reinos e das províncias espanholas da terra firme da América Meridional. Roma, 1782. Tomo III p. 239. "Mas nada a dita província dos Mossis mais se assemelha ao Orinoco do que no falar daqueles índios, semelhante ao de Maipuri. Isto parecerá estranho, dada a grande distância entre os lugares. Conf. K. Steinen: Pelo Brasil Central, p. 290. Ehrenreich: l. c.p. 15.

¹⁸ . Ehrenreich: Divisão e Distribuição das Tribos do Brasil. p. 3.

¹⁹ . K.v.d. Steinen. l.c. 294.

²⁰ . l.c. 294/8.

²¹ . Steinen: Povos Prim. B. Central 158.

²² . Ehrenreich: l.c. p. 15 — Kerseen, Dr. L.: As tribos indígenas do Gran Chaco até o fim do 18º século. Arq.Intern. de Etnogr. XVII 1905, p. 69.

²³ . Ehrenreich: Etnografia, XX. século. p. 47 ("Arowaken") Nordenskiöld: Hist. da Cult. dos Índios Sul-americanos. Estocolmo. p. 14 ("Arowakerna"). Koch-Grünberg. p. ex. em seu trat.: Línguas aruaques do noroeste do Brasil e das regiões adjacentes. l.c. M. Schmid; l.c.

²⁴ . Steinen: l.c. p. 298: "Resumo das tribos importantes, que entram em consideração para a relação entre Nu, Caraibas, Tupi, bem como para o agrupamento dos Tapuias.

²⁵ . Ehrenreich: l.c.: Carta Etnográfica do Brasil.

²⁶ . Koch-Grünberg: Atrás do citado tratado sobre línguas aruaques do noroeste do Brasil e das regiões adjacentes: carta etnográfica da região do alto Rio Negro e no Japurá, com especial atenção para as tribos aruaques.

²⁷ . Conf. Carta línguas de E. Nordenskiöld, além p. 18 do seu livro: História da Cult. dos Índios Sul-americanos, na qual a região dos Aruaques se acha delimitada por uma linha.

Como inexacta deve ser qualificada a carta lingüística de P. Schmidt que ele anexou, sob o título "Deposição dos círculos culturais e dos grupos lingüísticos da América do Sul", ao seu trabalho da Rev. Etn. ano 45, 1913. fasc. VI: "Círculos Culturais e Camadas Culturais na América do Sul". Contrário a esta carta, os Goajiro pertencem aos aruaques, ao passo que os chamados Guaná del Chaco não devem ser atribuídos aos mesmos.

os Goajiros, que habitam o norte da Venezuela, pertencem a esse grupo. As tribos Purus, sobretudo os Ipurinás, distribuídos por uma região bem vasta, constituem a ligação às tribos Ucaiali dos Piro e Anti, por um lado, e com as tribos Mamoré dos Mojo e Bauré por outro. Daqui, em direção sul, os Chanés devem ser considerados uma tribo aruaque²⁸. Os Parecis, finalmente, formam o elo de ligação com as ramificações orientais desse grupo, no Xingu, bem como com suas ramificações mais ao sul, na bacia do Paraguai, o Guanás e seus parentes.²⁹

Diversas ocorrências relacionadas com esses aruaques, distribuídos por uma tão vasta zona, criaram para a etnologia importantes problemas, cuja solução está intimamente ligada com a nossa pesquisa pela espécie da expansão dessas culturas aruaques.

Já uma vista pelo mapa anexo mostra claramente que a extensa região pela qual estão distribuídas as tribos aruaques não é habitada unicamente pelas mesmas, pelo menos não em massas compactas, sendo perpassada também, por toda a parte, por tribos de outros idiomas e outras culturas. Se delimitarmos, como o fez Nordenskiöld em seu pequeno mapa acima mencionado³⁰, as grandes regiões lingüísticas dos aruaques dos caraíbas e Tupis por linhas de contorno, veremos que essas regiões são iguais na sua maior extensão, e que apenas as tribos Tupis em sua distensão para o sul ultrapassam de muito a zona dos dois outros grupos lingüísticos, em compensação recuando no Norte. No limite de expansão oriental das tribos aruaques juntam-se ainda, na ocupação territorial, representantes do grupo dos Jês. Situam-se assim na imediata vizinhança do Yaulapiti, os Suya, pertencentes ao grupo Jês, e, mediante mais perfeito conhecimento dos idiomas na região em sua maior parte ainda não explorada, entre o Xingu e o Madeira, ver-se-ia talvez que o limite de expansão dos Jês ainda deveria ser colocado muito mais ao ocidente. Na vasta região entre o Içá e o Rio Negro vemos finalmente, ao lado das tribos aruaques e caraíbas, por toda a parte, surgirem as tribos do grupo Betoya.

Talvez mais importante ainda do que essa junção territorial dos grandes grupos lingüísticos é a infiltração na região aruaque de hordas, deslocadas de grandes distâncias, pertencentes a diversas tribos lingüísticas isoladas. Na maioria dos casos vivem em ferrenha inimizade com as tribos aruaques, mas freqüentemente também vieram a ocupar uma posição dependente destes últimos, pelo menos em parte. Assim aparecem, na zona do Rio Negro, entre os portadores da cultura aruaque, os Macús. A região do Mojo e do Bauré é atravessada pelos Siriono, e os temidos Trumai tornavam inseguras as margens do rio Kulisehu, também na região das tribos aruaques locais, até que, após uma derrota decisiva por parte dos Suyá, foram subjugados pelos Mehinakú, pertencentes ao grupo aruaque. Várias vezes pode-se verificar casos em que uma dessas tribos, que atravessam o território aruaque ou que com ele limitam, apenas uma parte se tornou vassala dos aruaques, parte essa que passa a ser denominada "índios mansos", em contraste com a parte que permaneceu na antiga independência e também na antiga inimizade, denominada "índios bravos". Diferenciam-se assim os Macús mansos dos Macús bravos³¹, os Kabisí mansos dos Kabisí bravos³², um contraste que se refere evidentemente à posição dessas tribos, de nível cultural baixo, perante os aruaques, de nível mais elevado, que mais tarde terá sido adotado também pelos europeus.

Com a opinião que prevaleceu até agora, de que na distribuição dos diversos grupos de tribos pelo continente sul-americano, temos a conseqüência de extensas migrações de inteiros grupos etnográficos, às tentativas de explicar a promiscuidade de tribos de idiomas tão diferentes levariam à pergunta quanto à origem, pelo menos dos maiores grupos tribais. Assim

²⁸ . Nordenskiöld: l.c.p. 156 ss.

²⁹ . Sobre os deslocamentos dessas tribos em tempo históricos, vide M. Schmidt: Guaná. Rev. Etn. 1903. fasc. II e II e IV p. 324 ss. Igualmente Kersten, l.c. p. 69 ss.

³⁰ . Como acima, p.11 (nota 27).

³¹ . Koch-Grünberg, Dois anos entre os índios. l.c. vol. I, p. 224.

³² . M. Schmidt, Pareci. l.c. p. 168.

diz, por exemplo, Martius,³³ sem maiores elementos comprobatórios, acerca dos Tupis, que estes provavelmente emigram das regiões entre o Uruguai e o Paraguai, passaram pela maior parte do país, chegando ao litoral da Bahia e Pernambuco e às florestas do Amazonas. As maiores divergências existiram quanto à origem dos Caribás, tanto mais que esta questão já surgira por ocasião da chegada dos primeiros descobridores³⁴. Enquanto Alexandre von Humboldt ainda era de opinião que sua pátria deveria ser procurada originalmente na América do Norte, de onde teriam, pelas Pequenas Antilhas, emigrado para a América do Sul, K. von den Steinen tentou provar, mediante amplas provas, que esta imigração só poderia ter se dado, vinda do Sul, onde a língua e a cultura, nos Bakairis e Nahukwas mais próximos à primitiva pátria, teriam permanecido mais puras e mais simples³⁵.

Quanto ao problema da origem de nosso grupo aruaque, K. von den Steinen opina, na sua primeira obra de viagem³⁶, que sua pátria só pode ser procurada no planalto central ou nas Guianas, tendendo, sem proferir uma decisão definitiva, mais para a primeira suposição. Como porém, durante sua segunda viagem pelo Xingu, obteve dos Parecis dados que contradizem essa opinião, isto é, que esta tribo aruaque teria se deslocado do norte para o sul, ele opina que se deve deixar o problema em pendência, por não se poder hoje, dada à falta de material, estudá-lo em toda a sua extensão³⁷.

De meu presente exame dos modos de expansão das culturas aruaques, sobressairá, creio, como uma das conclusões mais importantes, que as hipóteses estabelecidas da maneira mencionada não podem absolutamente conduzir a qualquer resultado concreto, e isso já por não estarem postas corretamente as indagações básicas. Para nos aproximarmos de uma explicação satisfatória da grande mistura de línguas e da amálgama dos mais diversos elementos culturais, não podemos, tal como o quer Martius³⁸ "deslindar os caminhos de povos migratórios da América". Tais deslocamentos podem se dar e de fato se deram, como por exemplo, nos extensos planos do Chaco, onde são provocados por determinadas condições locais muito peculiares. Também o rápido avanço dos invasores europeus teve muitas vezes como consequência grandes deslocamentos de tribos. Assim K. von den Steinen atribui a peregrinação rio acima dos Jurunas ao fato de procurarem salvar-se da civilização, tomando um rumo ao sul.³⁹ Certamente tais migrações influenciaram muito a atual condição dos diversos grupos etnográficos da América do Sul, mas ela não foi, de modo algum, criada pelas mesmas. Correntes culturais, quer sejam de categoria idêntica umas as outras que se repetiram muitas vezes, quer sejam diversas, envolveram continuamente uma população já anteriormente existente, entraram em contato, sofrendo influência mútua, com as antigas culturas, ou seja, ausência de cultura. Sem dúvida a língua, como acima mencionado, é o meio mais adequado para a orientação provisória quanto às afinidades mútuas na grande confusão de povos reinante na América do Sul e para o agrupamento provisório das tribos isoladas. Assim também nós baseamos a idéia da cultura aruaque, inicialmente, nos idiomas; mas nos dois seguintes capítulos veremos como a unidade etnográfica assim obtida, considerada como portadora da cultura aruaque, em seus modos de vida e em seus produtos culturais apresenta os aspectos mais variados, nem sempre a infiltração de importantes elementos culturais por parte das culturas aruaques está ligada à constante adoção da língua aruaque.

Os melhores exemplos de diferenças entre cada um dos fenômenos culturais em povos do

³³ . Martius, Contrib. a Etn. e Ling. da América, sobre o Brasil. Vol. I, Leipzig. 1867, p. 12.

³⁴ . Steinen, l.c.p. 299 ss. Idem: l.c.p. 395 ss. Ehrenreich: 1. c.p. 50.

³⁵ . Steinen, l.c.p. 403/4.

³⁶ . Idem, p. 297.

³⁷ . Idem 395.

³⁸ . Martius, l.c. p.12.

³⁹ . Steinen, l.c. 238.

mesmo grupo lingüístico — para nós entra apenas em consideração aqui, primeira, o grupo aruaque — são dados pelas grandes zonas de aculturação, que se formam dentro de regiões determinadas, que pela localização geográfica ou por outras condições externas, até certo ponto são isoladas, de tribos diversas quanto à língua. Dois típicos exemplos nos são conhecidos por pesquisas científicas muito exatas: A região das cabeceiras do Xingu, onde representantes de todos os quatro grupos lingüísticos principais formam, a despeito de certas diferenças parciais, uma zona cultural comum, de algum modo uma província geográfica em sentido *bastiânico*; em seguida, a região do Rio Negro, onde se formou relação muito semelhante entre diversas tribos, e sobretudo tribos do grupo aruaque e do grupo betoya. Em ambas as regiões as tribos aruaques foram as doadoras⁴⁰, sendo contudo as condições culturais em ambas as zonas de aculturação decididamente diversas. Para citar somente alguma coisa, indico o importante papel do "tubo de soprar" (arma) e ao mesmo tempo o da seta envenenada, na caça, e nas festas cerimoniais da região do Rio Negro, ambas armas desconhecidas no Xingu. As festas com danças religiosas, no Rio Negro, estão sempre ligadas ao uso de caxiri ou outras bebidas com efeito embriagador, que nas cabeceiras do Rio Xingu não existem. A forma da ornamentação dos utensílios é muito diversa em cada uma das duas regiões. Entre os padrões de tecidos e dos ornamentos de superfícies que deles derivam, os meandros tem, no Rio Negro, importante papel⁴¹, sendo propositadamente diferentes das formas de losango que também ocorrem, ao passo que no Xingu só ocorrem estes últimos⁴². Nas cabeceiras do Xingu fabricam-se exclusivamente canoas de cascas de árvores, ao passo que na região do Rio Negro se empregam canoas verdadeiras. O tipo de construção de casa é absolutamente diferente nas duas regiões. Assim, muitos outros bens culturais ainda poderiam ser comparados, que apresentam entre si uma notável diferença. Mas, no entanto, já externamente se reconhece um grande traço comum que atravessa ambas as regiões de aculturação, o que já aqui devemos mencionar. Por toda a parte onde encontramos tribos aruaques ou sua influência, deparamos com típicos agricultores, cujos modos de vida, embora em forma muito diversas, se acham intimamente ligados ao cultivo do solo. A essa raiz comum na vida econômica correspondem também as ocorrências sociológicas.

Quão grandes podem ser as diferenças dos elementos culturais tomados isoladamente, em um tipo de cultura em geral análogo, quanto à vida econômica nas diversas tribos aruaques sobressai mais claramente das condições de sua arte de navegar. Ao passo que as antigas tribos aruaques nas Antilhas navegaram o mar com suas canoas, para atingir suas ilhas, que os antigos Mojo cortaram seu habitat com canais ainda hoje reconhecíveis, para facilitar suas viagens aquáticas⁴³, e que piroga de casca de árvore ou canoa estão em uso em todas as tribos aruaques nas regiões das cabeceiras dos rios Xingu e Rio Negro, e ao passo que os Arruás e os Paumarís até constroem sua moradia sobre jangadas flutuantes,⁴⁴ os vizinhos destes últimos, os Yamamadi⁴⁵, não possuem barcos. Da mesma maneira os Chanés não tem embarcações⁴⁶, e os Parecís-Kabisi, da Serra dos Parecís, onde nos córregos e ribeirões nas chamadas cabeceiras, não há possibilidades para a navegação, nem ao menos possuem mais em seu idioma a palavra aruaque para canoa e remo⁴⁷.

Como último exemplo da diferença entre as diversas manifestações da cultura em cada

⁴⁰ . Idem p.217 — Koch-Grünberg: l.c. Vol. II, p. 231.

⁴¹ . Idem, l.c.p. 216, ss. 238.

⁴² . M. Schmidt: Estudos de Índios. l.c. p. 345 s.

⁴³ . E. Nordenskiöld: Urnas, etc. p. 249.

⁴⁴ . Ehrenreich: Contr. a Etn. do Brasil. Museu Real de Antropologia, Berlim. vol. II. 1891. fasc. 1/2 p. 50 s. Idem: Etnografia, etc. p. 49

⁴⁵ . Idem: l.c. Contr. p. 53.

⁴⁶ . Nordenskiöld: Vida Indig. p. 186.

⁴⁷ . M. Schmidt: Os Parecís etc. l.c.p. 245. K.v.d. Steinen trouxe dos Parecís da região de Diamantina a palavra aruaque, "misa" como significando canoa de cascas. Conf. Entre os povos primitivos etc. p. 543.

uma das tribos aruaques, desejaria mencionar uma peculiaridade dos Mojo, na região do Mamoré, sobre a qual obtivemos esclarecimentos através das excelentes pesquisas de Erland Nordenskiöld. Refiro-me à ereção, ou melhor, ao aproveitamento de colinas de terra, artificiais, sobre o que ainda falarei mais tarde. Podemos deixar de mencionar aqui as condições econômicas dos Goajiro, que levam uma típica vida pastoril, pois essa peculiaridade é devida, sem dúvida, à influência européia e talvez também à africana, sendo para nós somente de importância secundária.

Ainda mais importante do que essa diversidade dos elementos culturais nas tribos aruaques são grandes diferenças entre os diversos graus atingidos na escala cultural, nas várias épocas e nas diversas regiões.⁴⁸

É próprio de toda a evolução das condições sul-americanas desde a conquista, que as culturas aruaques tiveram a época de seu desenvolvimento máximo antes da expansão ulterior dos europeus, pois justamente os pontos de centralização das culturas aruaques onde havia mais rígida organização, nos quais elas poderiam atingir maior perfeição, ofereciam ao europeu invasor um meio muito adequado para a exploração econômica das condições do índio. Assim justamente essas estavam mais expostas ao processo de assimilação com a cultura européia que avançava. Com a incorporação na comum esfera de interesses européia, as antigas culturas nativas retrocederam a um estado primitivo que Erland Nordenskiöld designa tão acertadamente como "cultura de lata de conserva"⁴⁹. No lugar da antiga confederação de Manaus que, com rígida organização, reunia grandes unidades de povos, formando uma considerável potência, surgiu o centro do poder europeu sobre todo o estado do Amazonas. O nome da capital desse estado, Manaus, lembra ainda hoje o antigo poder, já há muito desaparecido, que os aruaques aqui tinham desenvolvido⁵⁰. O grau relativamente elevado da cultura aruaque nas grandes Antilhas já é posto em destaque nos relatórios dos primeiros descobridores, e aqui, como na ilha de Marajó, os achados arqueológicos dão prova de uma evolução cultural como só a encontramos na região dos antigos mojo⁵¹. No extenso reino que os Parecis ainda possuíram no ano 1723, segundo o relatório de Antônio Pires de Campos,⁵² ainda voltarei a falar mais a adiante, ao tratar de minhas próprias observações junto aos Pareci-Kabisi. Confrontam esses centros de bem elevado desenvolvimento cultural, tribos aruaques em nível bem primitivo, como exemplo, as tribos do Purus, dos Ipuriná, Yamamadis e Paumarís⁵³.

Que a natureza aruaque de cada tribo nem sempre pode ser reconhecida pelo estado atual de seus idiomas, depreende-se dos casos em que o original dialeto aruaque de uma determinada tribo foi, comprovadamente, usurpado por outra língua. Nesses casos, que foram observados, trata-se de trocas de línguas de grupos bem diversos. Assim, Koch-Grünberg nos comunica um caso em que uma tribo trocou duas vezes consecutivas sua língua⁵⁴. Os Cauás, tribo aruaque que vivia há tempos junto ao Querarí, o maio afluente da margem esquerda do alto Caiarí-Uaupés, tomaram, ao lado de muitos hábitos, também a língua dos Cobeuas, que invadiam a região. Quando transferiram sua morada para o Aiari, entraram novamente em contato direto com aruaques puros, principalmente com os Siusí, com os quais contrairam muitos conúbios. Assim é que hoje só os mais velhos falam Cobeua, ao passo que a geração mais nova fala de novo um dialeto aruaque. Os Heloua, do alto Cuduiari e as tribos Baniva, do Querari esqueceram o seu

⁴⁸ . Ehrenreich. A ethnogr. no com. etc. l.c.p.48.

⁴⁹ . Nordenskiöld: Vida Ind. p. 10.

⁵⁰ . Martius: Contrib. Etn. etc. vol. 1. p. 578.

⁵¹ . Nordenskiöld, nas. l.c.p. 244 ss.

⁵² . Revista Trimestral do Inst. Hist. XXV. Rio de Janeiro. 1862, p. 443.

⁵³ . Ehrenreich: A Ethnogr. no Começo, ect. p. 49.

⁵⁴ . Koch-Grünberg: Dois anos entre, etc. p. 116/17.

antigo dialeto aruaque em virtude da influência do idioma Betoia⁵⁵. Comprovadamente também os Chanés, tribo originalmente aruaque, só mais tarde adotaram a língua Chiriguano. No tempo em que Erland Nordenskiöld visitou essa tribo, apenas ainda algumas poucas pessoas falavam o idioma original aruaque, e também desses era difícil obter dados seguros, visto ter essa língua adquirido até certo ponto os característicos de uma língua secreta⁵⁶.

Tais modificações de idiomas por meio de apropriação de outros, como um todo, foram naturalmente influenciadas de modo peculiar pela formação de línguas gerais, de intercâmbio, que se formaram principalmente nas diversas zonas de aculturação. Conhecida é a significação que certos dialetos tupís adquiriram como línguas de circulação, de relação entre uma tribo e outra; elas foram, sob o incremento das missões, transformadas mais tarde, sob a denominação de língua geral, na bacia amazônica e do guarani, no Paraguai, na única língua em curso para extensas partes da América do Sul, não só entre os próprios nativos mas também entre brancos e índios. Na região de aculturação junto ao Uaupés e ao Tiquié, o idioma tucano, pertencente ao grupo Betoia, é empregado de modo geral como a língua para as relações⁵⁷; confrontada com ela o Tariana parece ser segundo Koch-Grünberg, um idioma em vias de se extinguir. Tendo-se em vista a superioridade cultural dos aruaques sobre as tribos vizinhas, é uma ocorrência que desperta a atenção, passarem os dialetos aruaques, na formação de línguas gerais, tanto para plano secundário.

Já aqui deve ser frisado que, nos casos tomados individualmente, com o retroceder dos dialetos aruaques não está necessariamente ligado um retrocesso das culturas aruaques, e que, pelo contrário, a adoção e o emprego da língua alienígena serve justamente para a expansão da própria esfera de poder sobre influências estranhas.

Com isso estão em perfeita concordância os casos como o dos Chanés, em que a primitiva língua nativa, aruaque, ainda vive, somente como língua secreta, de um estreito círculo, ao lado da língua geral, ou o de certas regiões do Caiari-Uaupés, onde o Tariana, um dialeto aruaque, é evidentemente uma língua usada nas cerimônias, encontrando o Tucano o seu emprego mais nas conversas correntes, de todo o dia⁵⁸. De pontos de vistas semelhantes deverão ser consideradas as diferenças existentes no idioma dos dois sexos dentro de uma tribo, para o que nos dão o exemplo mais conhecido os antigos habitantes das Pequenas Antilhas, entre os quais consta que os homens falaram o idioma caraíba e as mulheres aruaque.

Assim uma série de importantes problemas, aos quais conduziram as mencionadas formas e ocorrências dentro das culturas aruaques, se acha estreitamente ligada com a questão da espécie de expansão dos aruaques. Somente após a solução desse importante problema inicial poderão ser explicadas as ocorrências isoladas dessas culturas e poderá ser compreendida sua formação. Somente então poderemos nos dedicar mais de perto à questão de suas relações com as demais culturas e também à de sua posição na história geral da cultura humana.

⁵⁵ . Idem, II, p.66/137.

⁵⁶ . Nordenskiöld: Vida Ind. p. 157.

⁵⁷ . Koch-Grünberg: Dois anos entre Índios, I, p. 340, II, p.17.

⁵⁸ . Idem; l.c. II, 54.

Capítulo 2

Motivos de Expansão das Culturas Aruaques

Até agora a Etnologia não conseguiu, baseada em estudos indutivos exatos, obter quaisquer pontos de referência para o primeiro aparecimento do homem na América do Sul. Embora muitos traços de cultura da América apresentem afinidade com a do Velho Mundo, nos conduzindo, à medida que a ciência etnológica avança e se aprofunda, mais ou menos à conclusão da existência de relações recíprocas de qualquer espécie e em alguma época, com isso nada ainda esta dito quanto à espécie da primeira penetração do homem no continente sul-americano e ainda menos quanto à espécie da primeira penetração do homem no continente sul-americano⁵⁹. Baseados em pesquisas exatas chegaremos cada vez mais a distinguir, também para o continente sul-americano, culturas diversas quanto à época e à história da evolução, embora não o façamos segundo o método da chamada teoria dos círculos culturais. Mas constantemente essas camadas antigas se revelarão como o resultado de relações recíprocas de camadas ainda mais antigas. Por aí, na etnologia, nunca teremos, do ponto de vista etnológico, que partir do fato de existirem em toda parte, onde a natureza proporciona as condições adequadas para a vida do homem e onde quaisquer circunstâncias externas não impossibilitam temporariamente sua permanência, tribos fixas ou nômades em densidade correspondente ao seu nível cultural, e com cuja presença uma nova cultura, a penetrar, tem que contar. Por conseguinte, na expansão de quaisquer culturas, não se pode tratar da imigração de maiores massas étnicas, mas sim, apenas da penetração de uma determinada cultura na região de outra. Em nosso caso especial o estudo da expansão das culturas aruaques só pode pois visar a estabelecer, guiado por material definido colhido em fatos provados, de que maneira a penetração das culturas aruaques na região de outras culturas se processa.

É verdade que a vasta extensão das culturas aruaques não pode ser determinada por acaso, em virtude de fatores externos; aqui fatores bem definidos estiveram constantemente ativos criando a origem dessa predominância de tribos aruaques⁶⁰. Quais foram esses fatores, no nosso caso especial, será o primeiro objeto de nossa pesquisa.

Já apontamos no capítulo anterior o fato de serem as tribos aruaques exclusivamente agricultoras⁶¹. Os raros casos, como o das tribos de Purus, nos quais a agricultura retrocede perante outros ramos de vida, explicam-se com terem as culturas aruaques conseguido calcar nessa parte da população apenas o seu idioma, não o seu característico traço econômico, em toda sua extensão.

Como as condições econômicas que exercem a principal influência na expansão dos

⁵⁹ . Também segundo Weule: Etnologia e História Primitiva no 20º século (1902), p.41, já não é mais tarefa para a Etnologia propriamente dita, mas para a Paleontologia ou a paleo-antropologia, provar a espécie e o processo da diferenciação física do americano da tribo humana primitiva, original, comum, ou de um grupo de raças maior, especial.

Conf. sobre a questão de imigração do americano do Velho Mundo ou seja, sobre seu aparecimento autônomo: Seler: Tratados coligados para o estudo da Língua e da Idade Americanas, vol. II. p. 3 ss. Ehrenreich: Estudos Antropológicos sobre os primeiros habitantes do Brasil, principalmente os dos Estados de Mato Grosso, Goiás e Amazonas (Região do Purus). p. 40 ss. Segundo a opinião de V. Luschans sobre a formação dos índios americanos (Raças e Povos, 1915, p. 72), sua grande diferença entre uns e outros nos leva a "admitir necessariamente múltiplas e variadas raízes das quais se originaram".

⁶⁰ . Sobre o limitado alcance do domínio do acaso, na adaptação da cultura, quanto a bens culturais essenciais, conf. Alfred Vierkandt: A constância na evolução cultural. Um estudo sociológico. 1908. p. 132.

⁶¹ . Conf.: Steinen: Entre os povos etc., p. 217 — Everhard, F. im Thurn: Among the Indians of Guiana, 1883. p.227, 250. — Ehrenreich: Etnografia, etc. p. 48.

aruaques se acham nos mesmos estreitamente ligadas à forma de sua agricultura, devo mencionar algo, em breves palavras, sobre essa lavoura.

Dada a grande expansão das tribos aruaques pela América do Sul temos naturalmente que contar com certas diferenças do clima em cada uma das zonas por eles habitada, que em certos detalhes; como à época adequada para o plantio ou na qualidade das duas principais plantas de cultura, milho e mandioca, certamente foram influentes. Nesse ponto, como em tantos problemas parciais que aqui nos ocupam, faltam até agora estudos completos. Mas as formas de cultivo do solo, decisivas para as condições econômicas que aqui nos interessam inicialmente, baseiam-se em linhas gerais nos mesmo princípios. Temos aqui os agudos contrastes de um clima tropical com períodos de seca e estações chuvosas, resultando daí, como importantes condições a prever para o cultivo do solo, a sua escala reduzida, tanto no espaço como no tempo.

Quanto ao espaço ocupado, o sistema do preparo do solo empregado nas zonas tropicais da América do Sul é muito primitivo, limitado, por ser somente o chão da mata derrubada que oferece as condições primárias adequadas para uma tal lavoura. Só onde a terra é; suficientemente úmida e fértil para que nela se forme mata, ela o é também para a plantação do milho ou da mandioca. O quanto são análogas as condições essenciais para o crescimento da floresta para uma plantação, pude observar anteriormente, muitas vezes, nas tribos do Kulisevu, nas cabeceiras do Xingu, e também mais tarde entre os Kaingua, que eu visitei no ano de 1914, na região da pequena cidade de Ajos, no Paraguai. Onde uma plantação, na mata derrubada, é abandonada após a terra estar cansada, durante muito tempo não cresce novamente a antiga mata, mas a terra, enfraquecida pelo cultivo, permanece inicialmente coberta por um capim duro, semelhante a junco, de modo que durante longo tempo a área que foi lavrada pode ser reconhecida pela vegetação.

Outra coisa é naturalmente quando se empreendem modificações prepositadas com o solo, de modo a afastar-se artificialmente qualquer eventual deficiência que impedia a formação de florestas. Assim, o cultivo do solo com irrigação artificial, tão freqüente no velho Peru, constitui bem outro ponto de partida. Aqui a capacidade de produção do solo, que por si é fértil mas que devido à seca não é revestido de vegetação luxuriante, é conseguida artificialmente pela obtenção, por meios mecânicos, da necessária umidade. Uma outra espécie de cultivo do solo é por isso de peculiar interesse, por dever, pelo menos para a América do sul, ser considerada o começo de toda a agricultura. Tive oportunidade de observá-la na região pantanosa entre o alto Paraguai e o São Lourenço, onde os outeiros de terra artificiais, os chamados aterrados, oriundos de épocas muito remotas, ainda hoje são empregados pelos índios Guató, para suas plantações de palmeira Astkuri. Creio, por minhas minuciosas pesquisas em outro lugar ter provado que esses outeiros artificiais de terra foram origidos pelos antepassados dos atuais Guató, que amontoaram a negra terra humosa, muito fértil, da baixa zona pantanosa, na camada estéril dos lugares mais elevados do terreno, para criar sítios apropriados para suas matas de palmeiras⁶². As escavações de Erland Nordenskiöld em colinas de terra muito semelhantes a essas na região dos Mojo⁶³ fazem supor que os aruaques de outras épocas, daquela região, encontraram essa maneira peculiar de preparo do solo entre os edificadores dos outeiros de terra, pertencentes por sua vez, evidentemente, a bem outras camadas culturais. Mas no atual nível de evolução das culturas aruaques encontramos exclusivamente o sistema de lavoura já descrito, que consiste em tornar aproveitável o solo por meio de derrubadas na floresta, e esse é o único sistema que entra em consideração para a continuação de nossos estudos.

Durante minha longa estadia na segunda aldeia Bakairi, próximo do Kulisevu tive uma

⁶² . M. Schmidt: Os Guató e seu território. Resultados etnológicos e arqueológicos da Exposição ao Rio Caracará no Mato Grosso. Bässler-Archiv. vol. IV, fasc. 6. p. 251 ss.

⁶³ . Nordenskiöld: Urnas, etc. l.c. p.811 ss.

oportunidade favorável de tomar parte no preparo de um vasto trecho de mata, destinado a uma plantação. Pude observar assim o processo com muita exatidão em todos os seus detalhes. Embora os Bakairí não sejam aruaques, o método de trabalho, de derrubada da mata, é sem dúvida, nessa zona de aculturação tão fortemente influenciada pela cultura aruaque, a de uso generalizado entre os aruaques. Podemos pois mencionar aqui nossas observações sem correremos o risco de excessiva generalização, tanto mais que elas foram plenamente confirmadas pelas observações posteriores de Koch-Grünberg na zona aruaque do Rio Negro⁶⁴ e pelas minhas próprias observações posteriores junto aos Paresi-Kabisi⁶⁵.

Para o nosso problema é antes de mais nada importante que essa lavoura representa um enorme trabalho, impossível de ser subestimado, tanto mais se pensarmos que, antes do primeiro contato com europeus, ele era executado exclusivamente com pequenas machadinhas de pedra. Embora se soubesse, como relatei detalhadamente em outro lugar⁶⁶ compensar a imperfeição das ferramentas com hábil aproveitamento das forças da natureza, deixando-se tombar, como o faz um forte vendaval, uma grande parte da mata, era necessário um trabalho penoso. Cada tronco tinha que ser talhado, de maneira a determinar-lhe a direção da queda e por último tinha que ser derrubada uma árvore muito grande e pesada, localizada no extremo da mata a ser derrubada; na queda, ela arrastava consigo as árvores mais próximas, que por sua vez faziam cair as seguintes, fazendo-se assim baquear grupos inteiros de árvores.

O próprio preparo depende de uma certa estação do ano⁶⁷, por terem as árvores derrubadas que secar durante o período das secas, de modo a poder o fogo, ateado mais tarde, queimar os galhos e os ramos⁶⁸. As cinzas da queimada são o único adubo da futura plantação⁶⁹. Os troncos principais não são devorados pelo fogo, que lhes passa por cima, e são simplesmente deixados, deitados no lugar em que tombaram. Elas beneficiam de algum modo a plantação, pois os pés de milho que entre elas germinam ou as ramas de mandioca que entre elas brotam são protegidos durante o primeiro tempo de seu crescimento, contra os raios solares, extremamente violentos. No meu tratado sobre os resultados de minha viagem à região dos Parecis-Kabisis, durante a qual dediquei especial atenção à lavoura dessa tribo aruaque, reproduzi duas fotografias⁷⁰ de típicas plantações nas clareiras feitas na floresta.

Das plantas cultivadas que têm importância para as condições econômicas só entram verdadeiramente em consideração a mandioca e o milho. A julgar pelos relatórios disponíveis parece que entre os aruaques nas Guianas o milho nem foi cultivado, de maneira que aqui, como planta de cultivo apenas ocorre a mandioca⁷¹. Nas tribos do Xingu⁷² e nas do rio Negro⁷³ predomina muito a mandioca, ao passo que o milho como alimento só desempenha um papel muito secundário. Entre Os Parecí-Kabisi predomina em torno da moradia, no Cabaçal e no Jauru, isto é, nas partes orientais de sua região, também o cultivo da mandioca, ao passo que nas partes ocidentais, nas cabeceiras do Juruena e do Guaporé se planta mais milho⁷⁴. Os Chané, que constituem as ramificações ao sudoeste, do grupo aruaque, vivem, como os Chiriguanos, que

⁶⁴ . Koch-Grünberg: l.c. vol. II, p. 202.

⁶⁵ . M. Schmidt: Parecis, etc. l.c. p. 203 ss.

⁶⁶ . Idem: Estudos Indígenas no Brasil Central. p. 102-427.

⁶⁷ . Os Índios na Içana e no Caiari-Uaupés determinam o período da plantação pela posição de algumas constelações astrais, sobre tudo pelas Plêiades. Koch-Grünberg: Dois anos entre os índios. l.c. II, p. 203.

⁶⁸ . M. Schmidt: Estudos, etc. p. 427.

⁶⁹ . Idem, p. 428.

⁷⁰ . M. Schmidt; Os Parecis, etc. l.c.p. 202 s.

⁷¹ . Thurn: Among the indians, etc. p. 251.

⁷² . Steinen: Entre os primitivos etc. p.120. Schmidt: Estudos, etc. 427 s.

⁷³ . Koch-Grünberg: Dois anos, etc. v. II, p. 202.

⁷⁴ . Schmidt: Os Pareci etc. p. 204 s.

habitam a mesma região, tão exclusivamente de milho, que todo e qualquer outro alimento para eles tem papel secundário, sendo a mandioca raramente cultivada⁷⁵. Assim talvez se possa admitir um acréscimo do milho e uma correspondente diminuição da mandioca em direção ao sudoeste, faltam porém, para um julgamento definitivo dessa questão, até agora ainda as necessárias bases. Tive que frizar aqui essa diferença no cultivo das duas principais plantas de cultura, pois a ela acham-se ligadas diferenças radicais na forma econômica, que tem seu motivo na diversidade da produção e da colheita de ambas as plantas. O milho é semeado e atinge relativamente depressa a maturação, e a época da colheita depende de um estado absolutamente definido da maturação. A mandioca é plantada de pedaços de rama e leva habitualmente 2 a 3 anos para atingir o desenvolvimento suficiente de suas raízes⁷⁶. Sua colheita não está sujeita a qualquer período determinado, delimitado, visto que as raízes que já adquiriram um certo tamanho podem ser arrancadas de acordo com a necessidade do momento. As espigas do milho maduras podem ser conservadas, sem quaisquer preparativos, durante longo tempo⁷⁷ ao passo que a raiz da mandioca, logo após a colheita, deve ser trabalhada, transformada em produto durável, para não se deteriorar.⁷⁸

Múltiplos e vários trabalhos, bem como utensílios diversos, são exigidos pelo preparo dos produtos da terra colhidos. Os grãos de milho são triturados em grandes pilões de madeira, geralmente muito bem fixos no chão⁷⁹, sendo reduzidos a uma farinha granulosa. As raízes de mandioca, que devem ser transportadas em grandes jacás das plantações, freqüentemente situadas a grande distância da aldeia, são inicialmente submetidas a uma manipulação complicada, para livrá-las de seu sumo venenoso⁸⁰. Para isso a raiz deve ser descascada com um instrumento primitivo⁸¹ em seguida ela é ralada em um dispositivo especial⁸² e prensada em outro⁸³. A massa grossa que é obtida é secada sendo em sua maior parte transformada em produto durável, que serve de provisão para o período das chuvas, impróprio para a colheita. Entre os Parecí-Kabisi esse produto consistia de discos espessos, perfurados no centro e enfiados em uma vara. Sobretudo a produção desse produto exige muito trabalho. Para a secagem da massa prensada havia nas casas Parecí-Kabisi, jiraus quadrados, instalados sobre grandes lugares em que se acendia o fogo, que se encontra em forma semelhante nas tribos do Kulisehu, em frente das casas, ao sol⁸⁴. A outra parte da massa obtida é socada, dando uma farinha grossa, a qual é peneirada em finos crivos⁸⁵ ou espécies de esteiras trançadas, próprias para peneirar,⁸⁶

⁷⁵ . Nordenskiöld: Vida dos Índios etc. p. 181.

⁷⁶ . Koch-Grünberg: (Dois anos etc. p. 204) — Diz que na região do Rio Negro a mandioca leva dois anos para estar pronta para a colheita. Na região das cabeceiras do Xingu, segundo minhas experiências (Vida Indígena etc.) p. 428 — as raízes são deixadas habitualmente três anos na terra. O dado divergente de Coll, segundo o qual entre os Aruaques na Guiana a mandioca já é colhida após nove meses, se explica talvez por uma adaptação das condições européias aos nativos (C.v. Coll: Dados acerca da terra e da gente de Surinam. No suplemento a etnologia das Índias Neerlandesas. 7 vols. gr. I 1903 p. 389).

⁷⁷ . Cnf. Max Schmidt: Estudos, etc. p. 65 ss.

⁷⁸ . Idem, os parecis. etc. p. 206.

⁷⁹ . l.c. p. 204, 206.

⁸⁰ . Apesar da mandioca mansa, não venenosa, de uso generalizado entre os colonos brasileiros, ser conhecida dos Parecí-Kabisi, na maioria se plantava a mandioca brava, a venenosa, pois segundo os índios, a bebida nacional, chicha, só pode ser feita dessa última variedade. Cnf. M. Schmidt, Os Parecí-Kabisi, l.c.p. 204.

⁸¹ . Schmidt, Estudos, etc. p. 107.

⁸² . l.c. p. 106 s. Idem: Os parecí etc. p. 206.

⁸³ . Ao passo que nas cabeceiras do Xingu se usa geralmente uma pequena esteira trançada para exprimir a mandioca, tais como as reproduzidas em meus "Estudos Indígenas no Brasil Central" p. 366, nas tribos aruaques na região do Rio Grande Negro e nas Guianas usa-se a prensa tubular para a mandioca, como a reproduziu p. ex. Koch-Grünberg. (refere-se a tipiti).

⁸⁴ . M. Schmidt: Estudos, etc. p. 429.

⁸⁵ . Koch-Grünberg: Dois Anos, etc. v. II. p. 218 ss. M. Schmidt: Os Parecí, etc. 209.

⁸⁶ . Steinen: Entre os povos, etc. p. 238, 240.

sendo em seguida preparada sobre uma fina, plana, chapa de argila,⁸⁷ e transformada em beijus chatos, prontos para o consumo.

Pela extensão do trabalho a ser executado na lavoura bem como pelo longo tempo exigido para a maturação da mandioca, a permanência da população aruaque em determinado lugar é naturalmente incrementada em alto grau. Essa fixação é fatalmente condição primária para uma atividade econômica produtiva. Se, no decorrer do tempo, a distância entre a casa de moradia e a área de matas apropriada para novas plantações, se tornar grande de mais, pode verificar-se um deslocamento em direção à plantação, da grande maloca da família (do cacique), o centro propriamente dito da vida econômica e administrativa, tal como pude observar nas tribos do Kulisehu⁸⁸. Também pode dar-se por parte de alguns indivíduos que procuram alcançar autonomia administrativa e econômica, a fundação de um novo centro administrativo na forma de uma nova maloca grande, adicional, conforme ainda veremos mais tarde. Novas peregrinações da população, após o abandono da antiga morada seria porém ligada ao abandono das plantações, planejadas e preparadas para vários anos futuros, não podendo pois, em consideração a tão grandes prejuízos, ser empreendida tão freqüentemente, como supõe segundo a teoria da emigração, ainda tão difundida. Somente razões, muito imperiosas e forças irresistíveis poderão mover tribos tão caracteristicamente fixas em seu habitat como as aruaques a deixar para sempre sua pátria e a reiniciar conseqüentemente e de modo completo a sua existência econômica-administrativa. Um segundo motivo importante para incentivar o hábito da fixação em um lugar é o armazenamento de provisões, da maneira descrita acima, sobretudo para o período das grandes chuvas. Também o acervo dos utensílios indispensáveis para a lavoura e para manipulação de seus produtos, em uma taba de certo tamanho, aumenta com o tempo de tal maneira que a maior parte dos mesmos deveriam ser deixados para trás ao abandonar-se a morada.

Com a tendência condicionada pela agricultura, sobretudo pelo cultivo da mandioca, para uma mais duradoura fixação aumentam por um lado as necessidades vitais e por outro a satisfação das mesmas está ligada a maior trabalho, que deve ser empregado cada vez mais.

Para a manutenção em perfeito estado, seco, das provisões e utensílios empregados na produção, durante o longo período das chuvas faz-se necessária uma casa à prova d'água, em terreno elevado, e como toda a parte central da casa é tomada pelas diversas atividades relacionadas com a produção, a casa deverá ter, em comparação com a população dimensões razoavelmente amplas. Em outro lugar⁸⁹ tratei detalhadamente da forma e das dimensões das grandes casas da família (maloca central, principal) entre os Pareci-Kabisi, e além disso possuímos também dados suficientemente numerosos acerca da construção de casas das tribos aruaques,⁹⁰ para podermos reconhecer que enorme trabalho realizam os índios com meios relativamente tão deficientes. Também nos arredores da casa é empregado muito trabalho para lhe dar a forma necessária à satisfação das necessidades vitais dos moradores. Caminhos largos e atalhos estreitos conduzem às plantações e às próximas fontes d'água. Já o capitão Antônio Pires de Campos⁹¹, que do ano de 1723 nos traça um quadro dos Parecis que, no vasto planalto da serra dos Parecis habitam "um extenso reino", supõe em destaque e louva o asseio e perfeição das largas estradas retas dessa tribo aruaque. Toda uma rede de estreitos atalhos liga entre si as

⁸⁷ . Schmidt: Estudos Índigenas, p. 107.

⁸⁸ . l.c.p.428.

⁸⁹ . Idem, Os Parecí, etc. p. 191 ss.

⁹⁰ . Ev. im Thurn: Among the indians of Guiana, p. 204. — Koch-Grünberg: A casa entre os índios do noroeste brasileiro. Arqu. p/Antropol. Nove série v. VII (1908) f.l, p.37 ss. Id. Dois anos, etc. v.I, p.69 ss. — Max Schmidt: Os Pareci-Kabisi, l.c. p. 191 s.

⁹¹ . Revista Trimestral do Instituto Histórico, XXV, Rio d.J. p. 443 cnf. K. v. d. Steinen: Entre os povos, etc. p. 424 s.

diversas moradas de uma tribo e faz comunicação com as das tribos vizinhas, amigas. Junto às moradas dos Parecis-Kabisi havia sempre um lugar apropriado do ribeirão próximo que era alargado artificialmente, dando assim um local grande e bonito para os banhos⁹². Troncos derrubados são deitados sobre os rios, como pontes, lá onde as veredas os cruzam. Em regiões pantanosas freqüentemente longos trechos do caminho acham-se cobertos com troncos de árvore, para o melhorar e fortificar, criando uma base sólida. Entre os antigos mojos a região era mesmo cortada por canais para dar caminhos fáceis pela água.⁹³

Da maneira muito semelhante aumentam, com o hábito da fixação de moradia, que se acentua cada vez mais, as necessidades da vida interna das tabas. Assim, temos antes de tudo a realização de um trabalho admirável para a obtenção da necessária lenha. Entre os Pareci-Kabisi consumiam-se diariamente quantidades muito grandes de lenha para o aquecimento da grande maloca central, contra o frio da noite e sobretudo para a secagem e o preparo da massa da mandioca e para moquear a caça. O transporte dessas pesadas cargas de lenha era trabalho para os homens, e como era considerado trabalho inferior, os homens livres o faziam executar exclusivamente pela camada da população que deles dependia. Como a lenha freqüentemente tinha que ser trazida de derrubadas distantes, esse trabalho, repetido diariamente, exigia muito tempo e muita canseira.

Outra fonte de trabalho resulta de ser destruída em grande escala, pelo incremento do hábito de fixação, pela permanência prolongada de uma massa maior de população em um só lugar, e a riqueza de peixes e animais selvagens da região. O sistema bárbaro de caça e pesca pelo qual são abatidos animais muito novos e são consumidos, os ovos de aves grandes, úteis como caça (frescos ou em avançado estado de incubação) e é envenenada toda a cria, os peixes novos juntamente com os grandes, nos rios e lagos, contribui naturalmente muito para a diminuição do produto da caça e pescas nas proximidades das moradias de índios de hábitos fixos. E, no entanto, faz parte das necessidades vitais da população, que vive fixa no lugar de moradia comum, uma regular quantidade de carne diariamente que deve ser obtida, de acordo com as condições econômicas, dos resultados da caça ou da pesca. Entre os Pareci-Kabisi alguns caçadores eram enviados diariamente pela manhã cedo, para a mata, voltando apenas após longas peregrinações até atingir as fronteiras da região de tribos vizinhas, e com produtos às vezes muito poucos.

Sendo necessária uma quantidade de trabalho cada vez maior para satisfazer as necessidades vitais da comunidade tribal fixada em uma área, ocorrerá em algum ponto determinado da evolução o período em que se começa a sentir o trabalho como um fardo desagradável. Acresce então às demais necessidades vitais dos habitantes da tribo mais uma, que é fazer executar, na medida do possível, o trabalho indispensável à satisfação dessas necessidades, por outros. Ao primeiro motivo do aruaque agricultor, obter uma área de terra virgem adequada para o cultivo de seus cereais, junta-se como segunda meta, não menos importante, a obtenção dos necessários braços para o trabalho, para lhe facilitar a satisfação de suas necessidades vitais.

Une-se a esses dois alvos aos quais quer chegar a cultura aruaque a obtenção, possivelmente comoda, de meios de produção possivelmente perfeitos, como terceira finalidade, que só é criada também com o aumento, a prolongação, da fixação. Como para a escolha do lugar de moradia é decisiva sobretudo a proximidade de um solo de matas, adequado ao plantio, pode-se dar freqüentemente que não existe nos arredores desse lugar toda a matéria prima, na própria natureza, requerida para o fabrico dos utensílios, cada vez mais aperfeiçoados com a contínua evolução. Justamente nas regiões de matas, apropriadas para a lavoura faltam

⁹² . Max Schmidt: Os Pareci-Kabisi, l.c.p. 181

⁹³ . Erland Nordenskiöld: Urnas, etc. l.c. p.249.

freqüentemente os tipos de pedra adequados para o utensílio mais importante, o machado de pedra. Assim as tribos do Kulisehu e entre elas também as tribos aruaques locais, dependiam dos Trumai, mais ou menos nômades, para a obtenção dos machados de pedra. Esses, em suas jornadas, chegavam a regiões onde encontravam pedras apropriadas em quantidades suficientes para poder também fornecer machados de pedra às tribos vizinhas⁹⁴. Assim, a região dos antigos Mojo é de toda destituída de pedras, de modo que as ferramentas de pedras, absolutamente indispensáveis para a agricultura em tempos anteriores — cuja existência foi provada pelas escavações de Erland Nordenskiöld⁹⁵ — de um modo ou de outro devem ter sido trazidas de longe. Além disso falta freqüentemente a cana adequada à confecção de flechas ou faltam as matérias primas para a destilação do veneno, para setas envenenadas, ou ainda outros materiais. Surgiu assim a necessidade cada vez maior para a obtenção dos objetos de uso indispensáveis com a maior fixação, de intercâmbio com as tribos vizinhas.

Três grandes metas buscam por conseguinte as comunidades das culturas aruaques, para a expansão de suas culturas: a ocupação de terra, própria para plantação, a obtenção da necessária mão-de-obra e a oportunidade de aquisição dos necessários meios de produção. Esses três fatores representam a razão propriamente dita da expansão das culturas aruaques.

Deve-se no entanto tomar em consideração como ponto importante que no atual nível da evolução os três fatores citados ainda estão em estreita dependência um do outro, somente preenchendo as condições para a instalação de uma morada que corresponda às finalidades econômicas, uma região na qual existam, a um só tempo, o solo próprio para a plantação, a necessária mão-de-obra e a oportunidade de obtenção dos necessários meios de produção. Essas três condições essenciais porém só poderão estar unidas em uma região que, antes da penetração dos aruaques, tenha uma população que se deixe aproveitar pelos invasores, para o trabalho. Continuamente só uma população de cultura inferior permitirá isso. Como motivo básico da expansão das culturas aruaques deve-se pois considerar a intercalação de elementos étnicos de nível inferior dentro da sociedade aruaque, mais altamente desenvolvida, ou, em outras palavras, a criação de uma população que seja econômica e culturalmente dependente, perante a qual se possa ser a classe dominante, e à qual se imporá a execução dos trabalhos necessários à satisfação das próprias exigências vitais, sempre crescentes.

⁹⁴ . K.v.d. Steinen: Entre os povos etc. p. 203, 333.

⁹⁵ . Erland Nordenskiöld: l.c.p. 223, 238, 240.

Capítulo 3

Meios de Expansão das Culturas Aruaques

Se o capítulo anterior tratou dos motivos da expansão das culturas aruaques, sobre círculos étnicos cada vez mais extensos, serão agora examinados os meios com os quais essa expansão foi alcançada. Seria pois interessante saber com que meios a sociedade aruaque soube obter para si, na sede de sua cultura do solo, a posição de senhor sobre outra classe da população, que se sujeita a trabalhar para o interesse de seus amos, auxiliando-os na obtenção dos necessários meios de produção. Para criar, nas condições atualmente dominantes uma camada étnica subalterna, as tribos aruaques devem preencher duas condições. Deverão entrar em relações com a população das tribos vizinhas, e em seguida, essas relações deverão ser dirigidas de maneira a resultarem em uma condição de dependência. Veremos que as tribos aruaques empregam os mais variados meios para a realização dessas condições, sem que grande parte de suas instituições, tratando da obtenção dos meios para fundação e manutenção da posição dominante, se baseiem nessa tendência de expansão.

Muitas das instituições, como a exogamia, o direito materno, com a preferência e privilégio do tio por parte de mãe, o rapto de esposa e outras mais, que são peculiarmente características das tribos aruaques, e cuja explicação interna pertence aos problemas etnológicos ainda não solucionados⁹⁶, são somente reconhecidas em todo o seu alcance se as tomarmos como os meios para fundação da posição dominante, e só de sua grande significação econômica explica-se por sua vez a difusão geral e a duração contínua dessas instituições, também lá onde outros elementos culturais há muito tempo se apagaram ou foram superados.

Os meios que as tribos aruaques empregaram para entrar em relações com a população das tribos circundantes, podem ser de natureza belicosa ou pacífica.

Quando atravessei em 1910 a região da Serra dos Parecis e visitei as diferentes aldeias dos Pareci-Kabisi, o alto Juruena formava a divisa da região desses índios "aruaquizados" com a região dos Guainguacuré que com eles viviam na mais feroz inimizade. Mas, por certos dados ainda se pode averiguar e provar que a região desses Guainguacuré anteriormente se estendia mais para o ocidente, pelo menos até as cabeceiras do Jauru. Assim me foi assegurado por meu informante, um índio meio sangue que vivia entre os Pareci-Kabisi, de nome José Vieira, que no lugar de sua atual moradia em Calugaré⁹⁷ existira, ainda não há muito tempo, uma aldeia Guainguacuré. A mesma foi assaltada pelos Pareci-Kabisi e foi incendiada. Sob a gente de José Vieira (sic) existiam dois irmãos que tinham sido carregados durante esse assalto após ter seu pai sido morto na luta. Outro assalto consta ter sido efetuado pelos Pareci-Kabisi contra uma aldeia Guainguacuré, que teria existido na Cabeceira do Juruena, não longe da atual aldeia Pareci-Kabisi Hanauinhirtigo. Consta serem ainda visíveis os vestígios de duas casas destruídas. No ataque foram mortos dois homens e os demais habitantes, mulheres e crianças foram carregados. Esses assaltos eram levados a cabo, como me asseguraram, principalmente para raptar as mulheres e crianças das tribos vizinhas, inimigas, e o grande número de índios Guainguacuré que moravam como classe trabalhadora entre os Pareci-Kabisi, mostra claramente que esses encontros muitas vezes devem ter sido muito produtivos. Principalmente devido às

⁹⁶ . Segundo Vierkandt (A constância na evolução cultural, p. 156) o sociólogo deverá refutar todas as explicações até agora dadas dos estranhos fenômenos do primitivo direito de família, da exogamia e do direito maternal, pois só é lícito valer-se, para explicar bens culturais, de motivos evidentes, simples, drásticos e triviais. Aqui não se conseguiu ainda encontrar explicações de satisfatória simplicidade.

⁹⁷ . M. Schmidt: Os Pareci-Kabisi, l.c. p. 173.

suas armas de fogo os Pareci-Kabisi superam de muito os seus inimigos, na luta. Contudo consta ter se dado ainda há pouco tempo que os Guaiguacuré surpreenderam algumas mulheres Pareci-Kabisi na moradia de Hanauinahrtigo tendo-as carregado, de modo que as mulheres nessa região limítrofe viviam temerosas de que, se não tomassem cuidado, o mesmo se poderia dar com elas. Quando meu companheiro, José Vieira, que pelos seus hábitos se transformara em legítimo índio Pareci, comprou dos brasileiros novos cartuchos para sua espingarda de repetição, demonstrou com mímica, entre os gestos mais alegres, como de agora em diante abateria com mais facilidade os Guaiguacuré, para enriquecer-se com mulheres e crianças.

Temos nesse rapto de mulheres uma forma típica do casamento por rapto de esposa, no qual a mulher é tirada à força de outra tribo, após esta ter sido subjugada em combate⁹⁸. Nos Pareci-Kabisi e também em outras tribos aruaques esse matrimônio por rapto ocorre ao lado da forma pacífica de matrimônio, que tem lugar por acordo mútuo⁹⁹, e mais tarde ainda veremos como a condição dessas duas formas de casamento que ocorrem ao lado uma da outra só sobressai direito por meio dos pontos de vista econômicos aqui tratados.

De muitos relatórios conclui-se que esse rapto humano não pode ser, de maneira alguma, considerado uma ocorrência isolada, peculiar aos Pareci-Kabisi. A freqüente menção desse costume por parte de observadores etnológicos justamente onde tratam de tribos aruaques, justifica-nos pelo contrário considerá-lo uma ocorrência típica da cultura aruaque. Assim ouvimos dos Bacairi "aruaquizados", no Paranatinga, que levavam a cabo ataques contra tribos vizinhas com a finalidade de raptar mulheres. Entre eles encontravam-se por ocasião de minha expedição ao Kulisehu as duas mulheres roubadas aos Pareci e Kajabís vizinhos, que já K. von den Steinen ali tinha encontrado¹⁰⁰. Acerca dos Baré, uma tribo aruaque, cuja pátria provavelmente deve ser procurada originalmente no Cassiquiare, de onde se teriam difundido ao longo do Rio Negro, rio abaixo, muito ao oriente, diz Martius¹⁰¹, que empreendiam expedições contra as tribos situadas ao longo das fronteiras do Brasil e além delas, para fazerem comércio de fornecimento de neófitos para as missões e trabalhadores para os colonos. Também Alexander v. Humbolt menciona as caçadas humanas empreendidas pelas tribos indígenas do alto Orinoco e Rio Negro, na sua maioria pertencentes ao grupo aruaque¹⁰². Também os índios nas missões no alto Orinoco tomavam com grande prazer parte em "expedições para a conquista de almas", carregando crianças de oito a dez anos, distribuindo-as como escravos ou "poitos" aos índios nas missões¹⁰³.

Pela grande difusão do hábito da vingança e do grande amor e devoção dos povos naturais sul-americanos por suas mulheres e filhos, esse sistema de raptos naturalmente cria um sentimento de inimizade tão grande que a força bruta fica sendo o único meio de conduzir à própria tribo elementos tribais estranhos. Bem curiosamente não se verifica nisso modificação alguma pela circunstância de se aproximar a tribo aruaque em questão cada vez mais, pela introdução de tantos elementos estranhos, somaticamente, da tribo inimiga vizinha. Em Calugaré, junto ao Jauru a mistura racial na população, em virtude da constante introdução de mulheres e crianças Guaiguacurés era tão predominante que esta população apenas podia ainda ser contada como aruaque do ponto de vista cultural, ao passo que quanto à sua origem sanguínea sem mais nem menos a teríamos considerada Guaiguacuré. Existia contudo entre

⁹⁸ . Cnf. Max Schmidt: Sobre o direito entre os novos primitivos tropicais da América do Sul. Em Rev. p/sciencia comp. do direito, v.XIII (1899) p.306.

⁹⁹ . Ibid. cf. Ev. im Thurn: Among the ind. of Guiana, p. 186 s.

¹⁰⁰ . Cf. Steinen: Entre os povos, etc. p.438, id. Através do Brasil Central, p. 122.

¹⁰¹ . Martius: Contrib. a Etnografia, etc. v.Ip, 623 s.

¹⁰² . Alex. v. Humboldt: Viagem nas regiões equinociais do continente novo. Revisão alemã por Hermann Hauff, 1859. v. II, p. 277, 283, 297, 306.

¹⁰³ . ibd. p. 283.

esses Guaiguaré "aruaquizados" e seus irmãos intactos a mesma, se não maior, inimizade de que entre os Parecís isolados e os Guaiguacuré. Os Gaiguaré "aruaquizados" tinham o maior pavor de seus irmãos de sangue independentes dependendo completamente da proteção que os seus antigos conquistadores e opressores lhes proporcionavam.

Mas não é em toda a parte que persiste uma tal condição inimiga entre os aruaques e seus vizinhos e nesses casos sempre se tenta estabelecer relações mais estreitas para, sucessivamente, por meios pacíficos, trazer à própria tribo elementos estranhos. Um bonito exemplo disso dá-nos o destino dos Trumai, junto ao Kulisehu, sobre cuja movimentada história estamos mais bem informados por meio de várias expedições ao Xingu. No tempo da primeira expedição ao Xingu de K. v. Steinen os Trumai tinham sua moradia na confluência do Ronuro com o Kulisehu na imediata vizinhança dos Suyá, e o primeiro, ligeiro, encontro com eles tinha tido lugar nesse ponto do rio¹⁰⁴. Três anos mais tarde, pelo tempo da segunda expedição de Steinen ao Xingu, os Suyá tinham assaltado os Trumai e incendiado suas duas aldeias abaixo da desembocadura do Kulisehu, no Kuluene; os Trumai, encarados por todas as tribos do Kulisehu com desconfiança e medo, vagavam agora pela região dos Auetó contra seus inimigos e que esses propuseram a Steinen¹⁰⁵, em aliança com os Trumai, ir castigar os Suyá¹⁰⁶. Quando eu mesmo então, no ano de 1901 vim à região, os Trumai tinham novamente, nos últimos tempos, tido lutas com os Suyá. Estes tinham matado muitos deles e tinham perseguido os restantes rio-acima até a região dos Nahukua. Depois disso os Trumais tinham abandonado definitivamente sua original morada e, após algumas escaramuças com os Auetó tinham entrado em um acordo com a tribo aruaque dos Mehinakú. Fixaram-se na vizinhança, um pouco mais rio-acima, em um afluente esquerdo do Kulisehu, e, quando no ano de 1901, encontrei em minha viagem ao Kulisehu os Trumai, estes apareceram juntamente com grande número de Mehinakú, em companhia dos quais ainda acompanharam nossos barcos durante longo trecho. Por ocasião desse encontro podia-se ver claramente que os Trumais tinham uma espécie de trato de proteção com os Mehinakú, segundo o qual estes tinham que exercer certa influência sobre aqueles.¹⁰⁷ Os Mehinakú tinham por conseguinte sabido aproveitar-se da situação aflitiva dos Trumai obtendo por meio de sua fixação nas proximidades uma oportunidade favorável de fazer prevalecer seus direitos senhoriais sobre uma tribo inteira.

Em posição semelhante de amável vassalagem parecem estar os Piratapuya para a tribo aruaque dos Tariana. Koch-Grünberg encontrou uma oca daqueles bem na região dos Tariana¹⁰⁸. Também os Yurupary-Tapuyoi parecem viver em certa dependência dos Tariana, tendo também no decorrer do tempo adotado o seu idioma¹⁰⁹.

Se já vimos antes como o matrimônio de rapto é um fator na introdução de elementos tribais estranhos, por outro lado também o casamento na forma de elementos tribais estranhos, por outro lado, também o casamento na forma pacífica contribui em alto grau para atar relações mais estreitas com as tribos vizinhas. Que alta significação econômica o casamento pode assim chegar a ter já se vê da regra seguida de modo geral de buscar a mulher sempre de outra tribo e de uma que fique bem longe¹¹⁰. Essa regra, sobretudo, adquire ainda mais importância por ser combinada com o hábito freqüentemente seguido pelos aruaques, de designar ao moço, já quando criança, a noiva¹¹¹. Assim, entre os Parecís-Kabisí havia um filho de cacique com onze

¹⁰⁴ . Steinen: Através do Brasil Central, p. 191 ss.

¹⁰⁵ . [No original da tradução não há a chamada desta nota]. id. entre os povos etc. p. 101, 121, ss. 154.

¹⁰⁶ . ibid. p. 109.

¹⁰⁷ . M. Schmidt: Estudos ind. etc. p. 77 s.

¹⁰⁸ . Koch-Grünberg: Dois anos, etc. v.II, p. 21.

¹⁰⁹ . ibd. v. IIp. 55.

¹¹⁰ . ibd. v.I, p.273; v.II, p.145.

¹¹¹ . Cnf. M. Schmidt: Sobre os direitos etc. l.c.p. 309.

anos aproximadamente, cujo pai tinha suas plantações e sua morada junto ao Juruena, a quem fora designada uma menina em Uasirimi, no Jauru, como futura esposa. Esse noivado era tomado tão a sério que o jovem noivo se engalfinhou em luta violenta com outro rapaz da mesma idade, por constar que esse teria se metido com a menina. O jovem filho do cacique exigiu indenização e assestou em seu adversário, que não podia dar satisfações, um profundo golpe de faca, no pé. Também aqui se reconhecia nitidamente que a finalidade propriamente dita desse noivado prematuro, era prender o filho do cacique com sua família na taba do Jauru. Que não se tratava neste caso de alguém de uma tribo estranha mas de um Kabisí "aruaquizado", é indiferente para a nossa questão, pois ainda veremos que essa atração de outros elementos para dentro da própria sociedade dos aruaques não se aplicava somente a indivíduos de tribos estranhas, mas também a unidade tribais sobre as quais já passaram as primeiras vagas da cultura aruaque, que não atingiram porém o mesmo nível cultural das unidades a cuja força de atração sucumbiram.

Também Arycu ou Uaraycu, pertencentes aos aruaques, que habitavam há muito tempo a margem sul do Solimões, junto ao Juruá e ao Jutai, mantinham ainda segundo Martius¹¹², o hábito característico para os Arowakes de Demeracy e Essequibo, segundo o qual já era designado ao moço, como criança, uma moça. Especialmente importante para nossa questão é ainda o fato que o noivo tem que "muito tempo antes de ser casado com ela". Everhard im Thurn¹¹³relata em sua descrição das condições de vida dos índios na Guiana Inglesa, a qual é principalmente uma menção das ocorrências culturais dos aruaques de lá, também que meninos e meninas freqüentemente são destinados um ao outro como crianças, e que o rapaz dá à menina sua presa de caça ou o que ele consegue obter, como presente. Segundo Ehrenreich¹¹⁴nos Ipuriná o menino novo recebe uma menina como futura companheira para a vida, quer seja por seu próprio pedido, quer seja por acordo dos pais, de cada lado.

Relações por meio do casamento podem ser iniciadas com os membros de outras tribos de duas maneiras, normalmente, quer um homem aruaque tome uma esposa estranha, ou uma mulher aruaque seja entregue a um homem estranho. Em ambos os casos forma-se pelo matrimônio uma ligação muito estreita entre os parentes de ambos os lados. Entre os Parecís-Kabisi, como nas diversas tribos do Xingu que eu visitei durante minha viagem ao Kulisehu, sempre me deu na vista a relação extremamente íntima entre os cunhados, isto é entre o marido e os irmãos de sua esposa¹¹⁵.

Um interessante exemplo da difusão da cultura aruaque por meio do casamento, que também é de importância para a formação de um núcleo com diferença dialética, K.v.d. Steinen pôde observar no Kulisehu¹¹⁶. Nas proximidades da aldeia Auetó havia duas casas onde moravam homens auetó com mulheres da tribo aruaque dos Yaulapiti. As famílias viviam em relações poucos amistosas com a aldeia auetó e consideravam-se decididamente como pertencendo mais aos Yaulapiti. Davam-se o nome peculiar Arauti e apesar de tratar-se apenas de duas famílias, a denominação Arauti servia completamente do nome tribal. Podíamos classificar esse exemplo até como típico de nossa teoria acerca da expansão da cultura aruaque. Ele nos mostra de maneira modelar como, por meio do casamento das mulheres de uma tribo aruaque na imediata proximidade da moradia de outra tribo, surge um novo centro de cultura aruaque, que tem nas condições mais favoráveis possíveis para fazer valer sua influência entre a população auetó vizinha, já pelo conhecimento do idioma auetó, e que tem as melhores probabilidades de absorver cada vez mais elementos estranhos.

¹¹². Martius, Contrib. a Etnografia, etc. I, p. 688.

¹¹³. Ev. im Thurn: Among the ind. of Guiana, p. 221.

¹¹⁴. Ehrenreich: Contrib. a Etnologia bras. l.c.v. II, p. 65.

¹¹⁵. M. Schmidt: Estudos ind. etc. p. 437.

¹¹⁶. Steinen: Entre os povos, etc. p.111.

Onde indivíduos isolados de uma tribo aruaque, como freqüentemente se dá, se passaram para as tribos vizinhas em caráter permanente, isso será na maioria dos casos devido a terem homens e mulheres aruaques contraído casamento dentro da outra tribo. Assim, pela ocasião da segunda expedição de K.v.d. Steinen ao Xingu, viviam várias mulheres e homens Mehinakú entre os Nahukúa¹¹⁷. Quando os Parecís puro sangue que para cá vieram individualmente, somente pouco tempo antes de minha expedição na Serra dos Parecís, vindos do nordeste, casaram-se na nova região, infelizmente não pude averiguar. Se o casamento com certeza não foi o motivo propriamente dito da transferência, é assim mesmo bem possível que o mesmo tenha sido usado muitas vezes como meio de mudança. Que porém também outros meios podem ser empregados para o deslocamento, mostra-nos um exemplo interessante, que pude observar no Galugaré em uma das cabeceiras do Jauru. Aqui morava o já mencionado José Vieira com a família do cacique Makazoré, que após uma vida agitada deixara há pouco seu lugar de cacique em Atiahirtivirtigo, nas cabeceiras do Jauru. José Vieira evidentemente se pusera em relações íntimas com a família do cacique deixando-se adotar-se como filho por Makazoré, pois chamava o cacique seu pai e este o chamava de filho. Também os filhos do cacique eram chamados por José Vieira de irmãos e irmãs.

Outro meio de obter relações com outras tribos são as freqüentes visitas mútuas e o elevado grau de hospitalidade para com os hóspedes. Quase em toda as moradias no Kulisehu podia-se observar que estranhos de qualquer outra tribo estavam de visita, e sobretudo as muitas canoas que se encontravam na região fluvial entre as diversas tribos, levavam a concluir que havia intensas relações entre elas¹¹⁸.

Essas visitas são feitas de parte a parte. Assim, Steinen encontrou durante sua permanência no Kulisehu, na tribo aruaque dos Mehinakú visitantes Kamayurás¹¹⁹ e na tribo aruaque dos Yaulapíti visitantes auetós¹²⁰, do mesmo modo que havia passageiramente Yaulapíti, Mehinakús e algumas pessoas da tribo Waurá também pertencentes aos aruaques, entre os Auetós. De modo análogo Koch-Grünberg encontrou nas moradias das diversas tribos na região do Rio Negro e Uaupés freqüentemente visitantes das tribos vizinhas, pertencentes aos mesmos grupos lingüísticos ou a outros, diferentes.

Se devemos ver nessas visitas, como sua verdadeira finalidade, a fundação e manutenção de relações recíprocas, seus motivos externos podem ser muito diversos.

Os casamentos entre os indivíduos das diversas tribos também desempenham papel importante nessas visitas passageiras, sendo muitas vezes os parentes por afinidade que de tempos a tempos viajam pa [...¹²¹incompleto¹²² no original da tradução, final da p. 37].

Outro pretexto para freqüentes visitas são as grandes festas que são realizadas de tempos a tempos em cada moradia, muitas vezes reunindo grande massa do povo. Assim reina grande intercâmbio social entre os moradores das tabas isoladas, disseminadas pela serra, dos Parecís-Kabisi, e os Parecís puros que moram ao norte da grande estrada brasileira. Em muitos lugares a estrada de rodagem é cruzada pelos atalhos indígenas pelos quais circula o trânsito para um e outro lado e pelos quais os Parecís-Kabisi perambulam para ir ter com os que lhe trouxeram uma vez a cultura, e tomar parte nas festas comuns. Um amplo quadro do grande movimento de

¹¹⁷ . ibd. p. 98.

¹¹⁸ . M. Schmidt: Estudos ind., etc. p. 91.

¹¹⁹ . Steinen, Entre os povos, etc. p.105.

¹²⁰ . ibd., p.115.

¹²¹ . [Não há chamada desta nota no original da tradução] Koch-Grünberg: Dois anos, etc. v. I, p. 169 ss.; v. II, p. 133 s.

¹²² . [Não há chamada desta nota no original da tradução] M. Schmidt: Estudos ind. p. 431.

estranhos nas festas das tribos aruaques nos dá Koch-Grünberg¹²³ nas descrições de suas viagens na região do Rio Negro. Aqui, nas grandes festas, aparecem sucessivamente representantes das diversas tribos com suas danças e, como já foi mencionado, sobretudo, nas grandes cerimônias fúnebres a participação é ativa e variada.

Finalmente devem ser citadas ainda as visitas dos famosos pajés dos aruaques às outras tribos. Assim, havia um conhecido pajé, que Steinen encontrou entre os Yulapití, que era estimado e cuja visita era apreciada onde havia doentes para curar¹²⁴.

Passaremos agora para a questão de quais eram os meios com os quais as tribos aruaques souberam prevalecer-se de suas relações com outras tribos para tornar estas cada vez mais dependentes. Em parte esses meios baseiam-se no hábil aproveitamento das vantagens culturais que possuem perante esses elementos estranhos, mas em parte estão também nas instituições dos próprios aruaques, principalmente nas em que essas culturas se mantiveram mais duradouras, sendo por isso mais difundidas.

Quanto mais o homem vive em estado natural, isto é, quanto mais ele depende diretamente dos produtos da natureza que o circunda para a satisfação de suas necessidades, tanto mais os instintos humanos tenderão diretamente à satisfação das necessidades vitais, ou, em outras palavras, tanto mais as duas ações instintivas do homem se voltarão exclusivamente nos dois grandes alvos da vida, a conservação do indivíduo e a conservação da espécie. Com a evolução dos pontos de partida de formas econômicas mais elevadas como as que encontramos mais acima nas culturas aruaques, a condição anterior altera-se cada vez mais. O instinto de ganhar a vida que originalmente não ia além da obtenção direta dos produtos naturais necessários para viver ultrapassa sua própria meta, sobrepujando cada vez mais os demais instintos humanos, até que estes, com o desenvolvimento mais elevado, só podem ser satisfeitos por intermédio de instinto de aquisição. Nessa separação dos demais instintos humanos do instinto industrial com o aumento da cultura localiza-se o ponto essencial, propriamente dito, para a compreensão da divisão da humanidade nas duas classes, de dominadores e dominados; para nosso caso especial está aqui a chave para a solução do problema de que maneira os aruaques exploraram suas vantagens culturais para colocar sucessivamente os elementos estranhos que com eles entravam em contato, em um estado de dependência econômica. Os meios de satisfazer as necessidades originalmente limitados à conservação do indivíduo e da espécie, o homem primitivo independente tem que arrancar diretamente à natureza. Toda sua vida e também toda a organização da comunidade na qual ele vive adapta-se a essa única finalidade. O definhamento dessa capacidade de adaptação à natureza e a separação da organização que a ela se liga estreitamente é ainda incrementado pela satisfação das necessidades por outros meios, externos. Por isso é que os aruaques procuram manter a população adjacente, que com eles entra em contato, em dependência econômica, tentando adquirir cada vez mais influência na satisfação de suas necessidades vitais. Assim como essa evolução levou já a uma formação mais autônoma de instinto de aquisição nos aruaques portadores de cultura, ela deveria por outro lado ter como consequência fatal um desenvolvimento mais uniforme do instinto de submissão nos elementos étnicos economicamente dependentes. Como na escala mais elevada da evolução da classe dominante por último os demais instintos encontram satisfação só por intermédio do instinto de aquisição, na classe dominada, de maneira muito semelhante, os demais instintos aos poucos só podem ser satisfeitos por intermédio do instinto de submissão. Correspondem assim um ao outro, o instinto de aquisição de um lado e o instinto de submissão, de outro. Porém, do mesmo modo que na classe dominante o instinto de aquisição só pode persistir se ele de fato satisfizer as necessidades vitais em todos os sentidos, por outro lado também o instinto de submissão só pode ser de

¹²³ . Koch-Grünberg: Dois anos, etc. p. ex. v.ex. v. I, p. 169 ss.

¹²⁴ . Steinen: Entre os povos, etc. p. 113.

duração quando por seu intermédio também os outros instintos da população dominada de fato forem satisfeitos. Para criar então um estado permanente de dependência econômica de uma determinada classe da população, a classe dominante terá que solucionar dois problemas; um é preencher de modo possivelmente completo a satisfação das necessidades vitais da população dependente e, portanto, também as suas necessidades em nível tal que sejam fáceis de satisfazer.

As explanações dedutivas feitas para facilitar a formulação de nossa pergunta dão uma idéia exata do processo das condições sociais ainda hoje existentes na Serra dos Parecís e que era possível seguir na época em que fiz minha expedição. Em concordância com esse processo social está a singular condição reinante entre os Mehinakú, pertencentes ao grupo aruaque e os Trumai que pude observar no Kulisehu¹²⁵, e também as informações de Koch-Grünberg sobre a relação entre as tribos aruaques na região do Rio Negro e as tribos adjacentes, de nível cultural inferior, indicam condições semelhantes naquela região de expansão da cultura aruaque.

Mais simples apresenta-se a relação entre os aruaques que, como classe dominante, penetram nas regiões de outras tribos, menos cultivadas, e a população subjugada lá onde os elementos tribais alienígenas foram arrancados à força de sua tribo pátria, e também a força foram incluídos na comunidade da tribo aruaque. Como acima ficou mencionado, trata-se nesses casos principalmente de mulheres e crianças. O tratamento dado a esses esses elementos raptados entre os quais devem ser contados também os meninos que no decorrer do tempo se transformam em moços e homens, é muito bom entre os Pareci-Kabisi. Por sua original razão de ser a posição dessa classe da população, raptada à força, deve ser considerada escravidão. Cada um serve a um determinado senhor, cujo direito de posse se baseia ou diretamente no rapto ou indiretamente na transmissão de posse por parte de outro senhor. Assim meu companheiro José Vieira adquirira seus dois meninos Guaiguacuré do cacique Chiquinho de Zagurigatsé no Cabaçal o qual por sua vez os apanhara como presa em uma de suas caçadas na região dos Guaiguacuré, além do Juruena. Em concordância com isso está o fato acima mencionado que os Baré fornecem às missões ou aos colonos, comercialmente, os índios que apanhavam em suas expedições, e que os índios do alto Orinoco distribuíam a presa de suas caçadas humanas aos indígenas nas missões, como escravos. Essa população dependente me foi indicada sob o nome português "Camaradas", sob o qual se designam entre os brasileiros os trabalhadores que vivem em servidão da gleba.

As mulheres raptadas são desposadas por seu raptor ou, quando este já é casado, são dadas a outro em casamento¹²⁶ pois, segundo o que pude ver, os Pareci-Kabisi são exclusivamente monógomos. O tratamento dispensado à mulher como tal é, segundo pude observar, absolutamente bom. É verdade que também nessa região uma grande parte do trabalho diário recai sobre ela. Cabe-lhe carregar durante a marcha as maiores cargas, é ela que sai à cata de frutos, que planta e colhe mandioca e que carrega o produto da colheita para a taba. Ela prepara os alimentos e as bebidas, colhe o algodão e o fia fabricando fios com os quais tece as redes ou fabrica os tecidos para peças de vestuário. Mas os trabalhos mais pesados, como o preparo da mata para o plantio, a construção das casas e o carregamento da lenha são trabalhos para os homens, sendo executados na sua maior parte pela população dependente.

Somente após um convívio mais íntimo com os índios pode-se formar um critério sobre as relações mútuas entre os diversos membros da família. A melhor ocasião para isso deparou-se-me em Calugaré, no Jauru, e mais ainda, em Hanauinahirtigo no Juruena, onde fui tão bem hospedado pelo cacique Makázore que eu podia tomar parte nas refeições comuns e dormia com as famílias em um compartimento. Segundo o que observei a relação entre cônjuges era das melhores que se podia imaginar. Nunca vi discórdia entre eles, nunca ouvi que a mulher fosse

¹²⁵ . M. Schmidt: Estudos ind. p. 78.

¹²⁶ . Comp. as condições semelhantes nos Bacairís "aruaquizados", do Paranatinga. v.d. Steinen: Através do Brasil central, p. 122.

impelida a trabalhar, havendo indícios de que a relação era muito cordial. Quando, na minha viagem de volta de Uazirini, eu tinha levado comigo o filho do cacique como companheiro, sua esposa e sua mãe nos acompanharam durante um longo trecho além da aldeia. Por ocasião da despedida definitiva o jovem índio tinha que sentar-se em frente às mulheres que em seguida lhe fizeram pequenos sinais em cruz em ambas as faces, beliscando com os dedos, o que deveria servir para defendê-lo contra doenças. Em Calugaré pude observar no lugar dos banhos um casal casado de novo que se divertia na água na mais sincera alegria.

Ao todo as mulheres são rigorosamente excluídas dos acontecimentos na casa dos homens, que para elas são conservados como completo mistério. Mas a casa dos homens não era, de maneira alguma, o único lugar em que se debatiam questões importantes para a população da taba. Essas eram debatidas principalmente à noite, antes de se adormecer, na grande casa da família do cacique, pelos moradores que ficavam confortavelmente instalados nas redes ao lado do fogo e as vozes que se tornavam cada vez mais altas durante as animadas conversas deixavam reconhecer claramente que também a parte feminina dos moradores não prescindia de seu direito de falar ativamente, tomando parte nos debates.

Como na região limítrofe dos Pareci-Kabisi, devido ao hábito tão generalizado do roubo de mulheres, uma grande parte da população feminina em todo caso pertence à classe da população que foi raptada das tribos inimigas vizinhas, impõe-se-nos a pergunta até onde existiria uma diferença na posição dessas últimas e na das mulheres com as quais foi contraído matrimônio por acordo amigável. Entre os índios da serra dos Parecis nunca notei tal diferença, embora justamente aqui ela deveria ser mais evidente se existisse. Entre os Bacairi no Paranatinga que, apesar de pertencerem, pelo idioma, às tribos Caraibas, têm todo o modo de vida fortemente influenciado pelos Aruaques, as duas mulheres Luisa Cajabi e Carlota Pareci, raptadas na mocidade das tribos indicadas pelo sobrenome, ocupam exatamente a mesma posição que as mulheres Bacairi. Não nos consta que em qualquer tribo aruaque as mulheres raptadas fossem diferenciadas, quanto à sua posição, das demais mulheres da tribo. Presumindo pois que existe igualdade das mulheres entre os Aruaques, esta encontrará explicação nos encargos vitais que cabem à mulher na administração econômica. Ela é encarregada da economia doméstica e da produção dos alimentos vegetais, e, como adiante explicaremos mais detalhadamente, nisso não se nota qualquer diferença entre as duas classes da população.

Já apontamos o fato de conseguir a classe dominante da população aruaque uma população que lhe é submissa sobretudo pelo estratagema de obter cada vez mais influência na satisfação de suas necessidades vitais. Em concordância com isso está o bom tratamento, quanto a abrigo e alimentação, que é dispensado aos elementos raptados de outras tribos bem como aos visitantes casuais e a todos os índios que executam qualquer espécie de trabalho para a classe dominante. Pode-se dizer que entre os Pareci-Kabisi nesse sentido não era feita absolutamente qualquer diferença entre as duas classes. Quem foi recebido na grande comunidade doméstica, seja em caráter definitivo ou passageiro, partilha de abrigo e da alimentação da classe dominante, na grande casa de família, mal tendo essa qualquer privilégio de casa e alimentação. Mas claramente o viajante sente esse costume aruaque quando incumbe os índios da execução de um trabalho qualquer. Cada um que ajudou, apresenta-se, como quem faz a coisa mais lógica e entendida, para participar das refeições, não aparecendo só a pessoa que ajudou, mas ainda toda a sua família.

Entre os Aruaques essa absoluta igualdade na satisfação das necessidades vitais entre as duas classes confronta-se com acentuada desigualdade na distribuição dos meios necessários para obter-se a satisfação dessas necessidades. O maior volume de trabalho pesado recai sobre a parte masculina da população dependente. Certos trabalhos, como carregar lenha, são de todo evitados pela classe dominante. A construção das grandes casas de família cabe principalmente a população dependente, que constrói a casa para seu senhor, o qual será único dono da casa

concluída. No entanto é considerado natural que ele deixará sua gente, inclusive a dependente, morar com ele em sua casa. Os principais trabalhos do preparo da terra cabem também à população dependente, pertencendo a terra de cultura, quando pronta, só ao senhor; este porém terá que alimentar com os produtos de sua terra o trabalhador e sua gente, exatamente do mesmo modo que a sua própria classe.

Exatamente como o resultado total do trabalho da classe dependente, inicialmente à classe dominante, o subalterno não pode também receber, de terceiros, valores ou presentes, nem por meio de troca de objetos ou produtos. O que ele adquire dessa maneira, adquire-o para o senhor. Pude observá-lo muitas vezes entre os Pareci-Kabisi. Se um índio Pareci da classe dominante me arranjava um homem para executar um determinado trabalho, e eu pagava o trabalhador com presentes, ele tinha que entregá-los ao seu amo. Quando combinei em Uazirimi, no Jauru, com o filho do cacique que este me acompanharia no meu regresso, para auxiliar nos trabalhos do acampamento, ele queria levar consigo no momento da partida, um de seus homens que teria de executar para ele o trabalho propriamente dito. Eu teria assim dois índios para tratar, o filho do cacique teria recebido o pagamento combinado e o índio seu subordinado teria que fazer o trabalho. Se eu dividia meus presentes entre a população sem tomar em consideração as diferenças de classe, encontrava freqüentemente os objetos presenteados à população dependente nas mãos dos senhores. Mas por outro lado, estes últimos empregavam grande parte dos presentes recebidos para prover sua gente com os costumeiros enfeites e os habituais utensílios necessários.

Vemos pois em todos esses casos que se trata meticulosamente de não deixar a população subalterna possuir bens que não se destinam ao consumo do momento. A terra de cultura já preparada, a casa de moradia, as provisões destinadas a certas épocas do ano e, finalmente, a reserva de objetos produzidos para serem comerciados em troca de outras mercadorias, tudo pertence à classe dominante.

De peculiar importância é a posse de pérolas de vidro de fabricação européia, cuja quantidade, entre os Pareci-Kabisi, constitui evidentemente a principal riqueza dos possuidores. Elas constituem o adorno principal de toda a população e são usadas por ambas as classes. Sobretudo, o cordão usado nas ancas por quase todos os homens, desde a idade de menino, é formado habitualmente de uma série de contas de vidro enfiadas em um fio, as quais são empregadas também como colares para o pescoço e os braços. No entanto também aqui existe uma diferença fundamental entre a classe dominante e a dependente. Para estes últimos os colares são apenas adorno e por isso só os recebem de seus senhores em quantidades limitadas, para enfeitarem a si e às suas famílias devidamente. Muito diverso porém é o seu emprego pelos senhores, para os quais as pérolas, que nas transações recíprocas adquiriram o caráter de unidade de valor generalizado, representam grande parte da fortuna dos possuidores, e suas mulheres e filhos andam muitas vezes cobertos de grandes quantidades de pérolas. Onde os colares não encontram mais espaço suficiente nas ancas, no pescoço e nos braços, grossos cordões de contas são pendurados em cruz sobre o peito, havendo claros indícios de que aqui se trata menos de enfeites do que de ostentação da riqueza da família. Assim a grande quantidade de pérolas que a família do cacique Makázore possuía era usada por mocinhas e por um menino alternadamente, de acordo com as circunstâncias ¹²⁷. Quando o filho do cacique se preparava e se equipava para a viagem, para acompanhar-me em companhia de seu pai, no meu regresso, sua irmã lhe tirou a maior parte das pérolas, colocando-as em si mesma. Ao rapaz só foram deixadas as pérolas necessárias para o adorno costumeiro. Que as contas de vidro de variadas cores não eram consideradas somente enfeite mas equivaliam a objetos de valor, vê-se ainda pelo fato de

¹²⁷ . Cnf. M. Schmidt: Os Pareci-Kabisi, l.c., as fotografias das fig. 12 e 29, pp. 175 e 186, onde aparecem as mesmas pérolas usadas uma vez por Eesumore, filho do cacique, e outra vez por sua irmã, em cruz sobre o peito.

trazerem mesmo os Parecis vestidos como europeus, com calça e camisa, seus colares ocultos sob essas peças de vestuário, o que pude observar também nos índios presentes nos postos militares brasileiros, como visitas. Também durante o banho os enfeites de pérolas nunca eram tirados.

Também o tratamento dado às crianças raptadas de tribos vizinhas, inimigas, está em concordância com os princípios já descritos seguidos no tratamento da população subalterna. Essas crianças são criadas em absoluta união com os próprios filhos, vivendo uma infância e juventude tão alegre e feliz como as das crianças da classe dominante, em virtude principalmente de serem as crianças pequenas, de um modo geral e em todas as populações sul-americanas, tratadas com muito carinho pelos maiores. Nos brinquedos comuns das crianças, dos quais fiz muitas fotografias, não se manifestava absolutamente a mínima diferenciação de classes entre os que tomavam parte. Mas já cedo se cuida de ir amoldando em determinadas ocupações a juventude destinada a formar a população dependente; ela é posta em trabalhos que correspondem à capacidade física de cada um, sendo em tempo preparada e habituada à posição de classe trabalhadora.

A seguir analisaremos, do mesmo ponto de vista econômico administrativo, uma série de instituições dentro da organização social das tribos aruaques, por meio das quais lhe são dadas as possibilidades de fundar e manter sua posição dominante perante uma população dependente, subalterna.

Da maior importância são nesse sentido a singular combinação das formas de matrimônio tão diferentes entre si, em sua essência, o enlace por meio de rapto e o enlace pacífico e harmonioso, bem como a base de direito maternal na qual o último está fundado. Já Everhard im Thurn, notou que entre os índios na Guiana ocorrem ambas as formas de casamento, diretamente opostas uma à outra, simultaneamente. Segundo ele duas explicações são possíveis para esse fenômeno notável. Ou existiu originalmente em todas as tribos, da mesma maneira, a forma pacífica de casamento, e apenas os membros da tribo que tinham assaltado uma região estranha sem levar consigo suas esposas, tendo, após vencer a população, ali se estabelecido, se apoderaram à força das mulheres dos vencidos, com elas se casando. Ou ainda, existiu originalmente entre os Aruaques e os Caraibas a diferença de ter sido naqueles sempre habitual o casamento pacífico e nestes sempre o casamento por meio de rapto. Esta teoria no entanto Thurn não julga aceitável por existir comprovadamente em algumas tribos Caraibas, sobretudo entre os Makusi, a forma pacífica de casamento. Ele considera por isso a primeira teoria a mais provável, admitindo porém que a questão ainda não está devidamente decidida¹²⁸. Se considerarmos o problema sob o ponto de vista econômico, veremos que, entre os Aruaques, a coexistência das duas formas de casamento tão diversas entre si se adapta perfeitamente às condições econômico-administrativas, sendo o fator primordial na criação de uma população dependente. A principal forma de casamento entre os Aruaques da Guiana é, segundo Thurn, aquela em que a moça é dada pelos pais como prêmio a um homem que executou vários determinados trabalhos para seus futuros sogros. Logo após a conclusão do enlace o marido muda-se com todos os seus haveres para a casa dos sogros, que se torna centro de gravidade de sua vida econômica. Chefe de família é o pai de sua esposa, ao qual deve obediência, e para quem tem que executar trabalhos¹²⁹. O princípio de direito maternal é mantido em toda sua plenitude nessa forma de enlace. O marido torna-se realmente uma parte da família de sua esposa. Os filhos pertencem também à família da mãe, não à do pai.

Muito semelhantes são as condições na região de aculturação das cabeceiras do Xingu, para cuja cultura sem dúvida as tribos aruaques locais foram decisivas. Segundo K. von den

¹²⁸. Ev. i. Thurn: Among the ind. of Guiana, p. 186 s.

¹²⁹. Ibid. p. 121 s.

Steinen¹³⁰ aqui os filhos pertencem ao tronco materno. Também a respeito dos Bacairi, no Paratinga, seu informante, Antônio, lhe explicou que, quando o Bacairi casado com mulheres Pareci tem filhos, estes são Parecis. O irmão da mãe é considerado nas tribos do Kulisehu como um protetor dos filhos do mesmo valor que o pai e assume todas as obrigações quando morre o pai, até que os filhos atinjam a idade de homens adultos. É ele e não a mãe que dispõe sobre a posse dos bens dos filhos.

Em minha viagem às cabeceiras do Xingu, no ano de 1901, consegui, com muitas dificuldades, baseando-me em quatro árvores genealógicas, estabelecer o parentesco das pessoas dentro de cada uma das quatro grandes casas¹³¹. Por essas árvores genealógicas, os moradores de uma só casa equivalem a um certo círculo de parentes, a uma grande família, num sentido mais amplo, dentro da qual por sua vez se distinguem as famílias tomadas individualmente, em sentido mais estreito, pequenas famílias propriamente ditas que se mantêm cada uma por si. A principal conclusão a que chegamos ante essas árvores genealógicas é que devemos limitar o alcance da proposição de que o homem, pelo matrimônio, entra na família da mulher. Ao passo que em todos os outros casos, correspondendo a uma regra geral, o homem, casando-se passa a fazer parte da casa da mulher, em todas as quatro casas constitui exceção o personagem que preside, como chefe, todo o clã da casa em apreço. Na primeira casa mora um dos caciques da tribo juntamente com os descendentes de sua irmã já falecida. Sua esposa, veio para sua casa, de fora, ao casarem-se. Da mesma maneira reside na segunda casa o segundo cacique [palavra apagada] com seus próprios parentes, e sua esposa veio morar com ele trazendo em sua companhia a filha de sua falecida irmã. Na terceira e quarta casa moram igualmente os chefes de família com seus próprios parentes. Ao passo que na terceira também a esposa do dono da casa veio para ele, de fora, temos na quarta um caso especial, em que a mulher, pelo menos então, no período em questão, nem estava presente na comunidade doméstica de seu marido, residindo em outra aldeia, mais para os lados do Batovi, provavelmente sua aldeia pátria. Devemos nos afigurar que nas outras grandes casas de família das tribos aruaques que vivem em idênticas formas econômico-administrativas as condições de parentesco e organização sejam muito semelhantes às dos Bacairi, acabadas de descrever, onde essas condições foram pela primeira vez observadas minuciosamente. Também entre os Pareci-Kabisi, na aldeia de Cabaçal cada uma das duas grandes casas tinham seu determinado presidente, cuja família formava uma certa unidade econômico-administrativa no mais amplo sentido. Obediência exclusiva aos princípios de direito maternal nos casamentos roubaria a esses chefes de clã sua independência administrativa. O chefe doméstico, pertencente à classe dominante, também aqui procura incorporar em sua comunidade familiar, por meio do casamento de seus parentes (mulheres) e filhas segundo o princípio de direito maternal o maior número possível de elementos masculinos ativos. A instituição do matrimônio segundo princípios de direito maternal constitui para a classe dominante o melhor meio para a obtenção de forças para o trabalho, de elementos ativos, dependentes, pois ela, como foi mencionado impõe ao marido a obrigação de trabalhar para seu sogro e de se submeter a ele; no entanto ela só pode preencher essa finalidade, se o chefe do clã, autoridade da casa, não se submeter a essa instituição. Nas tribos que limitam com vizinhos inimigos, como os Pareci-Kabisi, resta-lhe a instituição do casamento por rapto de esposa, pela qual ele não é arrancado de seu círculo econômico-administrativo, entrando, pelo contrário, a mulher para sua comunidade doméstica¹³². A grande significação econômica da existência de ambas as diferentes formas de casamento, uma ao lado da outra, está em que é privilégio do clã

¹³⁰ . Steinen: Entre os povos, etc. p. 131.

¹³¹ . M. Schmidt: Estudos ind., etc. p. 435 ss.

¹³² . Comp. as condições muito semelhantes entre os Bacairi "aruaquizados" do Paratinga, onde uma das mulheres Cayabí, raptadas em criança, é esposa do velho cacique Caetano, e onde o segundo cacique, Felipe, é casado com uma mulher vinda de Diamantina. Steinen: Através do Bras. Central, p.122. Id. Entre os povos, etc. p. 438.

senhorial econômica e administrativamente mais forte, fazer empregar cada vez a forma de enlace mais vantajosa para a expansão de sua esfera de poder. A população dependente casa-se segundo o princípio de direito maternal de modo a ingressar no âmbito da vida doméstica da classe dominante, esta por sua vez vai buscar suas mulheres de fora, mantendo-se assim livre e independente do parentesco destas. Visto que com a continuação do desenvolvimento das condições econômicas nem sempre haverá oportunidade para, de acordo com as necessidades, ir às tribos vizinhas e, no verdadeiro sentido da palavra, roubar as mulheres, formaram-se formas mais moderadas de casamento, dentro das quais a mulher, sob negação do princípio de direito maternal, entra para a casa do marido. Interessante é a esse respeito a descrição de Koch-Grünberg¹³³, de um tal casamento entre uma filha de cacique dos Siusi e um homem Huhúteni (ambas tribos aruaques). Seguiu-se sem intervalo a uma grande cerimônia fúnebre dos Siusi uma festa nupcial, para a qual tinham comparecido dois pretendentes à filha do cacique, um filho de cacique dos Cauás e um Huhúteni. Ao último foi concedida a noiva, e após uma grave entrevista de caráter cerimonioso entre o Huhúteni e o pai da noiva, os jovens esposos deixaram, numa partida que mais era uma fuga apressada, a aldeia; nisso Koch-Grünberg reconhece, com razão, uma reminiscência do antigo hábito do rapto de esposas.

Bons exemplos de que a classe dominante vai buscar suas mulheres fora, sem que se trate de rapto de mulheres no verdadeiro sentido da palavra, nos dão também os Bacairi "aruaquizados", do Paranatinga. O cacique Antônio que, pela época de minha estadia no lugar, tinha estendido sua influência administrativa até aos seus irmãos tribais do Batovi e no Kulisehu, trouxe sua mulher, por ocasião da expedição de Steinen, dos Bororos. O filho que esta trouxe consigo, José, no seu tempo já era adulto, tinha construído uma própria, grande casa, tendo-se feito bem independente do pai adotivo. Também ele fora buscar sua mulher de fora, da segunda aldeia Bacairi, no Kulisehu. O irmão desta, Chico, mudara-se com ela para cá, para o Paranatinga. Morava com seu cunhado José, sendo economicamente dependente deste. Na minha viagem ao Kulisehu acompanhou-me além deste, José, também aquele, Chico, que nesta ocasião também se casara na segunda aldeia Bacairi. Quando porém ele teve que regressar comigo ao Paranatinga sua esposa, de acordo com sua posição dependente, não o seguiu, mas ficou em sua aldeia natal.

Por aí se vê que nos povos primitivos da América do Sul e especialmente nos que vivem sob influência aruaque, ocorrem casos em que após um casamento pacífico, a mulher acompanha o homem; e sempre se tratará de tais casos, quando nos vêm notícias do enlace por compra de esposa entre os índios sul-americanos¹³⁴. Já em um trabalho anterior, "Sobre o Direito entre os Primitivos Povos Tropicais da América do Sul", apontei¹³⁵ o fato de que na América do Sul o enlace por compra não está em qualquer relação íntima com o enlace por rapto, e que de maneira alguma o preço da compra resultou do pagamento de indenização pela violência perpetrada. Se partirmos do ponto de vista da significação econômica da celebração do casamento nas tribos aruaques, que consiste na obtenção de novos braços para o trabalho para os parentes da mulher, facilmente se compreenderá que nos casos em que o marido, violando o princípio do direito materno quer levar a esposa consigo, para sua própria casa, após o casamento, se pede uma compensação pelos valores econômicos assim perdidos, e essa é justamente o contra-valor a pagar. Aqui não se trata tanto de um preço pela mulher, como de uma indenização pela perda do elemento ativo, da produção do trabalho à qual o marido estaria obrigado, para com os parentes de sua esposa.

Trataremos agora de uma instituição existente nas tribos aruaques que ocorre também em grande parte das outras tribos sul-americanas, principalmente nas dos três grandes grupos

¹³³ . Koch-Grünberg: Dois anos, etc. v.I, p.180 ss.

¹³⁴ . Martius: Contrib. a Etnografia, etc. v.I, p.107; Ev. im Thurn: Entre os ind. da Guiana, p. 221 s.

¹³⁵ . Na Rev. p/sciencia comp. do direito, vol. XIII (1889) p. 306 s.

lingüísticos, Tupi, Caraiba e Jê, a "couvade".

Informações seguras sobre a ocorrência da "couvade" em tribos aruaques, com dados exatos acerca das tribos em questão, existem para os Aruaques de Surinam, os Maraúas, os Cauxixanas, os Passés, os Siusís, os Chanés, os Ipurinás e os Parecís¹³⁶. Se juntarmos os relatórios que abrangem vastas regiões sem contudo mencionar exatamente as tribos¹³⁷, poderemos com fundadas razões designar a "couvade" com a instituição generalizada entre as tribos aruaques.

Muito tem sido escrito a respeito desse notável hábito, já conhecido há muito tempo da Europa e da Ásia, que tem porém sua maior difusão nas citadas tribos da América do Sul, tendo-se estabelecido muitas teorias acerca de como teria se formado¹³⁸. Mas a significação econômica da "couvade", na minha opinião a mais importante no estudo de sua origem, nessas tentativas de explicação tem sido quando muito ocasionalmente mencionada de modo superficial, como coisa secundária; nunca foi devidamente reconhecida ou corretamente interpretada em seu ponto vital propriamente dito.

A questão principal é inicialmente esta: onde é realizada a "couvade"? A resposta, pelo menos quanto às tribos aruaques, será: em todo os casos em que o homem, casando, vem a fazer parte da família da mulher — e esse é, segundo o que acima ficou dito, o mais comum — é na casa do sogro. O quanto é importante esse ponto de vista na "couvade" sobressai de um interessante exemplo que Karl von den Steinen dá dos Bacairi¹³⁹. Um índio dessa tribo, da primeira aldeia no Batovi tinha por esposa a filha de um Baicari da aldeia Maigeri do Kulisehu. Quando sua esposa esperava pelo parto ele veio com ela da distante aldeia de Batovi para a casa de seus sogros para ocupar o "quarto de parturiente". Quer dizer que também onde a regra geral, de morar o genro na casa dos sogros, foi inicialmente desrespeitada, pelo menos por ocasião do nascimento das crianças ela é seguida. Que o nascimento da criança é em geral o principal laço do casamento e garantia de sua duração, desprende-se do seguinte dado de Everhard im Thurn, quando fala dos Aruaques da Guiana¹⁴⁰ "A complete and final separation between husband and wife may be made at the will of the former at any time before the birth of the children, after that, if the husband goes away, as very rarely happens, it is considered not lawful separation but desertion". ("Separação completa e definitiva entre marido e mulher pode ter lugar por desejo do primeiro, em qualquer tempo, antes do nascimento dos filhos; depois, se o marido for-se embora, o que aliás acontece muito raramente, tal seria considerado deserção e não separação legal"). Somente se leva pois a mal o abandono da esposa quando se dá após o nascimento dos filhos, o que facilmente se explica por ter o casamento só adquirido sua plena significação econômica com o nascimento dos filhos, para a família da mulher. Os filhos pertencem à vida doméstica dos parentes da mulher constituindo, quer se trate de filhas ou filhos, um valioso fator; no último caso por significarem um aumento direto de braços para trabalhar, e no primeiro por trazerem, pelo casamento, novos elementos ativos para a família. Em seu trabalho sobre matriarcado e patriarcado, Bastian frisa, com razão, que as crianças, dada a agricultura ligada ao hábito de fixação, já nascem como auxiliares do trabalho da família¹⁴¹, mas temos aqui que ponderar que tal — pelo menos nas tribos aruaques — se refere à casa e família dos sogros

¹³⁶. Dr. Hugo Kunike: A "Couvade" ou o resguardo do homem durante o parto da mulher. Tese apresentada a Fac. de Fil. da Univ. de Leipzig. Halle 1912. pp. 16 e 19 (Aruaques na Guayana). p.24 (Mauraua, Cauxixana, Passés, Siusí) p.26 (Chané, Ipuriná), p.27 (Parecí). Comp. também o mesmo: A chamada "Couvade". Rev. de Etnologia 1911, ff. 3 e 4 p. 551 ss.

¹³⁷. Kunike: A couvade ou o resguardo, etc. p. 23.

¹³⁸. Uma boa exposição resumida das principais opiniões acerca da origem da couvade dá Kunike, ibd. p. 32 ss.

¹³⁹. Steinen: Entre os povos, etc. p. 331.

¹⁴⁰. Ev. im Thurn: Entre os ind. da Guiana. p. 222.

¹⁴¹. Rev. de Etnologia, Berlin 1886, p. 337.

do marido. A proposição expressa nas afirmações de Dargun acerca da "couvade", de que as crianças são subordinadas ao poderío doméstico do pai, é por conseguinte incorreta¹⁴². Justamente nas tribos que aqui entram em consideração, nas quais a [falta palavra] subordina-se ao poderío doméstico dos parentes de sua esposa, pertencentes à classe dominante. Um poderío doméstico próprio ele tem tão pouco como casa própria.

De peculiar importância para a significação econômica da "couvade" é finalmente a informação de Stedamann¹⁴³ acerca dos índios de Surinam. Segundo ela, o pai, após ter realizado a "couvade", com rigoroso jejum de algumas semanas, seguindo-se ao nascimento de um filho, é obrigado a por-se ao serviço de um índio idoso devendo ser durante alguns meses tão submisso como um verdadeiro escravo. De acordo com nossas anteriores proposições mal poderá haver qualquer dúvida de que o mencionado índio velho seja o parente da mulher que tem o comando sobre a casa.

Se acrescentarmos aos fatos mencionados que o marido, durante o tempo da "couvade", em virtude da proibição de trabalho necessário para sua manutenção e a de sua família, fica em absoluta dependência econômica dos parentes de sua mulher, facilmente se verá que a significação principal da "couvade", do ponto de vista econômico, é fortificar ainda mais sua dependência, originada com o casamento. Em harmonia com isso não se trata da "couvade", no que se refere à criança, tanto de documentar sua relação entre o filho e o pai, mas sim o fato de pertencer ela à família da mãe; está ainda em concordância com isso que entre os Paumarí do Rio Purus, após o nascimento de uma criança não só pai, mas também seu sogro, quando habita a mesma casa, se abstém durante algum tempo de comer carne¹⁴⁴. Por aí se explica também o fato já várias vezes provado de serem justamente as mulheres que revelam o maior interesse na rigorosa observação desse singular costume. Por tudo isso a "couvade", encarada do lado econômico, deve ser considerada em todo caso, como um dos meios para criação de uma classe dependente, subalterna, da população.

Chegamos agora à difícil questão de saber de que maneira as tribos aruaques aproveitaram, como meio para esse mesmo fim, a superioridade de sua cultura intelectual. Já Ehrenreich apontou várias vezes, em seu trabalho sobre mitos e lendas dos povos nativos da América do Sul, a grande influência das culturas aruaques na formação e difusão dos mitos¹⁴⁵. Infelizmente até agora [falta palavra] por completo estudos metódicos acerca da significação dos mitos e idéias religiosas dos povos primitivos sul-americanos, que seriam, segundo minha opinião, as principais condições preliminares para a solução do problema da difusão e peregrinação e tais mitos.

Durante minha viagem aos Parecí-Kabisi pude observar como as idéias mitológicas e as festas, cerimônias e rituais dos Aruaques que penetravam a região, conquistando, qual senhores, serviram, como poderosa arma para subjugar o resto da população, reduzindo-a a povo dependente, servil.

Semelhantes aos Aruaques da Guiana, também os Parecí-Kabisi vêm toda natureza povoada por demônios bons e maus, que têm sua morada nas montanhas, nos rios e em outros pontos particularmente notáveis e atraentes da natureza. Quando, em meu regresso do Uazirimi cheguei com meus companheiros indígenas a um córrego cercado por uma série de colinas, todas estas e o próprio manancial do córrego foram consideradas como moradas de demônios, e denominadas de acordo. Uma colina situada diretamente em frente ao nosso acampamento foi

¹⁴² . Dr. Lothar v. Dargun: Direito maternal e paternal. (Ia. parte: As bases, 1892, p. 27).

¹⁴³ . Stedmann: Voyage à Surinam. Paris, ano VII da República. vol. III, p. 414.

¹⁴⁴ . Ehrenreich: Mitos e lendas dos povos primitivos sulamericanos e suas relações com os da América do Norte e do Velho Mundo. Suplemento do vol. 37 (1905) da Rev. de Etnologia, p. 63.

¹⁴⁵ . Ehrenreich: Contrib. à Etnologia bras. l.c. p.51.

chamada Kamazuáhini, a casa do Kamazuá ou do Teiri. Ela seria o esconderijo de um perigoso monstro, que morava lá em cima, em uma caverna, trazendo desgraça aos homens. De interesse para a significação dos desenhos litoglíficos, dos quais ainda falarei mais tarde, me parece o fato de que após cuidadoso exame se verificou que lá em cima não havia caverna alguma, havendo apenas uma área escura na rocha, que, por uma ilusão de ótica, dava a impressão de caverna. Evidentemente essas idéias deviam ser atribuídas exclusivamente aos Parecís que tinham invadido a região como classe dominante, devendo ser consideradas como influência da cultura aruaque¹⁴⁶.

O papel mais importante no círculo de idéias dos Parecí-Kabisi desempenham os demônios-serpentes, sobretudo o núkaima, o terrível demônio-serpente masculino, e sua mulher. Assim como existem cobras boas, inofensivas, e más, venenosas, existem também demônios-serpentes bons e maus¹⁴⁷. Um grande instrumento semelhante a trombeta, com uma purunga a guisa de caixa de ressonância, e uma pequena flauta de bambu representam o mau demônio-serpente e sua mulher¹⁴⁸. Esses dois instrumentos musicais de cerimônia não devem por nada ser vistos pelas mulheres às quais é vedado, mediante pena de morte em caso de desobediência, penetrar em casa dos homens, que também serve de cabana de festas, onde são guardados esses instrumentos musicais, ou mesmo olhar para dentro, através da porta baixa¹⁴⁹.

De acordo com as idéias generalizadas nas tribos aruaques, também os Parecís crêem que a morte é provocada por mau feiticeiro, o tihanale, que mata suas vítimas com veneno encantado. Assim, os índios nas cabeceiras do Jauru e Juruena temiam o cacique Chiquinho, de Cabaçal como perigoso feiticeiro. Ele possuía em toda a região dos Parecí-Kabisi a maior influência e, por meio de uma curiosa mistura de violências e trabalho cultural sorrateiro, estreitamente ligado a bruxarias, "mandingas", e culto aos demônios, contribuiu muito para a expansão da cultura aruaque para o pudoente da região na qual eu viajei. Até meu companheiro de viagem José Vieira, em geral muito inteligente, estava firmemente convencido de que no ano anterior quase sucumbira aos feitiços desse cacique que tantos sentidos devia ser considerado seu antagonista, e a morte da esposa do cacique Makázore, ocorrida há um ano, era em geral atribuída aos feitiços do mesmo indivíduo¹⁵⁰. Esses dois índios, pertencentes à classe dominante, sabiam muito bem que a principal ocasião para a aplicação de tais perigosas feitiçarias são as grandes festas da Tachitseha nas quais é por demais fácil ao cacique afastar um antagonista ou rival desagradável por meio de veneno, quando ele, como festeiro, apresenta a cada um dos hóspedes por sua vez a chicha misturada com os mais variados sumos de frutas. Também eu, em Uazirini, no Jauru, quando minhas relações com os índios tinham se tornado muito tensas, sempre recusei a chicha oferecida, quando ela me era dada com excessiva insistência, com muito louvor e encorajamento, de modo a ser suspeita. Que tremenda influência é exercida na população dependente e ignorante com o manejo descrito, na preparação de tais bebidas enfeitiçadas. Facilmente se pode imaginar, tanto mais por ser, segundo o costume dos índios em questão, completamente impossível, pelo menos para um nativo, recusar a bebida oferecida pelo cacique, com cerimônia.

Que todas essas idéias não são exclusivas dos Parecís, devendo ser consideradas patrimônio geral de todas as culturas aruaques, vê-se pelas condições idênticas dos aruaques na Guiana, que Everhard im Thurn¹⁵¹ nos descreveu de modo tão excelente. Também nas grandes

¹⁴⁶ . Max Schmidt: Os Pareci-Kabisi, l.c. p. 237 s.

¹⁴⁷ . Max Schmidt: Os Pareci-Kabisi, l.c. p.238.

¹⁴⁸ . Ibid. p. 239.

¹⁴⁹ . Ibid. p. 238 s.

¹⁵⁰ . Ibid. p. 174.

¹⁵¹ . Ev. im Thurn: Entre os ind. da Guiana, p. 328 s.

regiões de aculturação do Rio Negro, influenciadas principalmente pelas culturas aruaques¹⁵², e nas cabeceiras do Xingu¹⁵³ encontram-se, segundo Koch-Grünberg e K.v.d. Steinen exatamente as mesmas idéias e crendices.

Um bom exemplo de que a vontade livre de toda a população é influenciada em alta escala por forças atribuídas aos maus feiticeiros e demônios, nos dão as estacas de demônios erigidas nas casas dos Pareci-Kabisi para pendurar as redes e guardar objetos. Elas são chamadas no idioma parecí agogugá e são consideradas uma espécie de seres demoníacos, de espíritos protetores da família que tem seu acampamento em sua proximidade¹⁵⁴. Atribui-se a esses mourões brutos, quase não trabalhados, em parte postos em destaque por meio de insignificantes pinturas, por um chapéu ou um cordão, forças demoníacas, que protegem os bens guardados em sua proximidade ou neles pendurados contra ataques de outros, também dos próprios moradores da mesma taba¹⁵⁵.

O bom pajé ou feiticeiro, o otuhariti, é o único capaz de atuar contra a influência dos maus feiticeiros. Ele cura os doentes e sabe tudo.

Por meio de temor aos demônios, que é geral, e é mantido em pé nos ritos, principalmente pelas mulheres, bem como pela grande influência do otuhariti, o feiticeiro, os componentes da classe dominante, mais introduzidos nos mistérios dessas manifestações de cultura aruaque, encontram os meios de exercer forte influência nas ações mais completa sua dependência.

Junta-se ainda a significação das danças rituais principalmente das danças de máscaras que sobretudo nas duas regiões de cultura já várias vezes mencionadas, no Rio Negro, e nas cabeceiras do Xingu, desempenham papel tão importante. Se admitirmos que essas danças de máscaras são feitiçarias que, entre outras, servem para apaziguar demônios inimigos da cala bem como as pragas da lavoura, e por meio de influência mágica torná-las favoráveis aos homens e benéficos para os animais da mata¹⁵⁶, concluiremos que caçadas abundantes e ricas colheitas não podem ser esperadas sem essas cerimônias. Como os condutores e organizadores das danças de máscaras são os caciques ou chefes de clãs, também esses meios mágicos estão nas mãos da classe dominante, dando à mesma o poder de influenciar também, indiretamente, os resultados da caça e a colheita.

Para se prevalecer melhor, perante a população dependente, da posição de poder alcançada pela classe dominante por meio de todas essas crenças e idéias mitológicas ligadas como o culto demoníaco, é necessário inculcar na classe trabalhadora uma opinião muito elevada das capacidades espirituais de seus senhores. Entre os Pareci-Kabisi estava-se por isso sempre zelando da maneira mais cuidadosa para que a autoridade da classe dominante perante a classe trabalhadora não sofresse um abalo pela presença do europeu, cuja superioridade cultural era reconhecida. Esse zelo era notório em meu companheiro de viagem, Manuel, o mais influente índio parecí no Jauru. Ele mantinha perante mim e os outros índios, efetivamente, a idéia de que sabia, como eu, ler e escrever e falar a língua portuguesa. Sua escrita nada mais era porém do que uns rabiscos sem significação alguma, que reproduzi em outro lugar¹⁵⁷, que de maneira indicada imitavam o que eu escrevia, e a leitura consistia de uma interpretação arbitrária desses rabiscos. Apenas conhecia poucas palavras da língua portuguesa, que davam para se fazer entender muito mal. O mesmo Manuel me declara expressamente, logo no início de seu serviço comigo, que não me acompanhava, de maneira alguma, como meu camarada, pois ele mesmo

¹⁵². Koch-Grünberg: Dois anos, etc. vol. I, p. 161.

¹⁵³. Steinen: Entre os povos, etc., p. 343.

¹⁵⁴. M. Schmidt: Os Pareci-Kabisi, p. 195 s.

¹⁵⁵. Compare estacas semelhantes nos Tereno, na coleção do Museu Etnológico de Berlim. (V.B. 1016 e 1017).

¹⁵⁶. Koch-Grünberg: Dois anos, etc. vol. I, p. 139; vol. II, p. 196.

¹⁵⁷. M. Schmidt: Os Pareci-Kabisi, l.c. p. 230 s.

era patrão como eu, seus camaradas para trabalharem. Apesar dessa afirmação ele executou, durante a viagem, muitos trabalhos para mim, mas só quando nenhum dos outros índios estava presente, pois sua autoridade poderia ter sofrido se os outros o vissem trabalhando para alguém.

Como as idéias mitológicas, como foi dito, são um dos meios principais para manter a população dependente dócil disposta a obedecer, tenta-se sempre que é possível pô-las em primeiro plano, dando-lhes pelos mais variados meios de representação, uma forma acessível aos sentidos. Os Parecí-Kabisi possuíam um instrumento peculiar, consistindo de um tubo de bambu dotado de fendas longitudinais em toda a volta, com o qual imitavam as vozes dos demônios¹⁵⁸. Os homens e moços falavam dentro do tubo, com tom especial, e suas palavras ecoavam então em sons cavernosos, sobrenaturais, fantásticos. Longos paus, semelhantes a chibatas eram usados para, batendo na coberta de palmas da casa previamente fechada, anunciar às mulheres a presença dos maus espíritos. Dos dois instrumentos principais que, durante as danças, representavam o demônio-serpente e sua mulher, já falei em ocasião anterior. "Fechem as portas. Mulheres não podem entrar; realmente, o demônio da serpente e sua mulher estão aí", assim começa o texto de uma das cantigas que eram cantadas durante as danças aos sons abafados e gritantes dos dois instrumentos¹⁵⁹. Máscaras não são usadas para essas danças que fazem a apresentação dos demônios entre os Parecí-Kabisi, não sendo possível averiguar se jamais possuíam máscaras¹⁶⁰. Mas, como já foi mencionado, tais danças, nas quais os demônios a serem representados são assinalados por sinais peculiares, característicos, nas máscaras, e por correspondentes movimentos mímicos do dançador, desempenham em outras regiões das culturas aruaques um papel importante¹⁶¹. Certamente essas danças de máscaras adquiriram com o tempo a significação mais exatamente precisada por Koch-Grünberg, de harmonizar por meio de influência mágica, os demônios prejudiciais ao trabalho humano, mas, além dessa ulterior significação, que terá surgido no decorrer da evolução, a sua execução tem, para a classe dominante o valor, que não pode ser subestimado, de mostrar suas idéias mitológicas, em forma acessível, à população trabalhadora, dependente, ou à que se pretende transformar a tal, reduzir a dependência.

Considero o resultado mais importante de meus estudos entre os Parecí-Kabisi, os esclarecimentos que trouxeram quanto aos primórdios das artes criadoras entre aqueles índios¹⁶², pois justamente nos últimos anos tem-se dado, de vários lados, especial atenção a essa questão¹⁶³. Em várias moradias encontrei mourões de madeira grandes empregados em certas provas de força dos moços, nos quais estavam expressas certas idéias mitológicas por meio de figuras pintadas. Nesses primórdios de uma primitiva escrita figurada, numa forma até então desconhecida dos povos nativos da América do Sul, que provavelmente devem ser atribuídas a um determinado centro da cultura aruaque, temos evidentemente uma emanação da mesma idéia, também manifestada no dar-se forma simbólica às concepções mitológicas. Vi claramente que somente os membros da classe dominante tomavam parte na confecção dessas representações figuradas, pois somente eles podiam proporcionar dados exatos sobre sua significação. Do mesmo modo, somente entre os utensílios domésticos da classe dominante encontrei cuias com figuras semelhantes, ao passo que os do resto da população eram adornados com padrões simples.

¹⁵⁸ . Ibid. p. 239 s.

¹⁵⁹ . Ibid. p. 239 e 250.

¹⁶⁰ . Ibid. p. 198 s.

¹⁶¹ . Koch-Grünberg: Dois Anos, etc. vol. II, p. 162 e 173 ss. 252. Steinen: Entre os povos, etc. p. 307 s.

¹⁶² . M. Schmidt: Os Parecí-Kabisi, l.c.p. 231 s.

¹⁶³ . Cf. Koch-Grünberg: Os primórdios da arte na floresta virgem. Desenhos feitos por índios, coligidos durante suas viagens pelo Brasil. O mesmo: Desenhos litoglíficos sul-americanos. — Vierkandt: O Desenho entre os povos primitivos. Em Rev. para psicologia aplicada, v.6 (1912) p. 299 s. -v.d. Steinen: Entre os povos, etc. p. 243 ss.

Se devemos pois ver nos sinais figurados que se veio a conhecer entre os Parecí-Kabisi o meio pelo qual a classe dominante apresenta ao resto da população as suas idéias mitológicas, esse ponto de vista nos mostra diretamente a significação das figuras nos desenhos em rochas que se encontram nas mais diversas regiões do continente sul-americano, nas quais se pode provar, no passado ou no presente, a existência de influência cultural aruaque. Já apontei em outro lugar¹⁶⁴ o acentuado contraste existente entre a minha opinião e a que predomina atualmente quanto a esses desenhos litoglíficos; eu dou aos mesmos uma significação íntima, como representação de idéias mitológicas entre os atuais Parecís, e pelos pontos de vista econômico-administrativos destacados no presente trabalho, segundo os quais representações dessa espécie têm como base uma finalidade prática definida, tem-se novos pontos de referência para a solução do problema. Vimos como ainda hoje entre os Parecís, colinas e rochedos que são na vista são consideradas moradia de demônios, e que uma parte das idéias mitológicas está por conseguinte estreitamente a elas ligada. Uma mancha escura numa parte dum rochedo, em uma determinada colina, era encarada como caverna e ao mesmo tempo séde de um perigoso monstro, e só com muito medo e após muita persuasão meu companheiro Manuel pôde ser movido a acompanhar-me na subida desta colina. Exatamente os mesmos receios mostram os índios, segundo vários relatórios que aqui não posso mencionar mais detalhadamente, ainda hoje, quando chegam nas proximidades das rochas gravadas com desenhos litográficos. Ninguém poderá duvidar que esses desenhos, em parte ainda hoje, têm grande efeito na imaginação dos que os vêem, e o efeito na população adjacente deve ter sido tanto mais profundo quando esses visíveis sinais de um mundo sobrenatural, de espíritos, de uma cultura superior, apareceram pela primeira vez nessas rochas. Devem ter se provado como um meio eficiente para a difusão das idéias mitológicas dessa cultura superior e ao mesmo tempo para o reconhecimento da superioridade espiritual dos portadores dessa cultura.

¹⁶⁴. Max Schmidt: Os Guatós e seu território. Resultados etnológicos e arqueológicos da expedição ao rio Caracará em Mato Grosso. Baessler-Archiv., vol. IV, fasc. 6, p. 282 s.

Capítulo 4

O caráter da expansão das culturas aruaques

Estando assim os motivos e os meios da expansão das culturas aruaques expostos claramente nas páginas precedentes, é possível compreender a essência propriamente dita dessa expansão. Os fenômenos notáveis dentro das culturas aruaques mencionados na exposição sumária geral dessas culturas, e que são difíceis de explicar pela tradicional teoria da emigração, revelam-se agora como consequência obrigatória dos motivos e meios dessa expansão, sendo por isso, da maneira mais natural, ligados com toda a sua essência. Tornou-se claro que na expansão das culturas aruaques não se trata de simples emigração ou avanço de compactas unidades étnicas, desligadas por quaisquer motivos externos; com isso porém a teoria das peregrinações, tão amplamente difundida, que desempenha papel tão importante principalmente na divisão das tribos sul-americanas segundo pontos de vista puramente lingüísticos, e que se tornou já em Martius e em toda a mais recente etnologia da América do Sul a verdadeira base de conclusão radicais, pode ser considerada afastada definitivamente. As tribos aruaques não se expandiram em massas compactas, partidas de um ou mais centros, por sobre a atual região influenciada por sua cultura; foi a classe dominante, como a portadora propriamente dita dessas culturas que difundiu sua influência sobre unidades étnicas cada vez maiores na região selvagem da América do Sul. Mas exatamente se designaria essa espécie de expansão com o termo "colonização", pois ela equivale, em seus traços essenciais, àquilo que do ponto de vista europeu se quer designar por essa expressão. A espécie de expansão que ocorre com as culturas aruaques seria mais acertadamente comparada com a colonização pela cultura européia, tal como ela se verifica atualmente no continente africano. Por conseguinte as diferenças nas diversas tribos aruaques não devem ser atribuídas a modificações sofridas por uma população originalmente uniforme, devidas a condições de meio ou de tempo ou ainda a contactos externos com outras culturas, mas baseiam-se simplesmente no fato de terem os Aruaques, durante a sua grande obra colonizadora, entrado em contacto com tribos diversas nos diferentes lugares. As diversas tribos formam, após terem sucumbido ante os portadores da cultura aruaque que nelas penetraram, tornando-se a classe dominante, a partir de então várias pequenas subtribos da grande massa étnica que, pela superioridade dos Aruaques se transformaram em unidade cultural. A multiplicidade dos dialetos aruaques explica-se assim pela ligação do idioma aruaque com diversos outros idiomas. Pelo mesmo motivo explica-se a grande variedade de bens culturais dentro da unidade étnica pertencente à cultura aruaque, e a grande diferença no nível cultural da população.

Digno de nota na expansão das culturas aruaques por colonização é o fato de nada ter a ver com o poderio político, baseando-se num fundamento puramente econômico-administrativo. Assim, os Parecís puros que, vindos do norte, penetram como portadores de cultura entre os Parecí-Kabisi, sempre reconheceram os caciques das comunidades de Uazírими apesar da grande preponderância que Manuel vindo de fora, exercia sobre a população; nas tentativas, que mais tarde serão tratadas mais detalhadamente, do mesmo Manuel e do Parecí José Vieira de Calugaré, de reduzir o cacique Makázore à dependência econômica, não se trata de tirar-lhe a dignidade de cacique para apoderar-se da posição política dominante. Explica-se assim por si mesmo, essa espécie de colonização, o extraordinário fenômeno de não se achar o poder político nas mãos dos Aruaques em várias regiões sul-americanas, apesar da evidente predominância de sua cultura e seu sistema econômico-administrativo¹⁶⁵. Em tais casos não devemos concluir sem

¹⁶⁵ . Como em várias tribos no Rio Negro, cf. Koch-Grünberg: Dois Anos, etc. v.II, p.137. — ; também nos Guanás, que antes viviam dentro do território dos Mbajas, de maneiras que apareciam em parte como aliados,

mais nem menos tratar-se de ulterior subjugação de tribos aruaques por outros povos, como tantos tendem fazer. Somente onde um tal domínio por meio da força, é provado por determinados fatos históricos, e devemos ter em conta. Em todos os outros casos, a julgar pela essência da expansão das culturas aruaques é mais lógico admitir-se que o poder político nunca esteve, de todo, em suas mãos.

Um fato importante é não ser a penetração da cultura aruaque, da maneira descrita, uma ocorrência isolada, havendo sempre novas penetrações dos Aruaques, [palavra apagada] classe dominante, o que faz surgir uma população mesclada que sempre é novamente melhorada pela repetição contínua de novas influências aruaques. Para isso as condições dos índios na Serra dos Parecis constituem um bom exemplo. Os Parecis devem já há muito tempo ter penetrado, como portadores de cultura, nas regiões das cabeceiras do Cabaçal, do Jauru, do Juruena e do Guaporé, anteriormente habitadas pelos Gaiguacuré, absorvendo, pela maneira descrita no capítulo anterior a parte da população restante após os encontros guerreiros, como esposas e como camarada dependente, trabalhadora, da população. A população mesclada assim formada classifica a si mesma, pela parcela preferida dos habitantes, como Parecís, que consideram mais avançados quanto à cultura, considerando ofensa violenta quando alguém quer duvidar de sua pura qualidade Parecí. Mas os dois sub-grupos da tribo parecí, localizados ao norte, os Ueimaré e Kaxiniti, que vivem disseminados pelos rios Arinos, Sucurí-una, Tahuru-ina e Timalatia, de maneira alguma reconhecem esses irmãos de tribo do sul, denominados Kozurini, como iguais, chamando-os pela denominação depreciativa Kabisi. São distinguidos como Kabisi mansos dos Kabisi bravos, por sua vez idênticos aos Gaiguaré.

Ao tempo de minha estadia na serra dos Parecís, entre os Kabisi mansos, como dizem os Parecís do norte, ou Parecí-Kabisi como eu os denominei, em virtude de sua dupla raça tribal, na publicação de meus estudos de viagem, podia-se observar nitidamente uma nova incursão de cultura aruaque nessa região, vindo índios parecís do sul, entre os quais sabiam se impor como classe dominante, conseguindo a maior influência. Assim, o já muitas vezes citado cacique Chiquinho de Zaguaritsé no Cabaçal era oriundo da região norte, bem como meu companheiro de viagem, Manuel, que em Uazirimi no Jauru, exercia a maior influência, apesar de deixar proposadamente o cacique Atáu em seu posto e dignidade de chefe. Esses Parecís, penetrando como classe dominante na região dos Parecí-Kabisi, sabiam, em virtude de sua superioridade cultural, se prevalecer melhor dos já citados meios para criar uma população dependente e para fortalecer na posição de chefes do que os senhores locais, não considerados por eles como iguais; por isso conseguiram aos poucos usurpá-los de sua posição influente, acabando por reduzi-los cada vez mais à dependência econômico-administrativa. Característico para o desenvolvimento dessa condição é o destino de velho cacique Makázore que pertence à classe dominante desses Parecí-Kabisi e que morava ao tempo de minha viagem, em Calugaré, em uma cabeceira do Jauru. Ainda há dois anos ele possuía uma morada, juntamente com seu irmão, perto do Cabaçal. Então o cacique Chiquinho matara seu irmão e obrigara-o a deixar sua moradia. Makázore recuara então, com sua gente, para mais longe, na região das cabeceiras de Jauru e Juruena. Durante algum tempo governara como cacique um grande clã junto a um dos córregos da cabeceira do Jauru, em Atiahirtiwirtigo, mas até aqui o perseguiram as intrigas dos rivais Parecís, que lhe eram superiores quanto à cultura. A morte de sua esposa, ocorrida há um ano, era atribuída por todos às artes feiticeiras do cacique Chiquinho, e sua gente cada vez mais o abandonara, caindo cada vez mais num estado de dependência econômica dos Parecís invasores, no Jauru e Cabaçal. Dessa maneira o cacique com seus filhos perdera seu centro econômico-administrativo, e, o que era típico, o Parecís tratavam, por todos os meios à sua disposição, de prevalecer-se de sua situação desolada, e torná-lo dependente, submisso. Externamente o reconhecimento por sua qualidade de cacique, como membro da classe

em parte como vassalos e protegidos dos Mbajas. Kersten: As tribos de índios do Gran Chaco até o fim do século 18. 1.c. p.69 s.

dominante, para poderem se apoderar dele, dos membros de sua família e dos restos de sua gente. Após verificar que os meios violentos do cacique Chiquinho não tinham sucesso, dois influentes Parecís, já mencionados, Manuel de Uazírimi e José Vieira de Calungaré, começaram a aliciar o cacique e com ele os valiosos elementos para o trabalho a ele ligados, por vários meios e com variados resultados. Em Uazírimi tinha-se ajustado o noivado de seu filho, de aproximadamente doze anos de idade, com uma menina e o próprio Makázore tinha ali perto uma lavoura que tratava em interesse de Manuel. Já Manuel se sentia seguro de seu domínio sobre o cacique e sua gente, o que me deu a entender com a afirmação de que tinha "amansado" Makázore, tinha-o transformado de um índio selvagem em índio manso. Mas, quando continuei minha viagem de Uazírimi, Makázore foi comigo procurando seu segundo aliciador, em Calugaré, que tinha tido a idéia de deixar-se adotar por ele como filho, para poder, como membro de sua família, exercer a necessária influência sobre ele e sua gente para mais tarde tomar a si seus direitos de chefe. Essa relação que, graças aos esforços de Manuel de Uazírimi, evidentemente se tinha afrouxado nos últimos tempos, estreitou-se durante minha permanência cada vez mais. Makázore trabalhava novamente com sua filha, em sua própria plantação, ao lado de uma pequena casa de moradia nas cabeceiras do Juruena, em Hanauinhirtigo, e pela época de minha partida José Vieira e ele planejavam construir uma grande casa de família ao lado da cabana provisória, e da pequena oca de festa, em Calugaré, para fundar aqui, em conjunto, um novo núcleo econômico-administrativo. O Parecí-Kabisí Makároze seria em todo esse arranjo seu próprio senhor, continuando nominalmente cacique porém a verdadeira força motora e o condutor dessa comunidade recém-formada, era seu filho adotivo, do ponto de vista cultural, um Parecí. Somente sob sua proteção o velho cacique, que perdera seu centro econômico-administrativo e cuja casa grande de Atiahirtigo, agora uma triste tapera, já caía em ruínas, poderia viver com sua família a salvo das perseguições de seus inimigos e rivais parecís vindos do norte.

Em condições de soberania muito semelhante viviam juntos em Uazírimi Manuel e o cacique Ataú. Também este último, como Makázore, pertencia à classe dominante dos Parecí-Kabisí. Manuel se insinuara em sua casa, reconhecia externamente sua qualidade de cacique, sobretudo como organizador das festas de cerimônia, e o deixava, perante sua gente, na posição de chefe. Tinha contudo tal influência sobre ele que, por uma simples discussão, o podia ameaçar de despejá-lo simplesmente de sua própria casa.

Julguei ter que tratar aqui tão detalhadamente desses fatos, por termos aqui, juntamente com a repetição de novas emanações de cultura, os primórdios de uma escala progressiva de interdependência, que desempenha papel tão importante na história da humanidade. Em virtude de circunstâncias muito favoráveis é que se pode aqui, na Serra dos Parecís, observar diretamente a maneira pela qual surge inicialmente a divisão em escalas da estrutura de uma unidade étnica. Os três graus diferentes na escala divisora da população correspondem a três graus diversos de nível cultural; a população original foi reduzida primeiramente ao estado de dependência econômica, pela maneira descrita, e com isso a um nível de trabalhadores obrigados a prestar serviços para a mais elevada cultura aruaque, isto é, para a classe dominante a ela pertencente; esses por sua vez, em uma luta de concorrência com os portadores de novas ondas de cultura, mais vigorosas, só podiam preservar seus direitos senhoriais, colocando-se, em parte, ao serviço de seus novos concorrentes, reconhecendo-se de certo modo como seus chefes superiores.

Repetição semelhante das correntes culturais que viemos a conhecer entre os Parecí-Kabisí, teve lugar também entre os Cauás, atualmente localizados no Aiari, na bacia do Rio Negro. Segundo Koch-Grünberg esses pertencem originalmente aos aruaques. Por conseguinte já longo tempo uma emanação dessa cultura deve ter atingido seus antepassados, que a absorveram. Mais tarde a influência dos Kobeua sobre eles tornou-se tão grande que tomaram o

idioma e muitos hábitos dos mesmos, até entrarem novamente em estreitas relações com Aruaques puros, sobretudo com os Siusí, com os quais se verificaram muitos casamentos. Por isso a geração mais nova fala hoje novamente a língua siusí, ou um dialeto aruaque que apenas difere pouco da mesma¹⁶⁶.

É facilmente explicável que as comunidades aruaques, tomadas isoladamente, dada a influência sempre crescente de elementos estranhos, de nível cultural inferior, aos poucos retrocedem a um nível de cultura mais baixo, se não são fertilizadas, da citada maneira, por novas correntes culturais. Os Parecí-Kabisí, bem como os Cauás constituem disso um bom exemplo. Pela influência guaiguacuré os Parecí-Kabisí perderam tanto de sua cultura aruaque, que não são mais reconhecidos como iguais pelos Parecís do norte, a ponto do citado Parecí Manuel poder ter a pretensão de ter, como primeiro "amansado" o cacique Parecí-Kabisí Makázore. Os Cauás tinham, como foi acima mencionado, pela influência Kobeua, até perdido seu primitivo idioma aruaque, tendo mais tarde que ser reconquistados para a cultura aruaque por meio da influência de tribos aruaques puras. Devemos pois, após esses exemplos, contar com o fato de se manifestar a cultura aruaque, nas diversas tribos por ela absorvidas, com intensidade muito variável; essa intensidade pode ainda, segundo a influência exercida por tribos menos adiantadas ou por novas correntes culturais aruaques, estar sujeitas, no decorrer do tempo, a grandes oscilações dentro da mesma tribo. Já dessa diferença de intensidade das influências culturais se explicam as grandes diferenças do grau das culturas aruaques, tais como as vimos mencionadas acima, no capítulo 1. A isso acrescenta-se porém, como segundo fator que não pode ser subestimado, a tendência inerente à cultura aruaque, de se aperfeiçoar cada vez mais, por meio de empréstimos de culturas estranhas superiores à sua, sobre o que o capítulo seguinte tratará mais detalhadamente.

¹⁶⁶ . Koch-Grünberg: Dois anos, etc. vol. I, p. 116 s.

Capítulo 5

Posição da Cultura Aruaque perante as demais Culturas da América

A maneira peculiar da expansão das culturas aruaques trouxe consigo que ela, não só em determinadas regiões limitrofes mas também dentro de seu próprio campo de ação entra por toda a parte no mais estreito contato com outras culturas. Para aqui entrarmos em detalhes quanto à relação com as demais culturas, devemos distinguir dois fatores: primeiro, a relação das culturas aruaques com as culturas mais elevadas, que são a cultura européia, avançando cada vez mais, e as antigas culturas americanas e, segundo, sua relação com as de nível mais ou menos idênticos, antes de tudo as dos tupi-Guarani e dos Caraibas. Sobre suas relações com as culturas de nível mais baixo já foi dito o necessário nos capítulos sobre motivos e meios de sua expansão.

Em todos os lugares em que a literatura menciona a relação das tribos aruaques com os invasores europeus, é frisada sua disposição amistosa para com estes. Já Gumilla¹⁶⁷ diz delas: "Son los Aruacas la Nacion mas amante y leal a la Nacion — Española, de quantas se han descubierto en el Orinocy sus provicias". — Igualmente Antonio Pires de Campos relata dos antigos Parecís, no ano de 1723, que não são belicosos, apenas se defendendo quando se os quer carregar para longe. Pelas conclusões expostas nos capítulos anteriores facilmente se verifica que o motivo dessa harmonia com os invasores europeus está intimamente ligado aos motivos da expansão das culturas aruaques. A fundação e manutenção da posição dominante perante outras tribos de modo algum pode ser tão bem alcançada como por meio das vantagens oriundas de relações amigáveis com culturas mais elevadas. Característica é a maneira pela qual os Aruaques procuram se prevalecer de sua boa harmonia com os europeus, em detrimento de outras tribos que visam subjugar. Já mencionamos acima casos em que os Aruaques se prestam à atuação de intermediários perante os europeus, entregando-lhes a presa de suas caçadas humanas como escravos ou catecúmenos. Segundo Gumilla, os "Aruacas" avisavam em segredo os espanhóis sempre que os Caraibas ou outra tribo planejavam atacá-los¹⁶⁸. Com grande habilidade souberam sempre fazer os europeus partilhar de suas inimizades para com outras tribos, contando horrores das tribos que opunham resistência à cultura européia, chamando-os de bugres bravos, diferentes dos bugres mansos¹⁶⁹, procurando por todos os meios acirrar os ânimos dos europeus contra eles, designando-os como elementos adversos à cultura. Característico para esse fato é a opinião de várias pessoas, bem ao par das condições, acerca dos assaltos feitos pelos índios na região parecí, ainda no tempo de minha estadia ali, contra os seringueiros ou os membros da comissão telegráfica. A rapinagem contra brasileiros isolados era sempre executada com arco e flecha, e os Parecís, que pelo aspecto externo se servem exclusivamente de espingardas importadas, na maioria simples armas de carregar pela boca, atribuem esses atos de violência com absoluta certeza aos Guainguacuré, seus inimigos. Ora, entre alguns colonos é opinião corrente que os Parecís e sobretudo os Parecí-Kabisis, fazem um jogo duplo, surgindo, por um lado, armados de arco e flecha, como índios selvagens, e empenhados os assaltos, depois aparecendo entre os europeus, como índios pacíficos, que há muito não empregam mais arco e flecha. Embora as acusações contra os Parecís não estejam, de maneira alguma, provadas, de modo que ninguém pode assumir a responsabilidade de os

¹⁶⁷. P. Joseph Gumilla: *História Natural, civil y geographica de las naciones situadas en las riveras del Rio Orinoco*. Barcelona 1791, t.I, p. 154.

¹⁶⁸. *Revista Trimestral: do Instituto Histórico* XXV, p. 443, Rio de J., 1862, K.v. d. Steinen: *Entre os povos*, etc. p. 424 s.

¹⁶⁹. Gumilla, l.c. t.I, p. 154.

apontar como causadores destes assaltos, esse modo de encarar a questão denota compreensão pelo interesse que os Parecís têm de se mostrar pacíficos perante os europeus, e de lhes mostrar as tribos vizinhas inimigas como possivelmente más. Pude verificar que arco e flecha, apesar da decisiva negativa, de fato ainda não estão fora de uso, por meio de um fragmento de haste de flecha que encontrei no chão e que por descuido não tinha sido ocultado a tempo¹⁷⁰.

Que vantagem os Parecís sabem tirar de suas relações com os europeus, na criação de sua posição de classe dominante, nos mostra a maneira bem sucedida pela qual, pouco antes de minha viagem à região, alguns indivíduos da comunidade parecí do norte usurpavam a classe dominante dos Parecí-Kabisí de suas posições privilegiadas. O cacique Chiquinho de Zagurigatsé, Manuel de Uazírimi e José Vieira de Calugaré, de cuja posição entre os Parecí-Kabisí se tratou detalhadamente nas páginas precedentes, estiveram todos os três nos anos de sua mocidade, em contato com brasileiros tendo aprendido muita coisa da cultura européia, o que lhes deu a supremacia sobre seus conterrâneos. Já no tempo de minha viagem eles faziam sua gente extrair borracha, embora em quantidade reduzida, negociando-a contra munição, utensílios para a lavoura, peças de vestuário e demais objetos de uso nas colônias brasileiras que mais penetraram naquelas regiões. Sobretudo sabiam dessa maneira adquirir maiores quantidades de contas de vidro, cujo valor econômico já foi mencionado; obtinham maiores quantidades do que os outros Parecí-Kabisí, em suas ocasionais visitas às colônias, de Sepotuba, conseguiam receber em troca de cestos trançados e miudezas análogas. No meu tempo atingira proporções extraordinárias a influência entre os Parecís do norte de um irmão de tribo que tinha acompanhado o já citado Coronel Candido Mariano Rondon em sua expedição ao interior e que fora levado ao Rio de Janeiro após a feliz conclusão da expedição. Em boa situação, comandante do Território do Acre este Coronel Libanio voltou, trazendo muitos bois carregados de presentes e até uma vitrola à sua pátria onde naturalmente adquiriu, pela sua graduação militar e sua supremacia cultural e econômica, uma tal influência sobre seus patrícios, que todas as formas de organização até então existentes foram afrouxadas. Temos aí um dos mais interessantes exemplos de como a cultura aruaque por meio de sua própria tendência de expandir seus direitos senhoriais, se atira aos braços da cultura européia naturalmente com a consequência inevitável de ser inexoravelmente por ela esmagada.

Com a tendência da cultura aruaque de tirar vantagens para si das relações com os europeus invasores, visando a manutenção de sua posição de classe dominante, deve nos parecer extraordinário que essas semi-culturas podiam em tão alto grau manter sua independência perante as antigas culturas peruanas, que lhes eram tão superiores. Nordenskiöld, que dedicou grande parte de seus estudos justamente à região limítrofe entre essas duas culturas diferentes, frisa com toda a clareza¹⁷¹ que a cultura montanha na Bolívia oriental nunca se expandiu na planície, onde é principalmente, a sede das culturas aruaques. "Muito provável é que os índios da baixada tomaram uma ou outra coisa dos índios da montanha, que ocasionalmente pode ter tido lugar um limitado intercâmbio cultural. Pode-se no entanto afirmar que os índios da baixada na Bolívia oriental, estiveram, em seus traços fundamentais, absolutamente independentes da possante cultura montanha. Veremos também que ali encontramos reminiscências de uma semi-cultura que em relação à cultura da montanha parece ter sido completamente independente". Com essa opinião de Nordenskiöld devemos concordar, no que se refere à relação dos Aruaques com os períodos posteriores da antiga cultura peruana, sobretudo com o último período, na época do império inca, cuja poderosa cultura nunca pôde penetrar na região dos Aruaques. Os resultados das pesquisas arqueológicas de Nordenskiöld nas planícies da Bolívia oriental revelaram claramente que as antigas culturas aruaques, de nível relativamente elevado, dessas regiões, apesar da proximidade da cultura montanha adjacente,

¹⁷⁰ . M. Schmidt: Os Pareci-Kabisí, l.c. p. 199.

¹⁷¹ . Erland Nordenskiöld: Pesquisas arqueológicas na planície boliviana, l.c. p. 807. O mesmo: Urnas e Mounds, etc. l.c. p. 250 s.

não estiveram em contato direto, ou ligação, com estes períodos posteriores de antiga cultura peruana. Com isso, porém, não está dito que tal ligação nunca tenha existido, também em épocas mais remotas. Os ornamentos nos vasos dos *mounds* da planície Mojo¹⁷², reproduzidos por Nordenskiöld bem como os fragmentos de vasos que Nordenskiöld doou ao Museu de Antropologia de Berlim¹⁷³ revelam claramente grande afinidade de estilo com a cerâmica da antiga cultura Tiahuanaco, cuja expansão, em tempos remotos, deve ter atingido a maior extensão do Peru¹⁷⁴, e um estilo muito semelhante também encontramos na região oriental da expansão da antiga cultura aruaque, na ilha de Marajó¹⁷⁵.

Essa afinidade de estilo permite concluir com segurança ter existido ligações de qualquer espécie entre as duas culturas, mas no atual estado da ciência não se pode ainda, por meio indutivo, formar um julgamento definitivo sobre quais teriam sido essas ligações. Do ponto de vista puramente teórico essas ligações podem ser essencialmente de três espécies:

Primeiro: Retrocedendo, a antiga cultura Tiahuanaco e as antigas culturas Aruaques, partiram da mesma raiz, isto é, de uma cultura cuja região de expansão já se estendeu uma vez tanto pelos Andes como pela planície boliviana. Mesmo se na atual fase das pesquisas arqueológicas, de acordo com os relatórios dos antigos cronistas espanhóis, se pode estabelecer com regular exatidão as linhas limítrofes da influência direta da cultura do planalto ao tempo do império dos Incas, quanto à antiga cultura Tiahuanaco estamos até agora completamente na incerteza sobre seus limites no período de sua expansão máxima. A grande surpresa ocasionada pelos achados de Nordenskiöld que revelaram a grande afinidade entre a cerâmica antiga-aruaque e a antiga-tiahuanaco, mostra que não é fora de cogitação poder-se encontrar ulteriores concordâncias como essas ao continuar-se as pesquisas e estudos arqueológicos da planície boliviano-brasileira, que se encontram ainda em fase de início.

Em segundo lugar essas ligações que se manifestam em cerâmica podem significar que uma das duas culturas deve ser considerada a primária, da qual em seguida partiu a outra, desenvolvendo-se como tal. Como até agora não temos firmes pontos de referência para determinar com absoluta exatidão a idade das duas culturas, ficaria ainda pendente a questão se deveria considerar primária a cultura da planície ou a do planalto, quer dizer, se o ponto de partida deve ser procurado entre antigos Aruaques, de onde teria se expandido sobre o planalto, ou se, pelo contrário, os Aruaques receberam sua cultura do planalto.

A terceira possibilidade de se explicar as ligações entre as duas culturas seria presumir a existência de duas culturas diversas, absolutamente independentes uma da outra em sua origem, que mais tarde, de um modo ou de outro, teriam se confrontado e entrado a se influenciar mutuamente. Por não terem existido na época dos períodos posteriores quaisquer ligações, pelo menos não ligações estreitas, entre os Aruaques e o Peru, não está provado de maneira alguma que tais relações não possam ter existido em períodos mais antigos. Quando duas culturas persistem uma ao lado da outra, em tão grande proximidade, sem se influenciar mutuamente durante inteiros períodos, deve ter havido forças muito determinadas que o evitaram. Das pesquisas de Nordenskiöld podemos concluir que também aqui foram razões econômicas que favoreceram essa separação das duas culturas. Estamos de acordo com Nordenskiöld quanto a existirem importantes fatores para a separação das duas culturas vizinhas na diferença entre as plantas de cultura da montanha e as da floresta virgem, e na ausência, na baixada, do lhama, tão importante para a administração econômica da cultura andiana, que não encontra na região de

¹⁷² . O mesmo: Urnas, etc. p. 217, ss.

¹⁷³ . Número do catálogo V.A. 61257-61266

¹⁷⁴ . Cf. M. Schmidt: Sobre tecidos antigos peruanos com motivos cênicos. Vol. I, fasc. I, p.16 ss. de Baessler-Archiv.

¹⁷⁵ . Comp. a cerâmica proveniente dessa região, no Museu Etnológico de Berlim (V B 1980, 1985, 1988).

mata virgem condições favoráveis à existência.¹⁷⁶ Mas que a região de matas virgens no pé dos Andes é quase intransponível consideramos antes uma consequência da separação das duas culturas e não o motivo da mesma.¹⁷⁷ Mesmo se a falta de navegabilidade dos rios daquela região limítrofe torna impossível um regular trânsito por água, ter-se-ia formado há muito, dada a necessidade de mais estreito intercâmbio entre as culturas aruaques e as montanhezas dos períodos posteriores, uma ramificada rede de caminhos, para atender essa necessidade, tal como encontramos por toda a parte, mesmo nas mais bravias regiões da mata virgem onde a cultura aruaque iniciou sua obra de expansão.

Se tirarmos pois uma conclusão retrospectiva das diversas possibilidades de poderem ter existido ligações com as antigas culturas aruaques, dos resultados de nossas anteriores pesquisas quanto à maneira de expansão das culturas aruaques, veremos que devemos contar com as três possibilidades como fatos prováveis. Todas as três, como fatores agindo em conjunto, formaram a situação surgida no decorrer da evolução histórica.

Não existem motivos especiais de se atribuir ambas as culturas nas quais a agricultura representa a força impulsionadora propriamente dita, a dois diversos pontos de partida. Faltam infelizmente, como em sempre onde se trata de maneira de expansão de determinadas culturas, os necessários trabalhos preliminares para se formar um julgamento definitivo sobre os primórdios e o desenvolvimento da maneira de expansão das culturas antigas-peruanas. Espero no futuro também poder preencher essa falha, de modo semelhante como, no presente trabalho, foi feito quanto à expansão das culturas aruaques. Já agora desejaria expressar a suposição de que foram antes de tudo fatores econômico-administrativos que elevaram as antigas culturas peruanas, de maneira semelhante como as Aruaques, à altura na qual se achavam ao se chocarem com a cultura européia. Se essas culturas antigas peruanas no decorrer de sua longa evolução alcançaram uma tal altura, e em tão alto grau se adaptaram às condições geográficas peculiares, que entre elas e os Aruaques em épocas posteriores podia existir um tal abismo, tão larga brecha, ainda assim creio que um exame mais minucioso de essência da antiga cultura peruana, na maneira indicada, confirmaria a sua original ligação com as demais culturas sul-americanas, e sobretudo com os Aruaques.

Se partimos pois, provisoriamente, de uma afinidade das culturas sul-americanas em suas origens, teremos só que empregar os resultados de nossas pesquisas sobre a maneira de expansão das culturas aruaques, para valorizarmos devidamente as duas outras maneiras de relações culturais. Descrevemos detalhadamente que a expansão das culturas aruaques não se processa mediante uma só penetração em regiões cada vez mais vastas, mas que a população mesclada que se forma em consequência dessa expansão é fecundada por novas influências aruaques que concorrem em contínuas repetições. Dessa maneira, em numerosas repetições, uma onda cultural segue outra, cada uma emanando de um centro cultural mais elevado. Enquanto pois as culturas antigas-peruanas e antigas-aruaques apesar de sua separação territorial, uma no planalto, outra na planície, não divergiam muito uma da outra em sua essência, é muito provável que, sempre a mais elevada das duas, pela maneira descrita, irradiou suas emanações sobre a região da outra, no que logo o planalto terá sido mais a parte doadora. Quando se verificou então a separação entre as duas, a do planalto, de acordo com as condições geográficas tomando traços característicos muito peculiares, aos quais as culturas da baixada em virtude das diferenças de suas condições vitais não podiam se adaptar, as duas culturas vizinhas voltaram a enfrentar-se, contrastando uma com outra, reciprocamente estranhas e exóticas. A cultura do planalto, muito mais elevada, nunca mais foi possível nas épocas que se seguiram, expandir sua esfera de poder, por meio da posição dominante, sobre os Aruaques, no nível inferior; mas se essas mantiveram sua independência, em sua posição dominante sobre tribos

¹⁷⁶ . E. Nordenskiöld: Pesquisas arqueol., etc. l.c.p. 808.

¹⁷⁷ . Ibid. p. 807.

inferiores, perante a posterior cultura peruana, provavelmente muitos bens culturais dos peruanos chegaram até elas. É verdade que essas influências foram muito reduzidas, concluindo-se pois que poderosas forças atuaram contra a tendência inata nas culturas aruaques de retirar vantagens para a fundação e solidificação de sua posição dominante das relações com culturas mais elevadas.

Certamente a relação, descrita em linhas gerais, com as culturas antigas-peruanas, foi de maior importância para o nível e o caráter das culturas aruaques. Tanto quanto até agora podemos julgar essas condições, parece que as culturas aruaques com a separação das culturas do planalto, passaram também de seu ponto culminante, do auge de seu florescimento, desde então não mais penetrando em sua região novas emanações fecundantes de cultura. Sua obra de expansão pelo meio da posição dominante continua até o presente e continuará ainda, graças à sua tendência de ampliar-se fundada em base econômica, até a extinção completa dessas culturas, envolvidas pelos tentáculos da cultura européia; mas aquilo que as culturas aruaques podem dar às populações subjugadas como compensação pela perda de sua independência, não está mais à altura de sua antiga cultura, da qual as excavações na planície de Mojo e na ilha de Marajó nos testemunham e da qual em velhos desenhos litográficos se perpetuam duradouros momentos.

Mais difícil ainda do que sobre as ligações dos Aruaques com o Peru antigo é formar um julgamento sobre suas ligações com os centros culturais centro-americanos. Por isso eu nem teria ainda tocado aqui nessa questão, se a mesma não tivesse já sido mencionada por Nordenskiöld em suas pesquisas das antigas culturas Mojo. Também aqui devemos novamente lembrar como o ponto mais importante das pesquisas, que, em todo caso pela época da conquista espanhola não existia ligação entre a América Central e os antigos Aruaques. Estes tinham seus limites até bem perto da região de culturas centro-americanas, pois os aruaques, ao tempo da conquista, estavam sediados até nas Antilhas, os Goajiro ainda hoje tendo suas moradias no extremo norte do continente sul-americano, não longe de lá. Mas verdadeiras ondas, tais como as encontramos na expansão das culturas aruaques, não se espalharam, em todo caso não em períodos mais recentes, sobre a região aruaque. Também aqui dão na vista os grandes contrastes existentes entre ambas as espécies de cultura a despeito da vizinhança de sua região, mais ainda do que os poucos traços comuns que surgem em algumas peculiaridades dos produtos de ambas as regiões culturais. No próximo capítulo, acerca da espécie de expansão dos bens culturais ainda frisaremos que se deve ter cuidado de não tirar conclusões muito extensas de mais quanto à ligação entre diversas culturas, de algumas peculiaridades isoladas que combinam entre si. Assim, por exemplo, eu não aceitaria como decisivas para a admissão de profundas ligações peculiaridades como a confecção de vasos com três pernas e sepultamento em urnas, ambas, como o próprio Nordenskiöld admite, também ocorrem — embora não como regra — na cultura do planalto sul-americano¹⁷⁸.

Até agora temos de menos material arqueológico das diversas regiões de culturas aruaques antigas, para possuímos quaisquer pontos de referência concretos na elucidação da posição geográfica dos seus primitivos centros principais. Faltam ainda de mais elementos para a solução de importantes problemas preliminares para tratarmos mais detalhadamente das três possibilidades da ligação que tal como as estabelecemos para as relações com as antigas culturas peruanas do planalto.

Coisa muito semelhante dá-se com as outras ligações, entre as culturas aruaques e as demais culturas distribuídas pelas terras planas da América do Sul, que, como os Tupis e os Caraibas, alcançaram expansão semelhante. Também aqui deveria-se, como trabalho preliminar, examinar cuidadosamente se a expansão dessas culturas se deu da mesma maneira, até onde se

¹⁷⁸ . *Ibd.* p. 813s.; o mesmo: *Urnas e Mounds, etc.* l.c. p. 253.

expandiu, se continua a se alastrar, tal como se dá com a aruaque, e se estão baseadas no mesmo fundamento econômico. Apenas após liquidação desse trabalho preliminar poderíamos tentar esclarecer a questão se se trata de ocorrências paralelas às culturas aruaques ou de primitivas ramificações de um só centro, que no decorrer da evolução se alhearam tanto uma das outras que também as línguas apenas apresentam ainda um reduzido grau de afinidade.

Certo é que, ao tempo da conquista e até o presente temos perante nós, nas unidades étnicas representadas pelos grandes grupos lingüísticos, como dos Tupis, dos Caraibas e Betoias, culturas independentes, autônomas, que na luta por seus interesses econômicos entram em concorrência umas com as outras. Mas por toda a parte onde, como já mencionando no capítulo 1, na região dos aruaques se infiltram outros grupos, esses se mostram superiores em seu nível cultural, com o que podem iniciar sua obra de expansão, da maneira já descrita nos capítulos anteriores.

Capítulo 6

Influência da Maneira de Expansão das Culturas Aruaques nas Modificações dos Bens Culturais

Os resultados de nossas pesquisas da maneira de expansão das culturas aruaques são da mais alta significação para a solução do problema de sua influência na modificação dos bens culturais, pois eles nos dão um novo ponto de partida para responder a essa pergunta, tão debatida nos últimos tempos. Já mencionamos acima que as antigas teorias de emigrações e as teorias sobre uma determinada pátria original das unidades étnicas compreendidas por línguas aparentadas entre si podem ser consideradas definitivamente afastadas. O mesmo deve valer então, naturalmente, para a doutrina baseada nessa teoria de emigração, dos círculos e camadas culturais, pelo menos até onde interessam as culturas aruaques. Como verdadeiro extremo dessa teoria de emigração deve nos parecer a base na qual P. Schmidt funda seu trabalho que adapta a teoria do círculo cultural às condições sul-americanas, sob o título: "Círculos culturais e Camadas culturais da América do Sul"¹⁷⁹. Segundo ele, cada um dos seus três grandes grupos étnicos, nos quais dividiu os diversos povos sul-americanos segundo os diversos graus de desenvolvimento econômico-administrativo, é constituído por povos que, quanto à língua, diferem nitidamente uns dos outros e em emigrações historicamente diferentes trouxeram pelo menos os elementos básicos de suas respectivas culturas para a América do Sul¹⁸⁰. "As culturas, que certamente não tinham sua origem no norte tinham na sua grande maioria que peregrinar pelas regiões mais frias do norte para alcançar a América, e depois, em jornadas através da América, alcançavam o sul, chegando novamente nas regiões moderadas e quentes"¹⁸¹.

Essa espécie de expansão, ou seja, de penetração de culturas na América do Sul, pela qual massas de povos, mais ou menos compactas, vinda de longe, invadem espaços vazios, despovoados, ou então desagregam à força a população nativa ou a vão impelindo para a frente ao impulso de seu avanço, está diametramente oposta aos resultados de nossas pesquisas quanto à maneira de expansão das culturas aruaques.

Como P. Schmidt fez da teoria das emigrações o ponto de partida de sua doutrina de círculos e camadas culturais da América do Sul, que ele constrói baseado em diversos fenômenos nas formas afins de círculos culturais não-americanos, ela constitui a pressuposição indispensável para a exatidão do resultado obtido com vasto material comprobatório. Contradizendo, no entanto, a teoria das emigrações os fatos reais, segundo nossos estudos, pelo menos quanto à expansão das culturas aruaques, também os círculos e camadas culturais estabelecidas pelo citado método não podem reclamar para si a pretensão de dar uma idéia exata da verdadeira evolução cultural-histórica das unidades étnicas da América do Sul.

Como motivo básico da expansão das culturas aruaques aprendemos a considerar a intercalação de elementos inferiores entre os elementos aruaques mais desenvolvidos ou, em outras palavras, a divisão da população em duas classes, a dos senhores e dos trabalhadores dependentes. Para alcançar essa finalidade indivíduos isolados penetram nas regiões das populações adjacentes, mais primitivas, tentando, pela maneira descrita, entrar em relação com elas, para tirar vantagens econômicas. Naturalmente não está, de modo algum, de acordo, nem incrementa tais vantagens, privar a população que se aprofunda cada vez mais nas condições de

¹⁷⁹ . P. Schmidt: Círculos e camadas culturais na América do Sul. Rev. de Etnologia, vol. 45, 1913, fasc. VI, p. 1014 ss.

¹⁸⁰ . Ibid. p. 1020.

¹⁸¹ . Ibid. p. 1021.

servilismo, de seus bens culturais nativos, especialmente adaptado às condições geográficas. Pelo contrário, os Aruaques, penetrando como classe dominante, de senhores, não podem dispensar, para a obtenção de uma parte de seus meios de produção, os produtos industriais da população nativa vizinha, deles dependem até em alto grau. Naturalmente é exercida por meio da penetração da nova cultura, forte influência nas diferentes produções industriais nativas, mas essa influência é, de acordo com a significação econômica que os bens culturais em questão têm sobretudo para a classe dominante, tão variada e múltipla, que verdadeiramente cada produto cultural por si pode apresentar sua própria história de evolução peculiar, mais ou menos independente do outro.

Se empregarmos o método de P. Schmidt nas culturas aruaques que ainda foram sem dúvida, pelo menos certo modo, uma unidade, e isso tomando-se como base seus próprios dados tirados da literatura e do material de museu, teremos em cada uma tribo aruaque uma tremenda confusão dos diversos círculos, ou seja, das camadas culturais. Segundo P. Schmidt os Aruaques seriam, ao lado dos Caraibas e talvez também dos Tupi-Guarani, de preferência os portadores do círculo cultural do "livre direito maternal" ou da chamada "cultura do arco" para a América do Sul (1069). Pelo menos os elementos básicos de sua cultura eles teriam trazido para a América do Sul (S.1021).

Agrupando certos fenômenos isolados de alguns bens culturais tirados ao acaso, da América do Sul, o que P. Schmidt fez em seu trabalho, seguindo o esquema estabelecido por outros para as condições culturais do Pacífico, resulta que todos os 7 círculos culturais citados, dos quais I e III são os mesmos, contribuem para o que são hoje as culturas aruaques. Do círculo cultural VI, cujos portadores além de outros seriam de preferência os Aruaques¹⁸², relativamente poucos dados são a esses atribuídos, e isso, também aqui, habitualmente para algumas poucas tribos. Já a forma especial de arco com corte transversal convexo, pela qual, como sendo o principal característico do círculo cultural VI, este é chamado "cultura do arco melanésia", é mencionado só em três tribos aruaques, os Wapisiana, Passé e Uaupé¹⁸³, ao passo que toda a restante massa de tribos usa arcos que segundo P. Schmidt pertencem ao círculo cultural I-III. São esses os Goajiro, "Arowakes" na Guiana, Tereno, Kustenaú, Mehinakú, com corte transversal redondo do arco e os Yamamadi, Siusi, Baniva, Pausana e Uaupé, com corte transversal côncavo, dos quais a última tribo também se acha mencionada para os arcos com corte transversal convexo. Um corte transversal retangular, finalmente, é apresentado como forma de transição, pelos arcos dos Yauaperí, Jurí, Kampa, Piro e Ypuriná. Quanto à forma de casa das tribos aruaques, segundo o trabalho de P. Schmidt, encontram-se cabanas com cobertura cônica, casa retangular, cabana com fundamento elíptico e simples cabanas com cobertura em cumieira, todas essas formas de casa pertencentes aos círculos culturais IV e V, ou seja, formas mistas de ambas. As palafitas típicas para o círculo cultural VI só ocorrem entre os Goajiro e Wapisiana. (P.1064). As formas de embarcação como canoa de um só tronco de casca de árvore, simples, P. Schmidt atribui ao círculo IV. O barco de pranchas do círculo V é dado como sendo dos Wapisiana. Melhor do que o arco é verdade que se adapta outro característico do círculo VI às culturas aruaques; é a rede, mencionada para grande número de tribos aruaques. Quanto aos modos de sepultar os mortos apenas em relativamente poucas tribos (Arowakes das Antilhas, Ipuriná, Mojo P. 1075, Goajiro e Yamamdi, P. 1077) encontra-se o sistema indireto, ao passo que na grande maioria de tribos aruaques é usado o simples sepultamento no chão, atribuído ao círculo I-III.

A não ser esses exemplos apenas queremos ainda mencionar os bens culturais aruaques que são atribuídos ao círculo cultural VII, a "camada cultural malaio-polinésia". Segundo P. Schmidt tudo indica "que essas duas culturas não vieram por terra, mas por mar". "Facilmente

¹⁸². Ibid. p. 1063.

¹⁸³. Esta tribo é mencionada também em relação aos arcos do círculo cultural I-III.

se vê" — consta ainda — "que essa emigração marinha não tinha lugar na forma de uma corrente mais ou menos contínua de tribos inteiras ou povos, mas era só casual; uma ou outra vez davam à costa embarcações isoladas cheias de gente, ou pequenas frotas, mas raramente viriam desembarques propositados, ou de frotas maiores"¹⁸⁴.

A esse círculo VII consta pertencerem os seguintes bens culturais das tribos aruaques: A machadinha com cabo dos Desana, a tatuagem picada na pele dos Desana, Passé, Parecí, Kustenaue Arowakes da Guiana Holandesa, o pente de pauzinhos entre os Yamamadí, Kampa (P.1085), Uaupé, Kaua e Mehinakú (P.1092), o tacape chato dos Kampa, Jukuna, Uaupé, Piro e Purupuru (P. 1095), o tubo de sopro, para dardos, em grande número de tribos e finalmente o leque (P.1082 e 1083), que é encontrado sobretudo como abanador para o fogo em muitas tribos aruaques. Quer dizer que até o abanador, absolutamente indispensável dado o modo primitivo de fazer fogo, com fricção, que, além disso, se encontra também nos mais baixos povos da América do Sul, como os Guatós, e que, como uma única folha de palmeira, representa o que há de mais primitivo na arte de tecelagem, teria achado caminho por meio de embarcações que vieram por acaso parar na costa americana. As culturas aruaques nas quais justamente a arte de tecer estava tão altamente desenvolvida, não teriam de fato, por si mesmos, tido a idéia de aproveitar uma folha de palmeira trançada, que na mesma forma também é aproveitada como esteira e bandeja de palha para alimentos¹⁸⁵, para abanar o fogo?

Creio que os numerosos exemplos citados mostram suficientemente que pelo método empregado por P. Schmidt não nos aproximamos de nossa meta, que é explorar a essência da cultura aruaque e sua expansão. Um tal agrupamento de fenômenos isolados de produtos de cultura tirados arbitrariamente, como o tentou P. Schmidt, só pode de todo ter qualquer utilidade se cria grupos aproveitáveis, que sirvam para incrementar os conhecimentos sobre as culturas gerais. Vimos que tal não lhe foi possível, pelo menos não em se tratando das condições culturais das tribos aruaques, que por conseguinte o esquema aqui aproveitado, quer se adapte ao Pacífico ou não, aqui não pode conduzir a um agrupamento prático.

Após esse debate contra a chamada teoria dos círculos culturais trataremos nas páginas seguintes mais detalhadamente, do estudo da influência que a espécie de expansão das culturas aruaques teve no desenvolvimento histórico dos diversos produtos da cultura, e tentaremos dessa maneira explicar o quadro multicolor que seus diversos elementos, cada um por si, apresenta dentro da grande unidade da cultura aruaque. Trata-se de examinar a questão de quais as forças que, no seu modo de expandir, foram influentes sobre a modificação cultural nas diversas zonas, para criar no decorrer do tempo as condições peculiares, caracterizadas por sua multiplicidade. As presunções e as diversas maneiras de modificação cultural foram estudadas minuciosamente por Vierkandt em livro que é básico no assunto, "Die Stetigkeit in Kulturwandel" ("A constância da Evolução Cultural") e como os princípios por ele estabelecidos estão de completo acordo com os resultados de nossas pesquisas que partem de ponto muito diferente, terei que me referir a esse livro várias vezes no que se segue.

Da maneira de expansão das culturas aruaques sobressai como importante conclusão que o processo de mutação cultural, quanto a cada um dos produtos culturais, não deve ser atribuído a contatos casuais oriundos de emigrações, entre as culturas nativas e as mais elevadas culturas aruaques, de nível superior; justamente nos casos mais importantes essa mutação ou evolução deve ser considerada o efeito visado propositadamente, do tratamento que os Aruaques invasores, como classes dominantes, dispensaram à população nativa. Devemos pois, nessa questão, distinguir duas espécies de bens culturais. Um cuja modificação está no interesse e por isso também na intenção da classe dominante invasora, e outra em que tal não é o caso, onde os

¹⁸⁴ . l.c. p. 1098.

¹⁸⁵ . M. Schmidt: Os Parecí-Kabisí, l.c. p. 209.

bens culturais permanecem inalterados ou são influenciados indiretamente pela evolução dos outros e por simples contato com a cultura aruaque. Poderíamos comparar essa distinção com a separação de Vierkandt dos bens culturais e não essenciais¹⁸⁶. A diferença é apenas que na nossa distinção o critério do que é essencial não é absoluto, exato, mas varia, de acordo com o ponto de vista da classe dominante invasora. Será contudo recomendável unir ambas as maneiras de distinguir e dividir nosso grupo, isto é, os bens culturais que não são submetidos às modificações prepositadas, novamente em essenciais e não essenciais. Os essenciais são mais difíceis de influenciar pela aculturação aruaque do que os não essenciais, e por isso as forças, em si iguais, causarão um efeito diferente em cada uma das espécies de bens culturais. Também os bens culturais do nosso primeiro grupo, isto é, os que sofrem alteração propositada, poderemos novamente dividir em duas sub-partes, segundo estejam em quaisquer relações com os motivos ou com os meios de expansão das culturas aruaques.

Se seguirmos a teoria de Vierkandt, segundo a qual os bens culturais essenciais apresentam em seu processo de modificação um grau mais alto de constância do que os não essenciais, que portanto sob o efeito das mesmas forças são sujeitos a mais moderada modificação do que esses últimos, podemos, para o efeito da expansão das culturas aruaques na modificação dos diversos bens culturais, estabelecer o seguinte *leitmotiv*:

Os bens culturais do primeiro grupo, não importa a que sub-divisão pertençam, são naturalmente, ao dar-se a penetração dos Aruaques, submetidas em vasta escala ao processo de mutação no sentido da "aruaquização", pois tal modificação está no interesse e na intenção dos Aruaques, dominantes em consequência de sua cultura mais elevada, sendo por conseguinte por eles levada a efeito. Como a cultura aruaque nesses casos sobressai mais intensiva e por isso também mais uniforme, os bens culturais dessa espécie mostram, dentro da grande unidade da cultura aruaque, a maior uniformidade em sua aparência externa e seu desenvolvimento.

Os bens culturais do segundo grupo não são submetidos, à penetração das culturas aruaques, a uma tão completa "aruaquização", visto se deixar a elas, aliás sob a influência das culturas invasoras, curso mais livre, sem que a classe dominante empregue aqui meios especiais para a execução da "aruaquização". Se agora, no segundo grupo, a uniformização não se processa na mesma medida que antes quer dizer que nele deve haver muito maior multiplicidade de fenômenos e mais variadas fases de evolução, pois seus portadores, antes da primeira penetração da cultura aruaque, pertenceram às mais diversas tribos com correspondente variação nos bens culturais. Como por outro lado, segundo a teoria de Vierkandt, os bens culturais não essenciais são mais facilmente influenciados por elementos estrangeiros do que os essenciais, sofreriam mais o efeito "aruaquizante" da classe dominante invasora; a notória concordância em muitos pequenos traços secundários dentro das culturas Aruaques, ao lado da desigualdade de importantes bens culturais estariam dessa maneira explicadas.

Se aplicarmos os princípios estabelecidos para a espécie de evolução cultural dos Aruaques nos próprios diversos bens culturais, nos estreitos limites do presente tema naturalmente só se pode tratar então de pôr em destaque alguns drásticos exemplos e os traços principais dessas questões tão importantes. Um tratamento detalhado das mesmas, com a falta de suficientes trabalhos preliminares nesse campo, encheria um grande trabalho especializado.

Sob os bens culturais de nosso primeiro grupo entra inicialmente em consideração a agricultura, ligada diretamente aos motivos de expansão dos Aruaques. Já vimos que o motivo principal da expansão é a criação de uma população dependente, cujos trabalhos se tornam valiosos com o aumento do volume de trabalho em consequência da evolução da agricultura. A circunstância de serem os portadores das culturas aruaques exclusivamente típicos lavradores e de ser a agricultura em todas as zonas dessas culturas feitas por sistema absolutamente igual,

¹⁸⁶ . Vierkandt: A constância, etc. p. 113.

corresponderá muito bem ao princípio acima desenvolvido. Coisa muito semelhante dá-se com utensílios necessários para a lavoura. Se não contarmos a alteração verificada nos utensílios em época recente devido à influência européia que foi sentida fortemente justamente nas regiões aruaques, deveremos em dúvida designar o machadinho de pedra polida, como bem comum da lavoura aruaque. Mesmo onde o machado de pedra falta, como na região dos antigos Mojo, existiram assim mesmo machados de pedra polidos¹⁸⁷, para os quais o material deveria ser trazido de longe. Nenhum utensílio, pelo menos na América do Sul, está tão estreitamente ligado ao tamanho do solo como o machado de pedra polido, cuja quase única aplicação é a derrubada da floresta, com o fim de fazer plantações.

Grande concordância reina finalmente na espécie das plantas de cultivo, das quais se cultivam principalmente mandioca e milho. A única diferença existente é que em algumas tribos predomina a cultura da mandioca e em outras a do milho¹⁸⁸.

Além disso devemos considerar aqui as notáveis concordâncias no preparo da alimentação vegetal e nos utensílios para isso empregados. Pensamos aqui no complicado processo de industrialização da mandioca, preparo da farinha, para o qual primeiro a raiz da mandioca deve ser libertada de seu sumo venenoso. Uma parte da farinha é transformada em beiju para o consumo imediato, outra parte é trabalhada para dar mercadoria durável, e do sumo venenoso expremido faz-se, mediante preparo especial, uma bebida inócua na maioria das vezes embriagadora. Os raladores empregados para o preparo da raiz são por toda a parte os mesmos, também as peneiras para a farinha, revelam em todos os lugares grande afinidade. Em geral, a complicada manipulação do produto vegetal abre novos rumos à arte de trançar cestos e à cerâmica, de modo que por toda parte, com a penetração da cultura aruaque um aperfeiçoamento dessas duas indústrias por meio de um desenvolvimento muito peculiar e notadamente uniforme pode ser verificado.

A mesma visível concordância é encontrada dentro dos diversos bens culturais da segunda sub-espécie de nosso primeiro grupo que estão em contato mais direto com os meios empregados pelos Aruaques para a expansão de sua cultura. Aqui entram em consideração antes de tudo um certo número de instituições especiais sobre as quais falamos detalhadamente no capítulo dedicado a esses meios. Infelizmente existem ainda de menos dados sobre as condições especiais das diversas tribos sul-americanas para poder-se dar a prova da concordância geral em todas as tribos aruaques, completa sem uma falha; mas onde temos a nossa disposição dados aproveitáveis, vemos sempre o direito maternal em posição de destaque, assim por exemplo, na forma pela qual o marido, após o casamento, pertence à família da mulher e que os filhos pertencem à família da mulher e não à do marido. A combinação das duas formas de casamento, já acima descrito detalhadamente, do rapto de esposas e do enlace baseado em acordo pacífico, bem com a forma especial do enlace por compra de esposa, no qual o homem contra uma certa indenização aos sogros, tem o direito de levar consigo a mulher, para o seu centro, e ainda, finalmente, a curiosa instituição da "couvade" parecem ser ocorrências absolutamente generalizadas nas tribos aruaques.

Dos bens culturais do segundo grupo que não sofreram tanto a aruaquização" como os primeiros, devem ser destacados antes as armas que de fato, pela sua espécie como pela sua forma, apresentam diferenças radicais nas diversas tribos dentro da unidade das culturas aruaques. É verdade que arco e flecha são difundidos de modo geral em toda a região aruaque, mas as formas dessas armas são muito diversas nas diferentes tribos, assemelhando-se em geral às formas das armas usadas pelas tribos vizinhas, adjacentes. Já acima, ao tratarmos da teoria dos círculos culturais, vimos que verdadeiramente todos os tipos de arcos que, por seu diverso

¹⁸⁷ . E. Nordenskiöld: Urnas e Mounds, etc. l.c. p. 223 ss.

¹⁸⁸ . Vide acima.

corte transversal, podem ser distinguidos entre as tribos sul-americanas, estão representados nas diversas tribos aruaques. Nestas ocorrem arcos com corte transversal redondo, convexo, côncavo e retangular. O sistema de penas, o comprimento, o material da haste das flechas mostram também todas as variações possíveis para as condições sul-americanas. Assim, por exemplo, os Tereno, que limitam com o Chaco, têm a flecha típica do Chaco, ao passo que as flechas das tribos aruaques do Xingu por sua vez correspondem com as de seus vizinhos. Ampla difusão tem, entre grande parte das tribos aruaques, sobretudo na região do Rio Negro, e nas Guianas, como entre os Goajiro, o emprego da seta envenenada, o que implica por sua vez na criação de dispositivos especiais, cobertas protetoras para as pontas envenenadas, ao passo que em outras regiões flechas envenenadas não são armas. Ao lado do arco e da flecha tem também grande difusão o tubo de soprar e a aljava, em certas regiões das culturas aruaques, sendo desconhecidas em outras. O bodoque, cujo uso está limitado a uma região relativamente pequena de índios sul-americanos, empregado pelo Tsamakoko, pelos Toba e os Guató, aparece também na tribo aruaque dos Tereno. Vemos por conseguinte que aqui os aruaques, com a penetração de sua cultura, não exercem influência uniformizadora nas diversas partes de sua região, tal como se deu com a cultura do solo e com os utensílios respectivos, que nesse ponto se adaptaram às espécies e formas nativas, que sempre eram as mais adequadas para as condições geográficas. Aos Aruaques, avançando como classe dominante, não interessava, na sua qualidade de típicos agricultores, a criação de um sistema uniforme de caça. Bastava-lhes quando eram devidamente supridos de carne pela população subjugada, de qualquer maneira, indiferente com que espécie de armas. Poderia-se ainda citar toda uma série de bens culturais dessa categoria, nos quais, de modo análogo como nas armas, se encontram as maiores diferenças, sim até diretos contrastes, na espécie como forma, tal como por exemplo as diversas formas de casa, os diversos modos de sepultamento e também os diversos tipos de embarcações e os nítidos contrastes nas diferentes tribos quanto à navegação em geral.

Para terminar temos ainda que mencionar os bens culturais não essenciais dessa categoria, nos quais por sua vez existem, justamente em muitos pequenos traços secundários, uma notória concordância dentro das culturas aruaques. Trata-se sobretudo de tais bens culturais que pouco intervêm na vida econômica, estando por isso mais sujeitos à moda ou ao gosto e os caprichos. Antes de tudo quero mencionar aqui o uso, generalizado nas tribos aruaques, da rede. A difusão geral do pífaro deveria ser incluída aqui, e finalmente, os muitos pequenos traços secundários que perpassam, com notória semelhança, toda a mitologia dos Aruaques, pelo menos até onde esta é conhecida.

Um estudo completo dos diversos bens culturais das culturas aruaques, segundo os pontos de vista indicados, seria com certeza uma tarefa muito compensadora. Resta ainda fazer uma análise exata das tão confusas condições lingüísticas, seguindo os princípios resultantes pela maneira da expansão das culturas dos aruaques. Aqui queremos destacar apenas, como importante resultado de nossas pesquisas sobre a espécie de difusão cultural, que a expansão é explicação satisfatória para a desintegração dos grandes grupos lingüísticos em inúmeros dialetos diferentes. Do mesmo modo que, pela contínua ligação das culturas aruaques com elementos tribais estranhos, está dada a tendência de divisão de cada uma das línguas aruaques, a repetição ininterrupta das ondas culturais emanadas dos centros dessas culturas traz por outro lado a tendência de uniformização dos diversos dialetos. Dessas tendências que continuamente atuam uma contra a outra, a da uniformização e a da fragmentação, explica-se o atual caráter das línguas aruaques como a de todos os bens culturais.

Conclusão

Para terminar, se resumirmos os resultados de nossas pesquisas baseadas numa combinação de métodos indutivos e dedutivos, os princípios relativos à maneira de expansão das culturas aruaques podem ser divididos em negativos e positivos.

1. Como o mais importante princípio negativo o estudo revelou que a atual constelação das condições culturais de América do Sul, até onde ela se refere à região das culturas aruaques, não deve ser atribuída a simples migrações de massas étnicas mais ou menos compactas, que, ou penetram em regiões despovoadas, ou dominam a população nativa, desbaratando-a ou compelindo-a na sua frente. A teoria dos deslocamentos de povos, na forma até agora empregada, quanto às condições culturais do Aruaques, não tem valor.

2. O problema da origem das culturas aruaques não deve por isso ser considerado igual ao da origem das tribos aruaques.

3. A doutrina dos círculos e camadas culturais, baseada na teoria dos deslocamentos, por partir de pressuposições erradas, não conduz a qualquer resultado aproveitável, quanto às culturas aruaques.

4. As diferenças nas diversas tribos aruaques não devem ser atribuídas, nos seus pontos principais, a modificações ocorridas em uma população originalmente homogênea, devidas a condições locais ou temporais, nem a contato externo com outras culturas.

Como princípios positivos foram estabelecidos:

5. Três alvos econômicos são os que representam o motivo propriamente dito para a expansão das culturas aruaques. A ocupação de terra, adequada para a lavoura, a obtenção da necessária mão-de-obra e a oportunidade para obtenção dos necessários meios de produção. O aumento de volume do trabalho ligado com o cultivo do solo leva à criação de uma classe de população que se pode aproveitar como trabalhadores.

6. Para alcançar o principal desses três alvos, a criação de uma classe economicamente dependente, mantendo em pé a própria posição dominante, as tribos aruaques empregaram meios em parte violentos em parte pacíficos. Entre os meios violentos sobretudo o rapto de mulheres e crianças está geralmente difundido, ao passo que dos meios pacíficos e antes de tudo um certo número de instituições, como a do direito maternal, da exogamia, das formas especiais de enlaces e finalmente da "couvade", devem ser tomados em consideração, os quais, por os considerarmos um meio para a criação de uma classe dominante, é que vêm a ser de todo conhecidas em todo o seu alcance. Coisa análoga se dá com as idéias religiosas, cujas forças internas desempenham importante papel entre os meios pacíficos dos Aruaques para conseguir domínio econômico.

7. Por sua essência a expansão das culturas aruaques baseiam-se em que as classe dominante dos Aruaques, como verdadeira portadora dessas culturas expandiu sua influência, à moda de colonização, sobre cada vez mais unidades étnicas da região de florestas da América do Sul.

8. As diferenças nas tribos aruaques são devidas a que as culturas aruaques, ao obterem sua posição dominante, nos diversos lugares entram em contato com variadas tribos, que a partir de então, após estarem infiltradas pela cultura aruaque, formam as sub-tribos da grande unidade cultural.

9. Do mesmo modo se explica a diferença dos dialetos aruaques por meio de uma fusão de línguas aruaques cada vez com outras línguas.

10. A penetração das culturas aruaques em regiões cada vez mais extensas não é fenômeno isolado, que se verificou uma só vez, mas dá-se em repetição contínua. Por essa sucessão de novas emanações culturais já estão dados os primórdios de uma divisão em escalas das condições de dependência.

11. Perante as culturas mais elevadas, as culturas aruaques têm tendência de procurar conseguir do intercâmbio com elas, vantagens para a manutenção de seus direitos senhoriais. Nisso está contido o germe para a sucessiva dissolução da independência das culturas aruaques, diluídas na corrente de culturas superiores.

12. A evolução cultural que se operou nos diversos bens culturais com o avançar dos Aruaques, deve ser encarada, em casos importantes, como o efeito que se queria propositadamente alcançar, com o modo de proceder dos Aruaques, como classe dominante, para com a população nativa. Desse efeito intencional em determinados bens culturais explica-se sua notória concordância, confrontada com a grande diferença em outros bens culturais, não submetidos a essa influência.

Já esse resumo de nossos resultados nos doze princípios acima mostra a que importantes problemas nosso tema, por si muito especializado, conduziu. Trata-se de um número de importantes questões básicas da etnologia, com as quais teríamos que estar às claras. Mas um número ainda maior de problemas importantes apenas pode ser citado superficialmente, por falta de suficientes trabalhos preliminares.

Se sua solução definitiva deve ser deixada a ulteriores pesquisas, com mais perfeita aparelhagem de trabalhos preliminares, temos assim mesmo esperança de que chegamos, com o presente trabalho, estabelecendo pontos de vista novos, mais perto da solução desses problemas.

Sobretudo será necessário no futuro, para criar fundamentos mais sólidos, estudar as demais unidades culturais sul-americanas de modo semelhante como se fez aqui com as culturas aruaques. É verdade que nas tribos aruaques as condições para pesquisa de sua expansão ofereciam-se muito favoráveis; além de minhas experiências pessoais, que adquiri nesse sentido entre os aruaques, estamos relativamente informados sobre os mesmos, em extensas regiões, por observações autênticas e seguras, e ainda, os princípios por nós estabelecidos, aqui estão muito

mais palpáveis, na superfície, do que é o caso nas outras unidades culturais sul-americanas. Agora, que esses princípios já estão esclarecidos, não poderá mais ser excessivamente difícil, por meio de pesquisas especiais, cada vez mais extensas, estabelecer seu limite de alcance. Só então se poderá determinar definitivamente seu alcance geral.

Se porém se revelaria então que o limite de validade desses princípios de fato se estende consideravelmente além do estreito campo da esfera de influência das culturas aruaques, e se esses princípios — o que parece provável — se revelaram de fato como culturais históricos, teríamos assim uma boa explicação para a tendência ascendente, resultante de ação conjunta de contínua uniformização, da história da humanidade. Na contínua subjugação dos elementos culturalmente inferiores, portanto na divisão da humanidade, economicamente, em dominadores e dominados, a raiz de cada progresso cultural deveria ser procurada. Mas não só na supremacia da força bruta dos portadores da cultura deve ser atribuída essa contínua divisão da humanidade em classes, mas sobretudo também aos meios pacíficos pelos quais o portador da cultura, graças às vantagens culturais, procura manter a população subjugada em dependência econômica. Essa contínua obtenção de classes economicamente dependentes sempre renovada seria assim necessária para a evolução ascendente da cultura que se processa entre constante progresso e em recíproca fragmentação e uniformização dos elementos isolados.

Tradução de autoria desconhecida, proveniente do Museu Nacional, mimeografada ou datilografada em papel timbrado do Ministério da Agricultura, do original: “Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung”. *Studien zur Ethnologie und Soziologie*, herausgegeben von A. Vierkandt, Heft 1. Leipzig, 1917. 109 pp. e 1 mapa. O mapa que acompanha a tradução não foi incluído por ser uma cópia meio apagada tomada do original.